



Cadernos de Guardados

Volume I

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Comunicação

Memorial descritivo

Cassilda Golin Costa | Cida Golin

Memorial descritivo apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como exigência do Processo Avaliativo
para Promoção a Professor Titular

Porto Alegre, agosto de 2021



Sumário

Volume I

Orientações de leitura | 9 |

Caderno 1

As datas, um início | 13 |

A primeira sala de aula | 1972 – 1982 | 15 |

A escolha pelo Jornalismo: uma foca na *Gazetinha* | 1983 – 1986 | 18 |

Sonhos de redação | 1986 – 1988 | 23 |

Alice no Mestrado | 1989 – 1992 | 25 |

O rádio e o enfrentamento da voz | 1989 – 1992 | 28 |

O museu da praça da Alfândega | 1992 – 2005 | 29 |

Entrevistas com mulheres de escritores | 1992 – 1998 | 34 |

Uma universidade a 120 quilômetros | 1998 – 2004 | 38 |

Caderno 2

UFRGS 2005 – 2021: de volta à Fabico | 48 |

Ensino | 51 |

O ensino de rádio na Universidade pública | 51 |

Novamente, do rádio para a comunicação em museus | 56 |

Jornalismo e cultura | 61 |

Os cursos na pós-graduação | 72 |

Meus (ex) orientandos | 75 |

Os primeiros passos do jornalista-pesquisador: as monografias | 79 |

As bancas | 81 |

*Intermezzo: atividades técnicas,
administrativas e de extensão* | 83 |

Conselhos e comissões editoriais na UFRGS | 83 |

Rotinas da estrutura administrativa da Unidade | 87 |

Trabalhos técnicos: produção de pareceres | 90 |

Projetos e ações de extensão | 91 |

***Pesquisa e produção intelectual* | 93 |**

O LEAD e a comunicação nos periódicos científicos | 2005 – 2007 | 93 |

A cultura pelo viés do jornalismo no *Diário do Sul* | 2007 – 2011 | 95 |

Porto Alegre imaginada: representações da cidade no rádio | 2007 – 2009 | 100 |

A cidade no suplemento *Cultura de Zero Hora* | 2012 – 2016 | 102 |

Gestos memorativos sobre a cidade no *Cultura de ZH* | 2016 – 2020 | 108 |

As pesquisas do Grupo de História da Comunicação | 2012 – 2021 | 115 |

Redescoberta da revista *Oitenta* | 2012 – 2014 | 115 |

A jornalista Maria de Lourdes Sá Brito e o *Correio Infantil* | 2015 – 2018 | 118 |

Caminhar para escrever: Aquiles e Porto Alegre | 2018 – 2021 | 121 |

Passeantes do lugar: cronistas culturais em Porto Alegre | 2021 | 124 |

Estudos recentes em rádio e outros projetos | 2019 – 2021 | 127 |

***Última página* | 132 |**

***Referências* | 142 |**

Volume II

***RAD* | 156 |**

***SABI* | 201 |**

***Certificados* | 206 |**

***Currículo Lattes* | 491 |**

...ção da exclusão social.
...ção da Abolção da escravidão, por

Lima Barreto — 4 maio 1911
...ção pela

uma vez (não consegui acessar)
... — mulheres

...to e o povo 1921

— 26 jan 1915 A
... pessoas que cons

...mo x crítica ra

... / música
...ção x deso

PESQ

...idago@
...idagr
...s Ca
...@g
...12
...il, sexta, 9h30min, no lead (9h15)
...na compesq/propesq: nome sugerido: Estudos de
...ais
...ntar, criticar e detalhar o novo projeto Cidade no
...s (everton e mariana) para discussão posterior
...texto Pastora (espanhol Madri)
...pesquisadores internacionais que trabalhem na
...ura a partir das pesquisas realizadas pelo
...re o espaço dos suplementos no jornalismo,
...RS, a partir das três pesquisas (caderno de

(VISO DO HUMOR)

TRANQUILIZA

73 | A Distinção — relação entre indivíduo e sociedade.
Toma como objeto o GOSTO — preferências ou julgamentos que ocorrem da posição do indivíduo no seu espaço social, no seu HABITUS.
L leis tendenciais
Estratégias de distinção

74 | HERDEIROS
Cultura escolar é uma herança para uns e um aprendizado, ou melhor, um ACULTURAMENTO para outros.
L posição do indivíduo no grupo
L grupo na estrutura social.

75 - Imposição dos critérios de excelência se faz por meio de artifícios que criam relações de classe e de dominação. VIOLENCIA SIMBOLICA.

77 | Dominados como cúmplices de sua própria dominação.

SUGESTÃO -
Ref. bibliográficas.
Baumann — Legisladores e intérpretes.
Museu, arte hoje

DISCIPLINA ARTE E SISTEMA

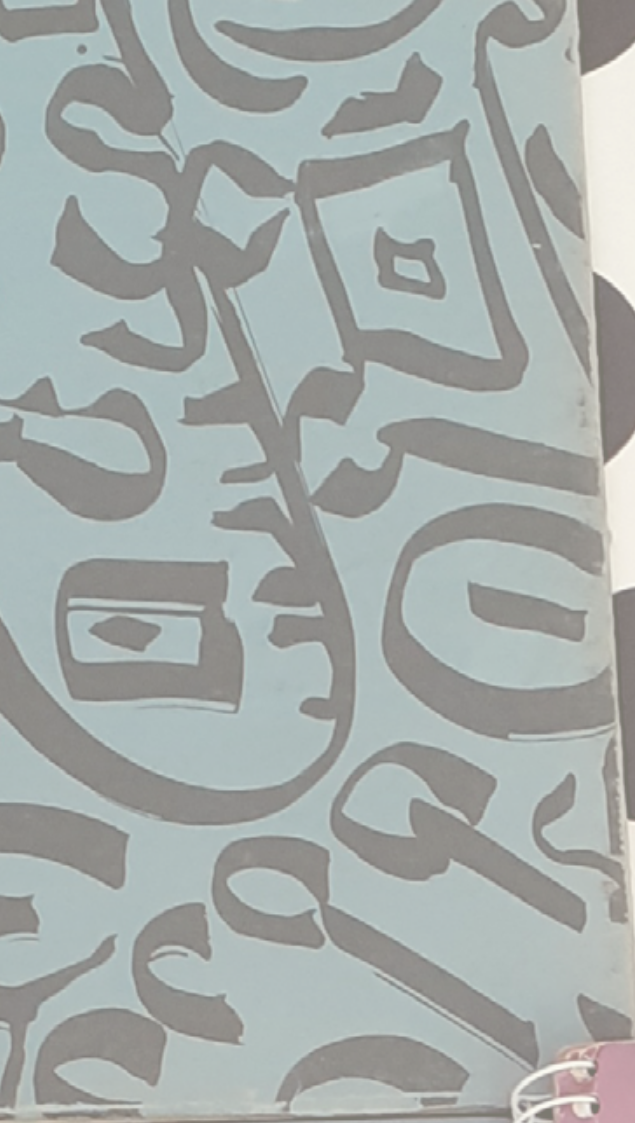
Orientações de leitura



Este memorial é dividido em duas partes. A primeira apresenta cenas do meu percurso de formação e a etapa inicial da vida profissional até os 39 anos. É uma parte menos extensa e apresenta um caráter mais contextual e afetivo a fim de emoldurar e lançar luz às escolhas e caminhos que tracei na UFRGS. As imagens e fotografias cumprem uma função documental, retratando alguns dos momentos-chave e realizações, a maioria registrada no Currículo Lattes.

A segunda parte descreve os 16 últimos anos, vividos na UFRGS, e busca dar conta das atividades de ensino, de pesquisa, de extensão, administrativas e técnicas. A maioria destas ações está documentada no Relatório de Atividades Docentes (RAD) da Universidade e no SABI (catálogo online das bibliotecas da UFRGS). Eventuais documentos, que não estejam presentes no RAD, serão apresentados nos anexos. As indicações serão feitas ao longo do relato e em notas de rodapé. Além do RAD, do SABI e dos anexos, incluo também a cópia mais recente de meu Currículo Lattes.

Por fim, os cadernos (capas e páginas manuscritas), que ilustram e emolduram o memorial, fazem parte dos meus guardados. São cadernos de anotações e de leitura, estão comigo desde 2005 e constituem um registro manuscrito deste tempo de trabalho que, aqui, se transforma também em caderno.



Cartaceo Pirella Göttsche
www.pirella.com
www.gottsche.com
8 005235 215771



... e caótico da identidade.

... de expectativas que geram

... no doc. brasileiro a sobreposição da
... sobre a imagem.

... forte // a palavra adona a imaginação

... (2004)

... e o princípio (2005)

... para marcar p/mover

... a certeza que as pessoas bastam e valem
... um PTANIC

... ninguém escuta ninguém.

A OLHAR de acontecimentos de pessoas

... Historiador do letivo

↓

... Conhecimento indicativo e fragmental.

... sintomas — indícios e pistas

... elemento de menor importância, marginais
... e residuais

CHARTEIR > cruzamento das práticas com
... as representações.

21) DIFICULDADES DA LEITURA.

22. MATRIZES DE PRÁTICAS SOCIAIS EM

... de fala das seus habitantes, nos
... nossa cidade

bio — a ordem da cidade

73 | A VIRADA ETNOGRÁFICA

24 | Anos 20 | A etnografia,
... desenvolvem em proximidade,
... no tempo e no espaço.

NARRADOR de Benjamin.

"fazer o mundo apresentar-se

INTENSIDADE DO QUE É

mais do que o que se co

Algo se impõe, e sucede e
FABULAÇÃO.

DIA 09.04.2014

~~... ..~~

LUCIANO ALF

* PARECIA ARIE

PAULO SILVE

PAULO SILVE

PRÓXIMA PESQUISA | DESTOBR

HABITUS DO CRONISTA

— TER VÍNCULO COM O LUGAR

— CONSTRUÇÃO DO LUGAR

— R. GRADE NO JORNALISMO

⇒ abolicionista — Apolinário

⇒ Theo — D. Notícias

⇒ Gilde — R. Globo

⇒ Qual arco temporal? D

— RUA (trajetos)

⇒ Superposição das falas.

⇒ Posições narrativas.

⇒ ^{privilegiados} Cronistas culturais? SI

* Achar outros lugares menos

VESTUÁRIO — como linguagem

40 ANOS — literatura fortemente
literatura como missa



Caderno 1

As datas, um início

Ao começar esta narrativa, penso obsessivamente na frase de Alfredo Bosi:

– “Datas. Mas o que são datas? Datas são pontas de icebergs.... [...] Sem essas balizas naturais que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se despedace de encontro às massas submersas que não se veem?” (BOSI, 1992, p. 19-32)

Deslizando na leitura flutuante, sigo pensando com ele que datas são números, algarismos que fixam com objetividade aritmética a polifonia e a densidade do tempo social, do tempo cultural, do tempo do meu corpo. Ao mesmo tempo, a memória me faz sentir com cinco, dez, 15, 20 anos, jogando suas imagens estilhaçadas, tal qual um diálogo especular, na contraface de um corpo que envelhece e parece não coincidir com as imagens que ali habitam.

Afogada entre epígrafes e cadernos de anotações, outra frase faz sentido, desta vez de Paul Ricoeur (1994), de que narrar é dar sentido ao tempo humano. Para narrar e compreender o tempo de 16 anos de trabalho vividos e dedicados a esta Universidade, precisarei recuar bem antes à minha entrada na UFRGS em maio de 2005. Naquele mês de decisões tensas, eu já tinha 39 anos e quase 21 de trabalho profissional registrado. Ao elaborar esta narrativa, me dei conta do quanto o período acadêmico foi, sem que eu planejasse, também um espaço de autorreflexividade e, portanto, uma espécie de autoanálise das experiências profissionais e subjetivas no cotidiano do trabalho e nos processos de formação.

Para melhor iluminar o tempo “a ser documentado” do memorial, recuarei bem antes de me tornar professora. Será uma passagem descritiva mais

rápida, porém fundamental para capturar e dar sentido ao tempo vivido. Nas imagens que rodam obsessivamente, vou escolher uma para começar: 1973, 1974, é domingo, dia em que o *Correio Infantil* bate à porta de casa. Depois do almoço, a página comprida do jornal se esparrama na mesa da sala e sob os meus olhos. Ali, na página editada por Maria de Lourdes Sá Brito – uma das primeiras jornalistas a se inserir formalmente num campo profissionalmente masculino –, leio notícias, poesias, textos, vejo figuras, respondo o *Quem é que sabe*. As respostas, endereçadas ao *Correio Infantil* num envelope entregue religiosamente pelo meu pai, na portaria da Caldas Júnior, a cada segunda-feira, podem ter sido um gatilho... será?... sei que foi um dos gatilhos do afeto estabelecido para sempre com páginas impressas onde se estaria, sem dúvida, no melhor dos mundos. De tanto responder aos questionários, finalmente ganhei o primeiro prêmio, recebi um livro e conheci, aos oito anos, a redação de móveis escuros do *Correio do Povo*.

Eu repetia uma experiência comum a crianças de Porto Alegre que, volta e meia, apareciam na redação para conhecer os mistérios de como se fazia jornal. Quando recebi o acervo da jornalista e professora Maria de Lourdes pelas mãos de sua sobrinha, a jornalista e professora da Universidade de São Paulo, Claudia Lago,¹ e pude me reencontrar com fragmentos daquelas páginas, entendi o quanto a escola e a instituição jornalísticas se vinculavam, juntas, na promoção da leitura e na fruição de textos apoiadas, quase sempre, na tarefa de redigir.

Quase cinquenta anos depois daquela cena de domingo, eis eu aqui redigindo...

¹ Este material se encontra, no momento, sob a guarda do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD – CNPq).

Na verdade, após estudar aquele acervo em equipe² (processo de pesquisa esse que me deu um profundo prazer!), entendi o quanto a redação de textos, apoiada no pacto da correspondência, constituiu um dos principais engajamentos propostos pelo *Correio Infantil* ao seu público. Acredito que esta experiência (me) deu senhas para a leitura e para a escrita, para a valorização do livro e do jornal, adestrando os jovens corpos leitores (o meu corpo leitor) à temporalidade da espera, a espera paciente por uma resposta, pelo ciclo da semana cujo ápice se dá no final de semana, pela possibilidade de se ver espelhado em texto e imagem no território público conquistado (GOLIN, 2018a; 2018b).

A primeira sala de aula | 1972 – 1982

Nas páginas do *Correio Infantil*, (re)encontraria representadas cenas comuns ao meu cotidiano da escola, da biblioteca, do salão de teatro. Se um professor que entra numa sala de aula é, sobretudo, como ensina Pierre Bourdieu, herdeiro de uma tradição de saberes, preciso parar no Colégio Sévigné para encontrar algumas pistas que me trouxeram a este lugar. No delicado e difícil trabalho de transmissão, não estão em jogo apenas conhecimento, técnica e performance, mas sobretudo processos inconscientes, processos de criação e expressão que implicam em um saber singular daquele que se aventura pela educação.³

² Esta iniciativa integrou um projeto maior do Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da FABICO, intitulado *Histórias de vida na Comunicação – Trajetórias profissionais no Rio Grande do Sul*, e gerou dois capítulos publicados em livro. Este trabalho será relatado, posteriormente, no item Pesquisas.

³ Aproprio-me, aqui, de reflexões da psicanalista Rose Gurski, do Instituto de Psicologia da UFRGS, que sublinha a singularidade do processo de transmissão cuja autoridade é sustentada de modo simbólico e que, hoje, se vê atingida pela erosão do lugar do professor. Rose Gurski falou em uma live da ADUFRGS – Sindical sobre “Saúde mental em tempos de pandemia e distanciamento social” realizada em 24.06.2020.



Visita ao *Correio Infantil*, 1974.
Acervo pessoal.

Foi com um sorriso de cumplicidade que encontrei, quando pesquisava as crônicas de Aquiles Porto Alegre, algo que conhecia bem: o barulho da sineta do colégio da rua Duque de Caxias, “despertando as educandas para o estudo” (PORTO ALEGRE, 1994, p. 140). Aquiles era (como eu) vizinho ao colégio fundado em 1900 por um casal de franceses. Por motivos de saúde, o casal ficou poucos anos na cidade, entregou o negócio à Congregação francesa das Irmãs de São José, deixando no nome da escola uma homenagem à intelectual aristocrata que ganhou prestígio pelo caráter literário de suas cartas e pela reflexão sobre a condição feminina no século XVII.

O certo é que ninguém nem sabia qual personagem havia por trás do nome do colégio quando entrei lá, em 1972, para atravessar todo o período de formação do primeiro e segundo graus até 1982. Em pleno vigor da ditadura civil-militar, fazia parte da primeira turma após a Lei 5.692 que mudou a organização do ensino no Brasil e que tramitou de forma sumária no Congresso. Em linhas muito gerais, a reforma visava um ensino de viés instrumental em dois ciclos, formando um contingente profissional capaz de responder à aceleração da industrialização e às expectativas do milagre econômico, além de reduzir a pressão dos “excedentes” pela Universidade.⁴ Caberia a ela a tarefa do ensino “verbalístico e academizante” recebendo quem pudesse entrar e/ou pagar.

Vale lembrar que a Fabico, onde nos encontramos agora, surge justo nesse período, em 1970, após a Reforma Universitária, quando o curso de Jornalismo deixa a efervescência da prestigiosa faculdade de Filosofia, onde se encontrava desde 1952, sendo

⁴ Fonte: Agência Senado. << <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/03/reforma-do-ensino-medio-fracassou-na-ditadura>>> Último acesso em 05.07.2021.

um dos primeiros cursos de Jornalismo no Brasil, para se unir ao curso de Biblioteconomia, egresso da Economia, fundando o campo da Comunicação e Informação dentro da Universidade federalizada.

Voltando aos ciclos formativos numa época de mordaças e horizonte pragmático, tive a sorte e o privilégio de passar 11 anos em um colégio médio, com turmas pequenas e já “levemente” mistas, e que apostava na perspectiva construtivista e reflexiva de aprendizado. Fico pensando se esta passagem se encontra profundamente turvada por traços de nostalgia e idealização. É bem possível..., embora me pergunte sobre as tantas contradições vividas ali: um colégio particular católico que carregava a rocha fundante da matriz educacional feminina das classes médias, mas que exatamente entre o início de 1970 e 1980 apostaria no ensino da dúvida, na provocação da curiosidade, da comunicação e expressão, da experimentação pedagógica e, posteriormente, suponho, no engajamento com setores da chamada Teologia da Libertação.

Insisto nesta passagem agora, pois irei recorrer a essa base empírica quando entrar numa sala de aula como professora em 1998. Enquanto esse tempo adulto não chega, e durante os anos mais lúdicos do primeiro grau, viveria na prática características da pedagogia construtivista como, por exemplo, avaliações e autoavaliações descritivas, sem a presença de números (graus). Nesta aposta do colégio pelo conhecimento construído na ação-reflexão, havia o protagonismo da expressão cênica e, sob meus óculos de hoje, claro, algumas “licenças poéticas” como “ter” a chave do salão da escola para poder ensaiar no palco, ou do pátio do recreio servir também de pátio de esportes no turno inverso à aula, ou da “facilidade” da matemática “moderna” apreendida nas formas e no movimento de blocos lógicos.

Os anos mais duros e repressivos da década parecem submersos no tempo da infância, cenas encobertas, provavelmente... Porém, sustentados pela “esperança equilibrada” da segunda metade da década de 1970 e, especialmente a partir da década seguinte, a escola parecia nos ensinar utopia ao promover uma perspectiva de preocupação com o coletivo e com o social. Lembro de ter lido em aula *A ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes, quando este livro recém havia sido lançado em 1980, de que a obra *Vida secas*, de Graciliano Ramos, serviu como âncora para a integração de várias disciplinas durante um período; das aulas de religião serem aulas de filosofia, e que minhas amigas da turma de Magistério fizeram seu estágio com as crianças do Acampamento de Agricultores Sem Terra, na Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta/RS, emblemático movimento que ocorreu entre 1980 e 1983. O colégio costumava repetir que não ensinava para o vestibular, mas para a vida... (depois vim a saber que esta frase também fazia parte da reforma educacional).

A escolha pelo Jornalismo: uma foca na *Gazetinha* | 1983 – 1986

A escolha pelo campo do Jornalismo, que desde 1969 exigia diploma universitário como requisito profissional, deu-se na vida do colégio, entre conversas com professores e colegas. Não havia na minha família, a não ser meu avô literato que vim a descobrir muito tempo depois por meio da herança de parte de seus livros e recortes, ninguém que houvesse apostado na profissão. Minha irmã havia feito Publicidade e Propaganda na FAMECOS e trabalhava com sucesso no mercado local. A opção

pelo Jornalismo estava ancorada no desejo de ser uma espécie de “despertador” de ideias, como diria o velho Aquiles. Pelos bastidores, imaginava eu, “*provocaria reflexão e ampliaria a consciência do público*”... Pode parecer muito ingênuo ou bobo ou iluminista demais, mas foi exatamente assim que fiz, aos 16 anos, minha escolha no vestibular de 1983. Havia, porém, um detalhe fundamental: promover reflexão do público implicaria também em trabalhar com cultura, com arte, com literatura.

Enfim, era chegada a hora de sair literalmente daquilo que considero a zona íntima do colégio, de ouvir meu nome no listão de aprovados transmitido pela Rádio da Universidade e entrar na tão cobiçada UFRGS. Cumpri exatamente o que previa a Reforma do Ensino dos anos 70: encerrar o ciclo formativo com pouca idade e seguir adiante, seja no trabalho ou no estudo. Com 17 anos recém-feitos, estava na lista de chamada da turma de bixos da Fabico, uma Fabico profundamente diferente da que trabalho hoje. Um prédio adaptado de almoxarifado, muito maltratado e pouco convidativo, um retrato típico dos equipamentos do ensino superior público em 1983. Sem dúvida, foi um choque para quem tinha o costume de estudar como quem estava dentro de casa. Havia uma turma inicial de largada, mas o que senti mesmo, após os primeiros semestres, foi a dispersão de colegas espalhados em disciplinas de vários níveis e horários, estratégia típica da repressão para que não se criassem vínculos fortes entre grupos de jovens.



*Imagens em Negativo
das aulas de redação.
Acervo pessoal.*



Reprodução do jornal laboratório 3X4. Capa e página interna. Acervo da Biblioteca da Fabico.

Capa e contracapa de um jornal experimental da FABICO. Acervo pessoal.



Em julho de 1984, algo muito forte me segurou no Jornalismo para além do orgulho de receber o primeiro salário com a carteira assinada aos 18 anos: a redação da *Gazetinha*, um dos lugares mais especiais inventados por quem estava interessado em jornalismo de referência. Além de estar repleto de profissionais gabaritados, a maioria vinda da experiência da *Folha da Manhã*, do *Coojornal*, que havia parado de circular há um ano, do tradicional *Correio*, que fechara um mês antes, ou de jornais de São Paulo, era uma redação muito afetiva para criar uma “foca”. Assim eu fui criada, uma foca trabalhando na editoria de cultura, cobertura essa muito prestigiada pelas suas fontes e público e que se tornou carro-chefe daquela experiência da *Gazeta Mercantil Sul*, sucursal do jornal paulista homônimo, único diário de economia de circulação nacional na época. Sublinho esta experiência e voltarei a ela posteriormente, durante os projetos de pesquisa realizados na UFRGS, porque reconheço ali elementos estruturantes de um aprendizado, de um “saber-fazer” que estão comigo até hoje, uma base de valores (os óculos de Bourdieu?) apoiada na convicção da pauta estudada, na responsabilidade pela checagem rigorosa, pela contextualização da informação, diversidade de pontos de vista, texto bem acabado e, no caso da cultura, da inserção dos processos e produtos dentro da economia e da produção de valor, algo sempre denegado nos textos da área.⁵



O primeiro emprego em 1984 na *Gazeta Mercantil Sul*. Acervo pessoal.

⁵ Posso localizar aí elementos para um agir que passa a ser interiorizado, elementos de um sistema de disposições difíceis de abandonar e que formatam determinado *habitus* profissional dentro do seu campo social.

Junto a essa experiência fundante no campo jornalístico, terminei minha faculdade em dezembro de 1986, aos 20 anos, com a clássica formatura de gabinete e, para eternizar uma passagem sem ritual, tiramos uma fotografia de *lambe-lambe* na Praça da Alfândega. Como resposta ao descontentamento generalizado em relação ao ensino vigente, a habilitação de Jornalismo, atravessaria mais uma reforma curricular em meados da década de 1980. O currículo mínimo, implementado nacionalmente em 1984, defendia o propósito de fazer emergir uma *práxis* no ensino da Comunicação, em busca da indissociabilidade da teoria e prática, tão fundamental para a formação do estudante (MEDITSCHT, 2012).

A UFRGS, no início dos anos 1980, incentivava uma intensa fruição de manifestações artísticas, especialmente em projetos como o Unicultura, da Pró-Reitoria de Extensão, com uma agenda sistemática de música, teatro, cinema, dança, retomando fortemente a relação de centralidade com a cultura da cidade. Em plena década considerada “perdida” economicamente, mas sob a brisa da “redemocratização”, Porto Alegre se transformou num dos polos nacionais de referência, “movida” por uma onda de produção artística e editorial, além de vários equipamentos culturais que foram revitalizados. Bem próximo ao campus central e ao prédio da Fabico, estava o bairro Bom Fim, a efervescência noturna e boêmia da avenida Osvaldo Aranha e os ciclos formativos do cinema Bristol, herança de nossa forte tradição cineclubística. Como estudante de Jornalismo da UFRGS e integrante da equipe de Cultura da *Gazeta Mercantil Sul*, vivi intensamente esse período e reconheço nele bases profundas do meu repertório de formação na dimensão do jornalismo especializado.⁶



Formatura numa tarde de segunda-feira em dezembro de 1986. Cena de fotógrafo lambe-lambe no Chalé da Praça XV. Acervo pessoal.

⁶ [ANEXO 1] Todos os vínculos de trabalho descritos no Caderno 1 estão documentados no anexo 1.

Sonhos de redação | 1986 – 1988

Ao término do curso de graduação, já estava oficializada como repórter da editoria de Cultura, desta vez do *Diário do Sul*, jornal resultante do êxito editorial da *Gazeta Mercantil Sul*. Bem na véspera da digitalização generalizada dos processos e do enxugamento das equipes de redação, foi o último jornal de referência em formato *standard* no Rio Grande do Sul que buscaria suprir a lacuna editorial trazida pela falência da Caldas Júnior, inclusive aproveitando seu parque gráfico, algo que posteriormente não se concretizou. Tendo como norte o espanhol *El País*, o *DS* visava um público elitizado

Reportagens de cultura no jornal *Diário do Sul*. Acervo pessoal.



com pauta diária de “revista”, cobertura aberta ao mundo e não dedicada somente à cena local, produção essa intensificada pelos acordos de tradução com várias agências e publicações internacionais.

Podemos dizer que a década de 1980 foi um tempo profícuo na produção de cadernos de arte e cultura. Enquanto os jornais brasileiros abriam cadernos diários especializados na agenda e na cobertura desse segmento, tendo como baliza o caderno *Ilustrada* da *Folha de São Paulo*, o *Diário do Sul* manteria a aposta na editoria de Cultura como um dos melhores produtos que poderia entregar aos seus leitores. Em geral, o manual de redação do DS enfatizava os princípios de construção da credibilidade, seguindo rotinas editoriais semelhantes às da *GzM*. As matérias deveriam, em princípio, apresentar um perfil analítico, explicitando o contexto, causas e consequências, com checagem precisa das informações. A assinatura dos textos, tal qual nas páginas da *Gazetinha*, visava tornar o jornalista corresponsável pelo material publicado, buscar o fortalecimento da expertise e fazer com que os repórteres fossem conhecidos pela competência no trato de determinados assuntos (GOLIN; GRUSZYNSKI, 2009).

Artes visuais na redação e equipe da editoria de Cultura do jornal *Diário do Sul*. Acervo pessoal.

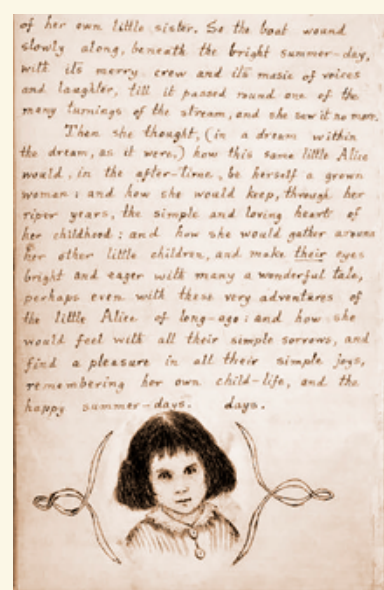


Alice no Mestrado | 1989 – 1992

Foram quatro anos e meio muito intensos entre a redação da *Gazetinha* e a do *Diário*, até que a soma da conjuntura econômica, problemas internos ao grupo Gazeta Mercantil e a ascensão da RBS como empresa hegemônica no difícil mercado sulino, deu fim à rara proposta editorial do *Diário do Sul* no dia 30 de setembro de 1988. A partir daí, fui atrás de algo que me inquietava havia tempo: a necessidade de continuar meus estudos formais. Como não tínhamos cursos *stricto sensu* em Comunicação em Porto Alegre no final dos anos 1980, optei por seguir no caminho da Letras, segmento em que interagiu como repórter e com o qual tinha muita afinidade, assim como artes plásticas e artes cênicas.

Ao reorganizar cronologicamente uma perspectiva de minha história, vejo que reúno elementos muito gerais e, ao mesmo tempo, bem singulares, do campo profissional do qual sou egressa, de suas características históricas de aprendizagem formal, consensos e crenças que parecem eternos, mas que se modificam historicamente.

Vejo que o perfil identitário para o qual fui orientada é apenas uma bruma, não existe mais. Como vimos, sou da geração dos diplomados em um campo cuja clivagem entre os teóricos (acadêmicos) e os práticos (os verdadeiros jornalistas do chão de fábrica da redação) era algo muito forte. Logo, não esqueci o olhar de desconfiança com que colegas veteranos, referências para mim, receberam minha aposta no Mestrado acadêmico em 1989, na área de Teoria da Literatura da PUCRS, na época um curso prestigiado nacionalmente e que tinha Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini como referências no corpo docente.



Com uma coleção de exemplares da *Folha da Criança* da *Folha da Manhã*, outro encarte infantil de que participei e que me fez colecionadora, saí em busca de guarida onde pudesse desenvolver um projeto que problematizasse este tipo de objeto. O Mestrado, na época, era realizado em três anos, uma temporalidade mais larga, não apenas para interiorizar com calma as leituras como também para mudar radicalmente de projeto. Se a intensidade dos dois primeiros semestres constituiu literalmente a graduação em Letras que não fiz, os dois outros anos implicaram num esforço de pesquisa que resultou em um trabalho sobre narrativa, identidade e literatura inglesa, tendo como centro a inesgotável obra das *Alices* de Lewis Carroll.

Na obra antecipatória dos processos de fragmentação impostos pela modernidade, a protagonista Alice transita pelo *nonsense* por meio do artifício onírico e seus episódios desconexos estilizando balizas de identidade: o corpo, o nome próprio, a data, o local e a linguagem socializadora. As narrativas aliceanas desenvolvem essa experiência como um jogo, um intervalo na vida cotidiana, preenchido pelo arbítrio das cartas de baralho do país das maravilhas ou pelos movimentos ordenados de um tabuleiro de xadrez, entre outros elementos. Pode-se afirmar que as aventuras carrollianas consistiram num marco revolucionário em meados do século XIX, especialmente sob a ótica de representação de um personagem criança, antecipando uma construção feita pela diversidade de pontos de vista em torno do que significa sentido e não sentido, garantindo uma condição universal e a possibilidade do paradoxo (GOLIN, 2002).



Artigo sobre uma nova edição de Alice no caderno Cultura de ZH. Dezembro de 2001. Acervo pessoal

Em uma época em que o acesso à bibliografia internacional era difícil, considerando que artigos estrangeiros demoravam meses até chegar impressos ao pesquisador, essa pesquisa foi um tema raro de estudo no Brasil e que me permitiu, tendo a obra literária como mote, conhecer e percorrer um lastro de teóricos da literatura, psicanálise, psicologia, antropologia e filosofia. Mesmo sendo um curso competitivo, não havia ainda, na pós-graduação, a estrutura organizadora do Currículo Lattes nem a normativa, para alunos, de publicação em periódicos científicos, a não ser quando a dissertação e/ou tese fosse encerrada. Mesmo assim, deste período resultaram dois artigos científicos, três capítulos, uma série de entrevistas com escritores publicada na revista *Brasil/Brazil* (PUCRS | Brown University) e, ainda, textos esporádicos na imprensa.⁷

⁷ Do período de Mestrado, tenho as seguintes publicações científicas no formato de artigos:

[SABI 000037063] GOLIN, Cida. A busca da identidade em Alice no país das maravilhas. *Letras de Hoje*, 1991, v. 26, n. 3, p. 51-64, 1991.

[SABI 000128874] GOLIN, Cida. Roman Ingarden e a poesia de Carlos de Oliveira. *Letras de Hoje*, v. 26, n. 1, p. 105-122, 1991.

Entrevistas e resenhas produzidas durante o período do curso de Mestrado na PUCRS:

GOLIN, Cida. Graciliano: retrato fragmentado (resenha). *Brasil/ Brazil* (Porto Alegre), Porto Alegre, n. 10, p. 123-126, 1993.

GOLIN, Cida. Luis Fernando Verissimo: a crônica como um jazz improvisado (entrevista). *Brasil/Brazil* (Porto Alegre), Porto Alegre, n. 10, p. 101-112, 1993.

[SABI 000529054] GOLIN, Cida. Affonso Romano de Sant'Anna: criação poética x teoria (entrevista). *Brasil/Brazil* (Porto Alegre), Porto Alegre, n. 6, p. 77-86, 1991.

E os capítulos:

[Anexo 2] GOLIN, Cida. A identidade da Alice de Lewis Carroll. In: Maria Zaira Turchi; Vera Maria Tietzmann Silva. (Org.) *Literatura infante-juvenil: leituras críticas*. 1 ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2002, p. 47-60.

[RAD 000528419] GOLIN, Cida. A universalidade das narrativas carrollianas: de braços abertos, Alice descobre os dois lados de um círculo. In: Miguel Rettenmaier; Tânia Rösing. (Org.) *Questões de literatura para jovens*. 1 ed. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 136-149.

[Anexo 2] GOLIN, Cida. Queda e renascimento de um teatro. In: Cida Golin; Guilhermino César; Luiz Paulo Vasconcellos; Luiz Roberto Lopez. (Org.) *Theatro São Pedro: palco da cultura 188 - 1988*. 1 ed. Porto Alegre: IEL, 1989, p. 13-27.

O rádio e o enfrentamento da voz **| 1989 – 1992**

No mesmo ano em que ingressei no Mestrado, tive a oportunidade de fazer parte da primeira equipe da Rádio FM Cultura, uma rádio que se queria pública, e que entrou no ar em janeiro de 1989, junto à Televisão Educativa (TVE). Baseada na exitosa experiência da Rádio Cultura de São Paulo, da Fundação Padre Anchieta, a emissora combinava uma seleção primorosa de música nacional, internacional, repertório erudito e jazz. Também havia uma “pitada de rádio Guaíba AM”, pois a direção não perdeu a chance de montar uma equipe de jornalismo para atuar em FM, algo até então inédito, já que essa faixa era sinônimo de grade musical. Naquela redação, cuja maioria era egressa do *Diário do Sul*, tive o primeiro choque de “realidade” ao ter que ultrapassar o platô do jornalista especializado e formado para o impresso e sair a cobrir pautas gerais e definidas no calor da hora, da Expointer às primeiras eleições para Presidente em 1989, fora o enfrentamento de construir e pôr “minha voz” no ar em forma de relato jornalístico.

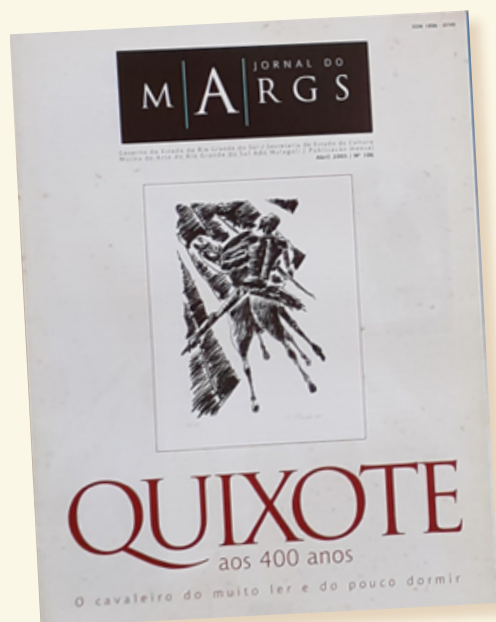
Como o próprio nome de batismo da emissora prenunciava, a cobertura da produção cultural *strictu sensu* acabou ganhando o protagonismo, e ali fiquei até encerrar a cobertura do 20º Festival de Gramado em agosto de 1992, mês em que comecei a trabalhar no Museu de Arte do Rio Grande do Sul como jornalista concursada no quadro de Técnicos Científicos do Estado. Da rádio, ficou o vício de “rádio escuta”, desde o sentido literal da busca pela informação da hora como o interesse pela dimensão expressiva e sensível da sonoridade e a utopia por um rádio possível, um rádio criativo e/ou reflexivo. Acredito que esta experiência tenha sido tão pregnante que me fez, sem que eu planejasse ou até imaginasse, professora de rádio.

O museu da praça da Alfândega | 1992 – 2005

Sem deixar Porto Alegre como muitos de meus amigos jornalistas fizeram no final dos anos 1980, inserida, portanto, num mercado cada vez mais reduzido e monopolizado, assumi meu cargo de funcionária estatutária no Museu de Arte do Rio Grande do Sul em plena voga neoliberal que se estabeleceria de forma hegemônica a partir da década de 1990 no país e no mundo. Apesar de meu apreço pelo MARGS vir desde os tempos de repórter, no início não foi nada fácil mudar de “lado do balcão”, como diz uma antiga gíria do campo, e fazer assessoria, já que não havia me preparado para ela, ainda que entendesse que a comunicação do trabalho do museu estava implícita no mesmo desejo longo de “despertar o público”. Afinal, um museu produz discursos sobre a cultura, sobre a vida, sobre a natureza, idealmente sua missão seria desenvolver a consciência, o questionamento e a crítica. Após a década de 1980, o circuito de artes visuais de Porto Alegre, até então o terceiro mercado no país, passaria por uma redução substantiva do número de galerias privadas de arte, conferindo protagonismo às instituições de maior porte (universidade, museus, centro culturais).

Dentro desse sistema, regida pela pura intuição prática, fui apreendendo os processos de mediação entre os interesses e o discurso de uma instituição cultural e seu alinhamento aos valores e temporalidade do campo jornalístico, além das rotinas e táticas para a produção e manutenção da atratividade dos eventos por meio da visibilidade concedida pelo jornalismo. Quase duas décadas depois, vejo como o imperativo desse tipo de visibilidade se arrefeceu e hoje um equipamento cultural tem plenas condições

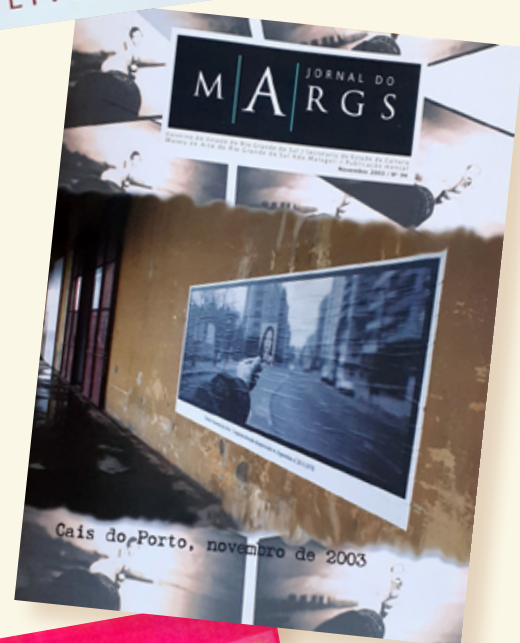
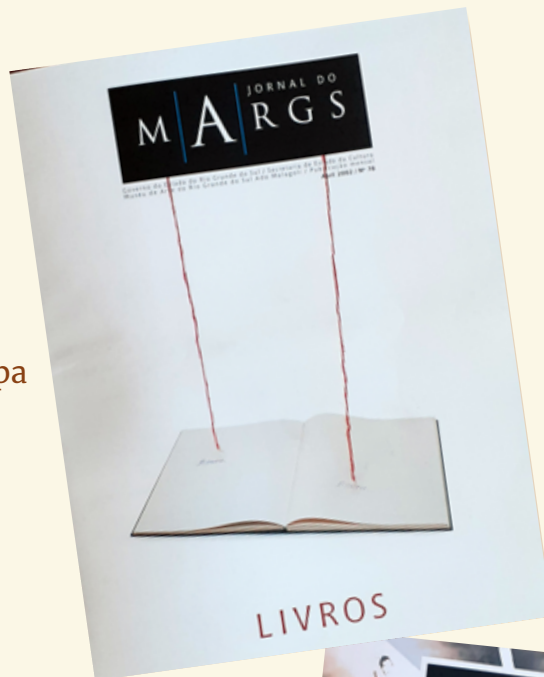
Exemplares do Jornal do MARGS. Acervo pessoal.



de fazer divulgação em contato direto com seus múltiplos públicos, deixando para o jornalismo a chancela de credibilidade e, lógico, do prestígio de ganhar a famosa “capa de segundo caderno”.

Durante muito tempo, considerei o museu uma espécie de segunda casa, tamanho o apego e o sentido de pertencimento que desenvolvi naquele *lugar*. Tive a experiência de vivenciar o prédio da Praça da Alfândega em péssimas condições físicas, cujo saguão inundava a cada chuva mais forte e que se transformava em notícia para pressionar os responsáveis políticos, até vê-lo restaurado em 1997, exibindo a potência de prédios históricos que mudam sua função de origem. Trabalhar num equipamento cultural, tendo obras de arte como objetos corriqueiros sem “a aura” produzida pela ação comunicativa de “exposição”, sentir o cheiro fresco da pintura de uma sala na véspera de uma abertura, são exemplos singelos de rotina, mas que traduzem algo inesquecível.

Nos processos comunicativos próprios ao museu, encontrei na produção editorial um caminho para retomar elementos da minha experiência anterior. Foram vários os trabalhos desenvolvidos naqueles anos, inclusive para outras instituições como o Instituto Estadual do Livro ou a Secretaria Estadual de Cultura, na qual estava lotada. Considero os livros sobre o MARGS e o *Jornal do MARGS* como os projetos mais bem-sucedidos daquele período.⁸



⁸ Desenvolvi estes projetos junto aos colegas Naira Vasconcellos, Vera Grecco e Paulo Gomes, este último, atualmente, professor no Instituto de Artes da UFRGS.



Embora já fosse conhecido em formato menor e mais simples desde 1992, o *Jornal do MARGS* teve o seu auge editorial e de circulação entre 1999 e 2005. Nessa fase, consistia numa proposta de registro analítico das intervenções do MARGS e, para além de seu limite organizacional, visava se fortalecer também pela aposta no exercício da crítica, do ensaio e do registro da memória das artes visuais. Produto gráfico elegante e sofisticado assinado por Ana Gruszynski, era um chamariz para que fosse também colecionável e que circulasse no Brasil inteiro não apenas como

um “cartão de visitas”, mas como uma possibilidade concreta de extensão do museu.⁹ Vale lembrar que o jornal circulava mensalmente, e tal empreendimento, sem dúvida, foi algo bastante raro dentro da realidade das instituições museológicas nacionais, e até mesmo no estrangeiro.

Naquele período também atravessamos a digitalização das coleções e suas tentativas de comunicá-las tanto sob o ponto de vista ainda linear do velho CD-Rom como dos labirintos que se prenunciavam com a produção dos primeiros sites institucionais. Um dos primeiros sites do Museu, elaborado pela nossa equipe de Comunicação, apresentava um perfil próximo ao jornal do MARGS, buscando se consolidar não apenas com notícias da casa, mas como uma revista capaz de atualizar novidades do campo museológico.¹⁰

Outra iniciativa interessante daqueles anos foi a produção de livros dedicados ao registro e à reflexão sobre o acervo e a história cultural do MARGS,¹¹ especialmente a edição comemorativa ao cinquentenário, uma caixa com três livros dedicados ao Museu (1954-2004). Nessa caixa, junto ao professor Francisco Marshall, hoje meu colega na UFRGS, fiquei responsável pela edição de uma “selecta” de ensaios, artigos

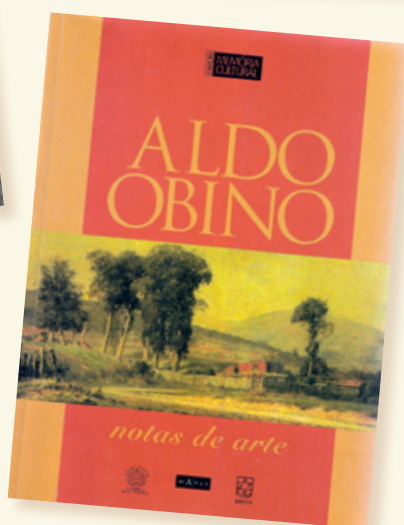
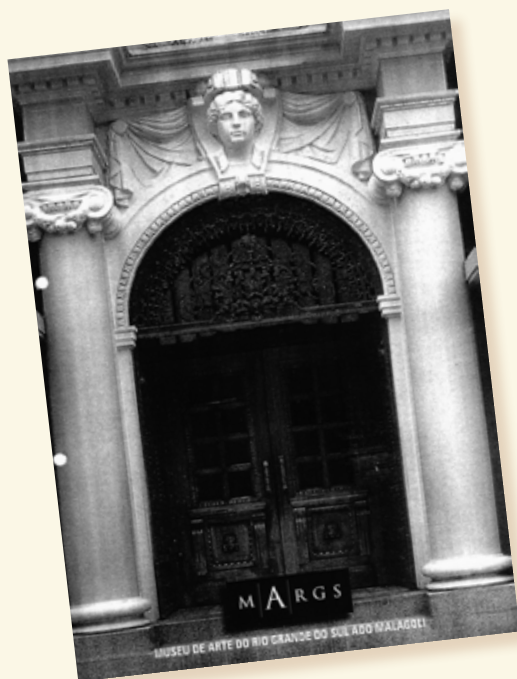
*Produção editorial no museu.
Acervo pessoal.*

⁹ Sobre este aspecto afetivo de colecionar algo que era distribuído gratuitamente, nunca esqueci a imagem da minha primeira estagiária Ana Maria Brambilla que, ao ser entrevistada, disse com orgulho que guardava os jornais do MARGS embaixo do colchão para “não amassar”...

¹⁰ Seguíamos o exemplo, no início dos anos 2000, da Revista Museu, uma novidade na época. <[<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/>](https://www.revistamuseu.com.br/site/br/)

¹¹ [SABI 000535661] GOLIN, Cida. Um museu com território. In: *O Museu de Arte do Rio Grande do Sul*. São Paulo : Banco Safra, 2001. p. 19-24: il.





Edições dos livros do MARGS produzidos em diversos períodos e a coleção Memória Cultural.

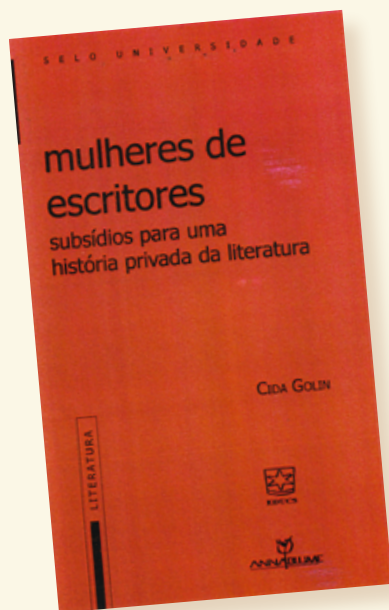
e reportagens publicados em todos os diversos periódicos que o Museu fez circular desde 1976, algo que efetivamente demonstra a importância da produção editorial em uma instituição de memória.¹² Na mesma linha de produção, chamo atenção para o livro com uma entrevista biográfica e a compilação dos textos e notas sobre artes visuais de Aldo Obino, um dos jornalistas culturais mais longevos, que atuou durante 60 anos em Porto Alegre e que, até o final de sua vida, era encontrado pessoalmente nas pinacotecas, motivado sempre pela vontade de conferir *in loco* as exposições. Esse livro foi o primeiro de uma coleção que visava dar conta da história cultural das artes visuais em Porto Alegre.¹³ Tínhamos alinhavado, para a série, uma seleção da crítica de arte do suplemento *Caderno de Sábado do Correio do Povo* (1967 – 1981), cuja coleção estava depositada na biblioteca do Museu.

Entrevistas com mulheres de escritores **| 1992 – 1998**

Simultaneamente à minha entrada no MARGS, passei a integrar, como Bolsista Recém-Mestre, o projeto Fontes da Literatura Brasileira do Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, desenvolvido entre 1992 e 1994. Neste projeto, minha função era entrevistar, dentro de uma perspectiva biográfica, esposas de reconhecidos escritores de projeção literária. É importante demarcar que, no

¹² [RAD 000529448] GOMES, Paulo César Ribeiro et al. **Memória do Museu**. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 2005. 3 v., il.

¹³ [ANEXO 2] OBINO, Aldo. **Notas de arte**. Org. Cida Golin. Porto Alegre: MARGS; Nova Prova; Caxias do Sul: EDUCS, 2002. (Coleção Memória Cultural)



Mulheres
de escritores
em livros

jornalismo, a entrevista longa e aprofundada sempre foi uma de minhas preferências, momento em que sentia um grande prazer na realização do trabalho. Logo, este projeto significava uma oportunidade ímpar para este exercício difícil de palavras, escuta e silêncios em um contexto de ampliação das fontes de pesquisa para a história da literatura.

Sabe-se que toda a história literária é uma construção, a fim de organizar o passado de forma narrativa, partindo sempre de um propósito. Ela age de maneira seletiva, normativa (como a formação de cânones), respondendo às indagações de cada geração ao elaborar sua versão do passado. Da visão do escritor como figura central dos estudos à imanência do texto ficcional, a produção da história acabou expandindo-se para outros vértices do sistema literário, como os leitores, por exemplo. Nesse contexto, o meu projeto privilegiou a visão de sujeitos paralelos ao circuito

oficial da literatura, ligados a ele somente pela circunstância biográfica de serem companheiras de vida de escritores de relevância nacional, e iluminou passagens dos processos de criação dentro dos laços afetivos e institucionais do casamento e da família. Sem dúvida, o recorte foi insólito; se não estivéssemos tratando de escritores da primeira metade do século, portanto de mulheres da primeira metade do século, o recorte do laço conjugal seria inviável. Elas viveram a experiência de casamentos longos, na maioria dos casos único, atestando um momento histórico em que o matrimônio significava uma instituição sólida e quase sempre definitiva. Fazendo com que falassem de si, revelando narradoras ora mais desenvoltas, ora mais tímidas, as histórias de vida das mulheres apontaram para registros múltiplos do cotidiano, fragmentos de uma crônica de costumes e hábitos de geração.¹⁴

Deste projeto resultou o livro *Memórias de vida e criação* (1999) que, junto com *Confissões do amor e da arte* (1994), consistiu na base empírica para minha tese de Doutorado, realizada entre 1994 e 1998 no mesmo curso de Letras. Sem dúvida, o Doutorado significou um período de aprofundamento da formação intelectual, tempo largo de leituras

¹⁴ Na seleção das fontes, optou-se por mulheres de autores que despontaram na primeira metade do século XX. A etapa precursora, realizada pela jornalista Vera Morganti resultou na publicação do livro *Confissões do amor e da arte* (1994), reunindo entrevistas com Nydia Guimarães, viúva de Josué Guimarães; Zélia Suassuna, esposa de Ariano Suassuna; Frigga Moog, viúva de Vianna Moog; Mafalda Verissimo, viúva de Erico Verissimo; Leda Alves, viúva de Hermilo Borba Filho; e Maria Lúcia Dourado, esposa de Autran Dourado. A segunda fase, realizada por mim, produziu, através de depoimentos, o perfil de Adalgiza Machado, esposa de Dyonelio Machado, falecida na época da realização do projeto. Além desse texto, foram obtidas entrevistas com Zaira Meneghello, viúva de Cyro Martins; Aracy de Carvalho, segunda esposa de Guimarães Rosa; Mary Tostes, viúva de Theodemiro Tostes; Ana Callado, viúva de Antônio Callado; Lygia Vellinho, viúva de Moysés Vellinho; Ivone Montello, esposa de Josué Montello; e Marília Escosteguy, viúva de Pedro Geraldo Escosteguy.

e múltiplas interrogações. A começar pelo caráter inédito do objeto (entrevistas com mulheres de escritores) um tanto “fora de lugar” naquele momento, mesmo tendo sido produzido em um centro de estudos literários. Na verdade, como se espera de um voo doutoral, ele certamente me levou aos riscos da produção de conhecimento, assim como a palmilhar áreas de saber conexas, especialmente o domínio historiográfico e os estudos da Escola dos Annales, a chamada Nova História e/ou História Cultural.

O resultado da tese *Mulheres de escritores: subsídios para uma história privada da literatura*, posteriormente publicada em livro e divulgada em quatro artigos em periódicos científicos,¹⁵ foi uma narrativa que produziu certo deslocamento da visão da obra e do literato para o atravessamento da fronteira do “íntimo”, do “doméstico”, para a entrada em cena de espacialidades como a morada-fortaleza, o esconderijo de leitura, o piano da sala, a janela, o gabinete fechado, a biblioteca censurada, a escrivania.

¹⁵ As produções resultantes da tese foram os livros:

[SABI 000528376] GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. 221 p.

[SABI 000340063] GOLIN, Cida. *Mulheres de escritores: subsídios para uma história privada da literatura*. São Paulo / Caxias do Sul: Annablume / Educs, 2002. 198 p.

E os artigos:

[RAD 000548593] GOLIN, Cida. Entrevistas com mulheres de escritores: histórias silenciosas da criação. *Vivência* (Natal), Natal / UFRN, n. 29, p. 43-52, 2005.

GOLIN, Cida. Entrevistas com mulheres de escritores brasileiros: histórias silenciosas da criação. *Aletria* (UFMG), Belo Horizonte, v. 6, p. 106-116, 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/93/showToc>

GOLIN, Cida. Mulheres de escritores: vozes de uma possível história privada da literatura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 103-108, 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14385>

[ANEXO 2] GOLIN, Cida. Entrevistas biográficas: produção de confissões e de sujeitos. *Cultura e Saber*, Caxias do Sul, v. 2, n. 4, p. 17-31, 1998.

Essas pistas apontaram para práticas culturais de gênero, representando como a literatura, a música e o cinema formaram gerações de mulheres no século XX. Ao problematizar também a entrevista como relação assimétrica e de coautoria biográfica, a tese costurou fragmentos na tela impressionista de uma história pública, cujos acontecimentos-clímax eram vistos pela rotina cotidiana e particular de um indivíduo. Por fim, as mulheres investigadas se revelaram agentes fundamentais no processo de produção de uma obra artística, não apenas de um texto, mas da carreira de um escritor. Na beira da história tradicional da literatura, fontes pouco salientes abriram outras versões do fenômeno artístico e, especialmente, da vida literária enquanto um sistema de práticas culturais.

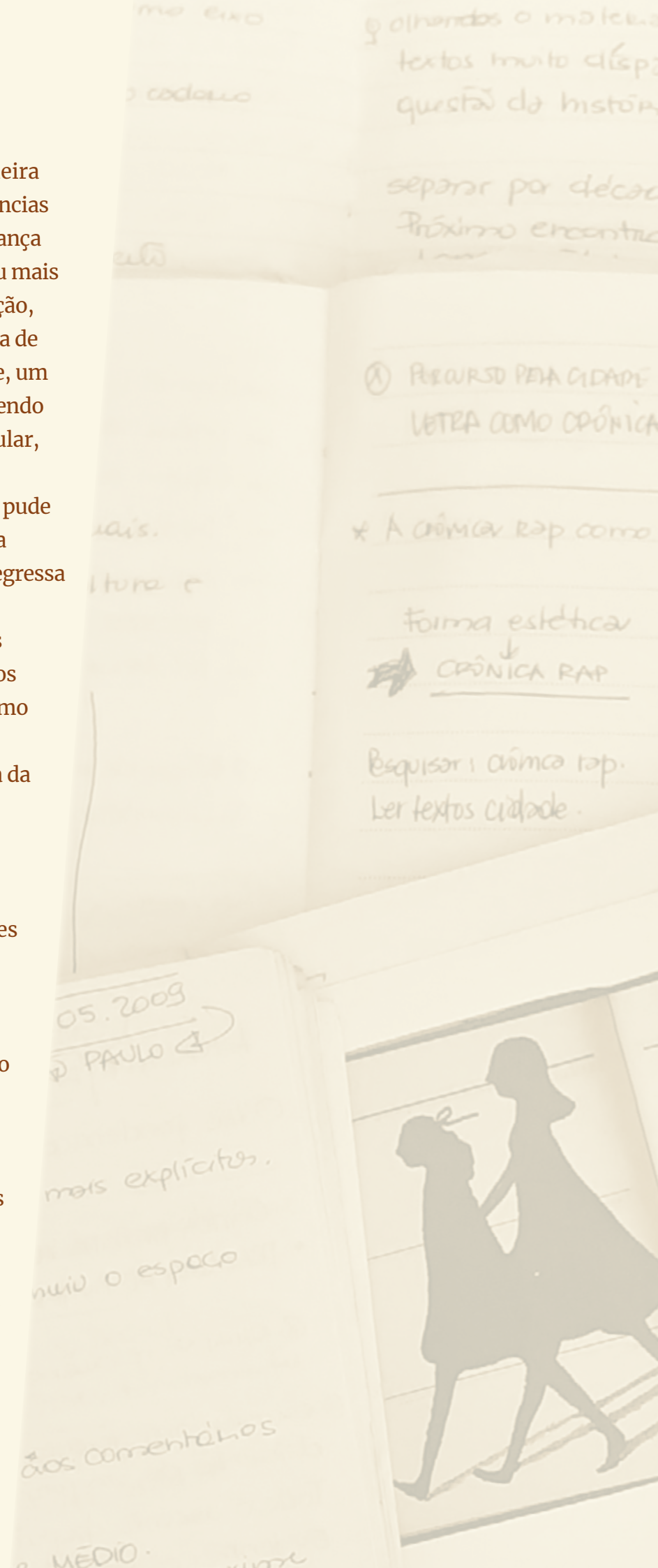
Uma universidade a 120 quilômetros **| 1998 – 2004**

Defendi minha tese em janeiro de 1998, após quase dois anos de licença (de tratamento de interesses) do meu vínculo estatutário com o Estado. Sem ter realizado qualquer estágio docente preparatório, entrei numa sala de aula como professora, pela primeira vez, em março de 1998, no curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul. Vivi uma experiência comum a muitos profissionais que passam a atuar na docência a partir de sua credencial acadêmica sem necessariamente passar por uma orientação pedagógica prévia.¹⁶ Lembro até hoje da cena da primeira aula e, acredito, que o aprendizado da “ensinagem”, nessas condições,

¹⁶ Partilho de boa parte das considerações de Janaíne Kronbauer no capítulo “Lacunas na formação de professores de jornalismo” publicado em MEDITSCH, E. (2020).

vai sendo processado de maneira tácita, rememorando experiências fundantes (daí a minha lembrança pregnantante do velho colégio) ou mais próximas como a pós-graduação, bem como o desafio autodidata de buscar referências. Felizmente, um professor se torna professor sendo professor..., e, na grade curricular, assumia o último estágio de produção radiofônica, no qual pude recuperar alguns elementos da minha prática profissional pregressa e, na perspectiva laboratorial dos cursos profissionalizantes de jornalismo, trabalhar com os alunos em forma de equipe como se fosse uma pequena redação com a temporalidade reflexiva da academia.

Olhando em perspectiva, e considerando a estratégia de foco e concentração de saberes que regem as fronteiras de seleção e recrutamento do campo acadêmico, vejo que foi um salto um tanto abrupto passar da formação de pós-graduação (Letras) à prática docente em outra área de conhecimento, sem contar os 127 quilômetros de distância que separavam Caxias do Sul de Porto Alegre, local de meu emprego principal. Pensava que seria apenas uma rápida passagem profissional,



contudo, fiquei na UCS como professora concursada do quadro de carreira durante sete anos, até 2004. Mesmo com vínculo de poucas horas, somando um máximo de dois turnos presenciais na semana, tive a oportunidade de expandir os interesses de docência também para a área do Jornalismo Cultural, Marketing Cultural, assim como orientar 14 monografias de graduação e especialização e dez bolsistas de Iniciação Científica (BIC-UCS, BIC-FAPERGS, PIBIC-CNPq).

Para a Fundação Universidade de Caxias do Sul, foi um período de significativo crescimento e investimento na qualidade acadêmica, expansão dos campi e da infraestrutura, talvez sem precedentes na região da serra gaúcha. O curso de Jornalismo, por exemplo, teve à disposição o Centro de Televisão Educativa, recém-inaugurado em 2001, com estúdios acoplados em salas de aula informatizadas, algo bastante sofisticado naquele momento.

Uma das realizações importantes daquele período, que acompanhei como editora executiva junto ao professor Maurício Moraes, foi o lançamento em 2002 da revista científica *Conexão – Comunicação e Cultura* em parceria com a Editora da UCS. A revista circulou até 2019, sendo avaliada como B1 no quadriênio 2013–2016 e A4 no Qualis 2017–2018. Em função de possuir título de Doutorado, fui convidada a assumir a coordenação do projeto *Novas tecnologias na comunicação da indústria caxiense*, que estava em andamento no Departamento de Comunicação pela iniciativa dos professores de Relações Públicas, Silvana Padilha Flores e Olivar Maximino Mattia. Nos primórdios dos processos de digitalização das rotinas empresariais, a pesquisa visava averiguar o impacto das novas tecnologias de comunicação e informação nos

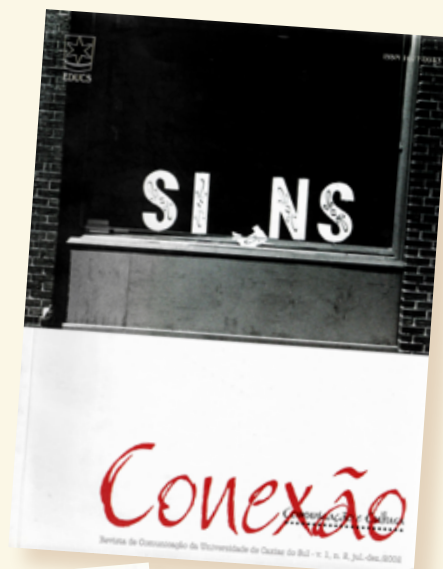


Primeiros números da Revista *Conexão: Comunicação e Cultura*. Acervo pessoal.

processos da comunicação organizacional de empresas de grande porte em Caxias do Sul, cidade reconhecida por sua indústria de transformação diversificada, segundo maior polo metal-mecânico do Brasil. Após dois anos à frente do projeto, conseguimos divulgar os resultados em congressos nacionais e internacionais, além de publicar três artigos em periódicos científicos.¹⁷ Particularmente, tal experiência foi muito significativa pela introdução às rotinas e às temporalidades da coordenação de projetos, demandas de financiamento, orientação de bolsistas de graduação e conhecimento de um campo científico que começava, então, a me ancorar: a Comunicação.

Concomitante a essa investigação, implementei e coordenei, a partir de agosto de 2001, no Departamento de Comunicação, o projeto *O rádio é a cidade – A identidade do rádio na região colonial italiana do Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi)*. Pela visada da História Cultural, buscava entender a centralidade da mídia radiofônica na cultura regional e seus vínculos com a vida comunitária, além de refletir sobre características identitárias do rádio local. O projeto envolveu pesquisa de campo,

¹⁷ [SABI 000362836] GOLIN, Cida; FLORES, Silvana Padilha; MATTIA, Olivar Maximino. Novas tecnologias na comunicação organizacional da indústria: a necessidade de um comunicador estrategista. In: *Conexão: comunicação e cultura*. Caxias do Sul Vol. 1, n. 1 (jan./jun. 2002), p. 161-171 [SABI 000319265] GOLIN, Cida; FLORES, Silvana Padilha; MATTIA, Olivar Maximino. Reflexões após a euforia: limites e possibilidades das novas tecnologias de comunicação organizacional. In: *Verso & reverso: revista da comunicação*. São Leopoldo Vol. 15, n. 32 (jan./jun. 2001), p. 63-70 [SABI 000236059] GOLIN, Cida; FLORES, Silvana Padilha; Mattia, Olivar Maximino. As novas tecnologias de informação nos sistemas comunicacionais das organizações. In: *Ecos revista: revista da escola de comunicação social*. Pelotas vol. 4, n. 1 (jan./jul. 2000), p. 29-38.



mapeou programas característicos da região, realizou o processo de arquivamento sonoro e catalogação descritiva do material, realizou entrevistas com profissionais das emissoras, produzindo textos analíticos sobre as produções selecionadas. Desta pesquisa, resultaram estudos sobre o Radiojornal *Formolo*, que problematizou o anúncio fúnebre como notícia, retomando a origem local do rádio (alto-falantes) e suas possíveis relações com elementos fundadores do espaço urbano, a morte e a praça;¹⁸ sobre o personagem *Radici: o colono falastrão no rádio*, análise da versão radiofônica do conhecido personagem dos quadrinhos, verificando como o humor reconfigura questões étnicas (no caso, o estereótipo construído do colono italiano) e perpetua uma vertente tradicional do rádio brasileiro (o humor da palavra falada, da fusão de línguas);¹⁹ o estudo dos programas em dialeto vênето que retomam a herança da linguagem oral dos camponeses imigrantes estabelecidos na serra gaúcha no final do século XIX; a problematização das mensagens religiosas de final de tarde, os fragmentos da programação religiosa vespertina presente nas emissoras da Rede Católica, verificando aspectos de linguagem, a atualização do milenar ritual do *Angelus* e da popular devoção mariana. Esse estudo corroborou a importância da ação pastoral da Igreja Católica na consolidação da mídia radiofônica, complementando a fase anterior (que envolveu o Radiojornal *Formolo*) sobre o ritual religioso da morte, suas condições de visibilidade e vínculo com o espaço urbano.²⁰

¹⁸ [SABI 000528178] GOLIN, Cida; KREISNER, Maria da Graça Guaranha. O rádio é a cidade: o anúncio da morte ao meio-dia. In: **Verso & reverso**: revista da comunicação. São Leopoldo, vol.16, n.35 (jul./dez. 2002), p. 61-76.

¹⁹ [SABI 000528173] GOLIN, Cida. Radici apresenta Demo via let's go: o colono falastrão no rádio. In: **Rádio brasileiro**: episódios e personagens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 231-248.

²⁰ [SABI 000514651] GOLIN, Cida. Rádio e sino: a hora do Angelus. In: **Conexão**: comunicação e cultura. Caxias do Sul vol.3, n.5 (jan./jun. 2004), p.105 - 120:il.

A segunda edição da pesquisa começou em 2004 e ampliaria ainda mais o leque de estudo em cidades vizinhas e de produções que demarcavam, ainda no século XXI, a forte função comunitária do rádio. Por fim, a finalização desta etapa envolveu um estudo sobre o confisco dos aparelhos de rádio dos imigrantes italianos durante a Segunda Guerra Mundial. Foi um mote para a produção e organização do livro *Batalha Sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial* (2006), em parceria com João Batista de Abreu (UFF), reunindo dez pesquisadores de rádio do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom.²¹

Este reconhecido e histórico grupo, que funda e estabelece parâmetros para os estudos de rádio no Brasil, e do qual tive o privilégio de participar durante vários anos consecutivos, foi decisivo para o acolhimento e recebimento das minhas pesquisas e contribuições à área. Por fim, as pesquisas sobre o rádio regional envolveram cinco bolsistas de iniciação científica (Fapergs, UCS e PIBIC-CNPq) e seus resultados, como registramos acima, foram publicados em dois capítulos de livro e três artigos em periódicos científicos. Ainda na área de pesquisa na Universidade de Caxias do Sul, recebi duas vezes a Bolsa de Estímulo à Produtividade Científica da própria Universidade nos editais de 2002 e de 2003.²² No ano de 2004, fiz parte do Comitê Assessor de Pesquisa da Reitoria, avaliando projetos e pensando estratégias para o setor dentro da realidade e contexto das Universidades privadas.



*Livro **Batalha Sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial** (2006), produzido e organizado em parceria com João Batista de Abreu.*

²¹ [RAD 000565875] GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de. **Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 190 p. (Coleção Comunicação, 38).

[RAD 000565881] GOLIN, Cida. Ouvir é obedecer: o confisco dos aparelhos de rádio na zona de colonização italiana da serra gaúcha. In: **Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 99-124.

²² [ANEXO 3] Documentos de concessão das bolsas e da participação no COPE/UCS.

Entendo que esses sete anos de trabalho intenso na UCS foram a preparação necessária para minha opção pela exclusividade da vida acadêmica e, portanto, para a entrada na UFRGS. Estava muito cansada de me dividir entre duas cidades distantes topograficamente, entre dois vínculos empregatícios e entre tantos interesses simultâneos, ainda que perceba, hoje, o quanto esse transitar entre um lado e outro foi muito estimulante. Fui paraninfa da turma de Jornalismo 2002-02 da UCS e, também, professora homenageada em outras ocasiões, momentos em que o afeto fortemente envolvido na experiência docente emerge da sua dimensão imaterial (de um devir que não se agarra nem se controla) e vem à tona de forma simbólica e festiva.

Por fim, um último trabalho desta fase retomou sugestões deixadas pela tese, movidas, sobretudo, pelo desejo insistente fazer história cultural da cidade. Foi o caso da pesquisa isolada que resultou no texto *Cartões-postais da literatura: as praças centrais de Porto Alegre*. Ao seguir a pista do cronista Theodemiro Tostes – de que seria possível classificar os grupos literários porto-alegrenses da primeira metade do século XX pelas praças que eles frequentaram –, foi possível articular um mosaico de crônicas, memórias e poesia, encontrando o que Antonio Candido (1985) chamou de representações de uma história das sociabilidades intelectuais e literárias que se projeta na história da cidade e vice-versa.²³

Tal interesse acabou me levando, em 2004, ao projeto coordenado por Paula Ramos e Antonio Sanseverino – na época professores da UniRitter e hoje meus colegas na UFRGS – sobre a revista *Madrugada*, nossa breve revista modernista que circulou em 1926, em



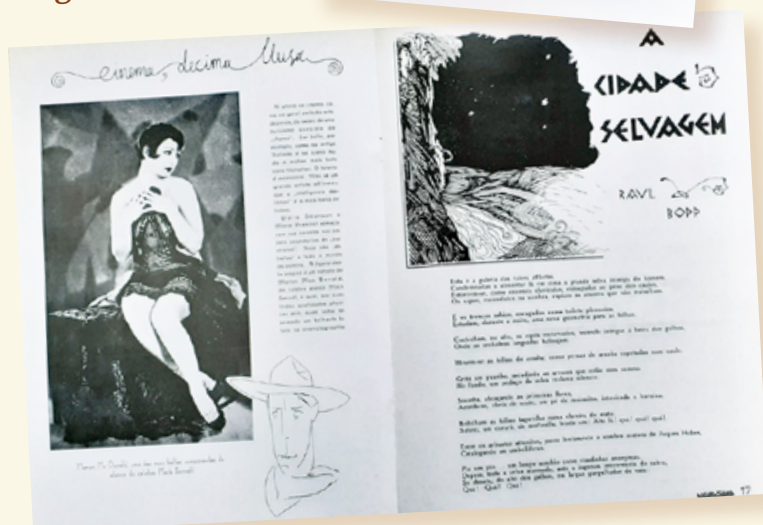
1926: a *Madrugada* dos modernistas em Porto Alegre, Acervo pessoal.

²³ [SABI 00529615] GOLIN, Cida. Cartões-postais da literatura: as praças centrais de Porto Alegre. *Nonada* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 4, n. 6, p. 71-86, 2003.

Porto Alegre, pelas mãos de jovens literatos. Em apenas cinco números, a revista expressou as características particulares do Modernismo no Rio Grande do Sul e buscou ampliar seu público ao enfatizar a interlocução direta com a elite feminina. Na liberdade editorial de uma publicação ilustrada, misturou crônica social e literatura, informação cosmopolita e cultura regional. Expôs, nas suas páginas, a articulação do limitado sistema de cultura local e o quanto o exercício diletante do jornalismo era uma estratégia segura para a visibilidade dos novos grupos de escritores e artistas gráficos.

O projeto coletivo resultou em uma requintada edição que reuniu, de forma inédita, os fac-símiles do periódico oito décadas depois de sua circulação, bem como em apresentações em congressos, artigos em revistas científicas.²⁴

Em 2021, também deve se transformar em um capítulo do primeiro volume da *História da Literatura no Rio Grande do Sul*, ainda no prelo, editado por Luís Augusto Fischer com assistência de Karina Lucena, Mires Bender e Heloísa Netto.



²⁴ [RAD 000591719] GOLIN, Cida. Em Porto Alegre, a Madrugada literária dos modernistas. In: *A Madrugada da modernidade* (1926) p. 32-43, il. [RAD 000603416] GOLIN, Cida; RAMOS, Paula Viviane. Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista Madrugada (1926). In: *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, n. 33, (ago. 2007), p. 106-114. [RAD 000634463] GOLIN, Cida; RAMOS, Paula Viviane. Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista Madrugada (1926). In: *Congresso Nacional de História da Mídia* (5. : 2007 maio-jun. : São Paulo, SP). Anais. [recurso eletrônico]. São Paulo : Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. [RAD 000562237] GOLIN, Cida; RAMOS, Paula Viviane. Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: o modernismo na efêmera passagem da revista Madrugada (1926). In: *Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo* (4. : 2006 nov. : Porto Alegre. [Anais] [recurso eletrônico]. Porto Alegre : Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação/UFRGS, 2006.

economia dele como eixo
a cultura assume no cotidiano

tempo de ler
tempo de aprofundar

Gabriel

UFF)

D'ANDREA.
tese sobre Os Racionais.
temas periféricos: cultura e
eris de S. Paulo.

Falar? Spivak.

veria?
to periférico?

USTO CULTURAL 07.05.2009
E CRÍTICA. SÃO PAULO

entendidas ficam ainda mais explícitas.
de julgar?
nte de críticos, diminuiu o espaço

(FOLHA SP) PAULO)
ema - semelhante aos comentários
portes (futebol)
altura do ESPECTADOR MÉDIO.
ativo - ela se aproxima
versa botegum (em torno do lugar.
de chaves)

ica - Verbetes do dicionário de comunicação.
a no sistema.
to das críticas
e objetivo.

olhando o material dos sacos
textos muito dispersos.

questão da história de POA } marcante nos textos de
Olavo.

separar por décadas e formatos. NOTAS | CUNHAS
Próximo encontro: trazer uma década organizada

① RECURSO PARA CIDADE
LETRA COMO CRÔNICA DA CIDADE RAP COMO CRÔNICA DA
CIDADE

* A crônica rap como expressão do RAP brasileiro
hegemônico.

forma estética
↓
CRÔNICA RAP x CIDADE

Requisito: crônica rap.
ler textos cidade.





8
♥





Caderno 2

UFRGS 2005 – 2021

De volta à fabíco

*Há uma idade em que se ensina o que se sabe;
mas vem em seguida outra, em que se ensina
o que não se sabe: isso se chama **pesquisar**.
Vem talvez agora a idade de uma outra experiência,
a de **desaprender**, de deixar trabalhar o
remanejamento imprevisível que o esquecimento
impõe à sedimentação dos saberes, das culturas,
das crenças que atravessamos. Essa experiência
tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda,
que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria
encruzilhada de sua etimologia: **Sapientia**: nenhum
poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria,
e o máximo de sabor possível.*

Roland Barthes

Sempre morei na mesma cidade, mas como a cidade é uma metonímia do que fazemos de nossas vidas, durante vinte anos estive muito longe da faculdade que cursei nos anos 1980. Após a aprovação pelo concurso de Radiojornalismo no segundo semestre de 2004, chegou a vez de optar entre o MARGS e a UFRGS, já que os dois vínculos simultâneos seriam regimentalmente inviáveis. Assumi no início de maio de 2005 duas disciplinas da área de rádio do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Lembro que, em 2005, as condições do prédio e do estúdio eram ainda precárias (só para se ter uma ideia, ainda se usava fita cassete para edição dos programas...), e que foi preciso solicitar ao vice-diretor, o saudoso Ricardo Schneider, com quem sempre ia conversar nos intervalos das aulas, um simples computador para editar áudio. Junto às atividades docentes, fui recebida por

Ana Gruszynski, amiga e colega em tantas fases de vida, na ampla e acolhedora sala do LEAD (Laboratório de Edição, Cultura e Design). O laboratório da sala 305 ficava ao lado das salas de rádio, onde se encontra até hoje, e foi absolutamente fundamental como retaguarda para esses processos de transição profissional.

Parece inacreditável quando vejo, hoje, o quanto o nosso prédio do campus saúde e seus laboratórios receberam investimentos qualitativos, a partir de 2005, dentro de uma política de valorização do ensino superior concretizada, sobretudo, no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI.

Felizmente entrei na UFRGS nesse tempo “entusiasmado” que relembra, em forma de ciclos, o período pujante da década de 1950.

Pude acompanhar, *in loco*, a ampliação do número de funcionários e professores, a criação de novos cursos (por exemplo, o curso de Museologia, na Fabico, do qual participei desde a estreia), o consequente aumento no número de alunos e, especialmente, a modificação paulatina do perfil dos estudantes com a abertura, em 2007, do Programa de Ações Afirmativas reservando 30% das vagas para alunos de escolas públicas, autodeclarados negros, e vagas para indígenas. Com toda a polêmica e complexidade que envolve iniciativas de reparação de nossa profunda desigualdade social fincada desde o berço colonial, acredito que a mudança do perfil das turmas trouxe um ganho inestimável para a Universidade enquanto possibilidade de intervenção no mundo. Talvez, como nunca tenha havido na UFRGS, as turmas também chegavam de outras paradas de ônibus, também vinham das periferias e deslocavam o predomínio do centro da capital.

Ensino

O ensino de rádio na Universidade pública

De 2005 até 2009, ministrei duas disciplinas práticas de rádio, *Técnicas de Radiojornalismo e Produção e Difusão em Radiojornalismo 1* para os alunos de Jornalismo. Com as mudanças curriculares efetivadas em 2009 e em 2016, e a subsequente troca de ementas e nomenclaturas no currículo obrigatório, fiquei responsável por *Radiojornalismo 2*,¹ disciplina que respondo até agora e que ancora boa parte do meu pensamento sobre o ensino e a produção de rádio no contexto de uma Universidade pública.² No texto “Sensibilização para um rádio crítico e criativo: a produção acadêmica de documentários e reportagens especiais”,³ tive a oportunidade de sistematizar o percurso teórico e prático da realização de gêneros jornalísticos de longa duração, pouco frequentes na grade das emissoras tradicionais, mas felizmente recuperados hoje com o advento e a popularização dos podcasts dentro do ecossistema do rádio expandido. Desde aqueles primeiros anos, entendi que, independentemente das normativas reguladas pela mercadoria e pelo capital, um laboratório acadêmico é, sobretudo, um espaço valioso para avançar na experimentação da linguagem sonora e no tensionamento de modelos jornalísticos vigentes. Ou seja, dar-se conta deste espaço, da sua temporalidade

¹ Em linhas gerais, *Radiojornalismo 2* corresponde à anterior disciplina *Produção e Difusão em Radiojornalismo 1*, enquanto *Radiojornalismo 1* segue parâmetros anteriormente ministrados em *Técnicas de Radiojornalismo 1*.

² Conforme [RAD, páginas 1 a 4], entre 2005 e 2021, ministrei por 44 vezes disciplinas laboratoriais de rádio, cada qual com quatro créditos.

³ [RAD 000945194] GOLIN, Cida. Sensibilização para um rádio crítico e criativo: a produção acadêmica de documentários e reportagens especiais. In: *Jornalismo-laboratório: rádio*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2014, p. 118-131.

particular e da necessidade de preservá-lo, foi algo que fui apreendendo e valorizando ao longo dos anos, mesmo que as dúvidas e inquietações estivessem ali desde sempre.

Em geral, uma das características do jornalismo é a pouca ousadia na construção das reportagens, sempre atreladas aos formatos industriais e às demandas históricas e circunstanciais que o mercado impõe, ainda mais hoje, com o predomínio da programação ao vivo, da interação em tempo real e da escuta dispersiva. No caso de *Radiojornalismo 2*, posso dizer que foi exatamente o contrário: apostamos no rádio reflexivo, que explora a sofisticação narrativa da música, da sonoplastia, do roteiro, da voz e da edição. Embasados em autores como Murray Schafer, Armand Balsebre, Ricardo Haye, Paul Zumthor,⁴ Roland Barthes e Paulo Neves, entre outros, levamos adiante o convite ao exercício de uma escuta que fuja do hábito, que problematize seu entorno, que desenvolva “ouvidos pensantes” em meio à gradativa surdez contemporânea, resultante do excesso sonoro onipresente nas grandes cidades.

Nesse desafio nada fácil de sensibilizar os alunos para uma escuta exigente concretizada na produção de gêneros elaborados, que conjugue propósitos intelectuais e estéticos, tive o privilégio de contar com a expertise e paciência do técnico Neudimar da Rocha, que chegou ao laboratório da Fabico no segundo semestre de 2005.⁵ Construímos, com

⁴ Destaco, particularmente, a contribuição do medievalista, crítico literário e estudioso da oralidade que me trouxe subsídios importantes para refletir sobre a expressividade vocal:

[RAD 000564102] GOLIN, Cida. Paul Zumthor e a poética da voz. In: *Teorias do rádio: textos e contextos*. Florianópolis, SC : Insular, 2005. p. 259-267.

⁵ Nesses 16 anos, foi possível observar os novos modos de relação, e até de recusa, dos alunos em relação ao rádio, mas vejo um crescente interesse, quase um despertar para as possibilidades da narrativa sonora, especialmente a partir do advento dos podcasts.

cada uma das turmas que passaram, um acervo inestimável de programas que, muitas vezes, ainda guarda frescor para uma primeira escuta e mostra a dimensão longeva de uma pauta trabalhada com criatividade e cuidado. Foram muitas as experiências realizadas, debates, documentários (entendidos aqui como reportagens de longa duração), séries especiais de reportagens, paisagens sonoras da cidade e audioficções.⁶ A experiência de cinco semestres de produção de paisagens sonoras⁷ teve impacto muito positivo no grupo de Rádio e Mídia Sonora do Intercom em 2007,⁸ ficou registrada num artigo publicado na revista *Intexto*⁹ e concretizou uma das iniciativas da pesquisa *Porto Alegre imaginada* da qual participei entre 2007 e 2008.

Em suma, cada turma é dividida em grupos para produção, cada um de pelo menos dois programas (atualmente, um documental e um episódio do Fabicast, podcast da disciplina). Este trabalho implica na escolha

⁶ Até o primeiro semestre de 2011, a disciplina também contemplava a produção de audioficções como parte do laboratório de experimentação da linguagem radiofônica. Em função da extensão do conteúdo, optou-se por privilegiar e concentrar-se na produção e reflexão sobre gêneros jornalísticos de profundidade.

⁷ Esta série foi realizada durante cinco semestres, entre 2005 e 2007, propondo ensaios coletivos em torno de diversos temas que envolvessem a sonoridade da cidade, as sonoridades distintas de seus principais espaços (praças, mercado público, camelódromo), dos ciclos temporais (a rotina e sonoridade da madrugada, por exemplo). Fizemos uma série especial para a pesquisa *Porto Alegre imaginada*, dividimos a cidade em quatro quadrantes e fomos em busca de respostas dos moradores às perguntas “Qual é o som de Porto Alegre para você?”, “Existe algum som exclusivo da cidade, que somente ela possui?”.

⁸ [RAD 000602859] GOLIN, Cida. A expressão radiofônica de uma cartografia sonora : estudo da série Porto Alegre, paisagens sonoras. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (30. : 2007 ago.-set. : Santos, SP). Anais [recurso eletrônico]. Santos, SP: Intercom: Universidade Católica de Santos, 2007. 1 arquivo. pdf.

⁹ [RAD 000634004] GOLIN, Cida. A expressão radiofônica de uma cartografia sonora : estudo da série Porto Alegre, Paisagens Sonoras. In: **Intexto**: revista do Mestrado da Comunicação UFRGS v. 2, n. 17 (jul./dez. 2007).

e planejamento de uma pauta, pesquisa de dados contextuais e produção de entrevistas, pesquisa de trilhas, músicas e sonoridades, decupagem e edição das sonoras, produção do roteiro, gravação e edição. Além da escuta e discussão coletiva das produções, cada grupo faz uma avaliação teórico-crítica do processo de produção, do trabalho em equipe e do programa final. Mais do que o resultado do programa em si, defendo que o principal, em termos pedagógicos, é o processo em si: sentir o quanto a dedicação e o investimento em cada pauta se transformou em aprendizagem e prazer para cada grupo e/ou aluno em particular.

Desde 2005, os documentários e reportagens, assim como as audioficções anteriormente produzidas na disciplina, receberam, com frequência, reconhecimento e premiação, particularmente nas edições anuais do Prêmio Unirádio FM Cultura que esteve vigente até 2016 visibilizando a produção realizada por estudantes de jornalismo das diversas faculdades do Rio Grande do Sul, além de demais certames.¹⁰ Entre 2005 e 2020, foram apenas dois anos em que não fomos agraciados com prêmios.¹¹ A maioria dessas produções está disponível no site do estúdio de rádio, um repositório que começou a ser construído ainda em 2005 com estagiários do LEAD.¹² Além desta base, enviamos os programas para a Rádio da Universidade, para a rádio FM Cultura (até 2016) e, atualmente, para o site Humanista da Fabico.

¹⁰ As produções são, geralmente, inscritas pela iniciativa dos alunos nos Prêmio Set Universitário da PUCRS, Jornalismo Cultural Itaú Cultural e Prêmio ARI de Jornalismo Universitário. Infelizmente, por motivos de logística, não conseguimos levar adiante inscrições nos prêmios Expocom da Intercom regional e nacional.

¹¹ A descrição dos prêmios encontra-se no Anexo 4, assim como sua comprovação.

¹² www.ufrgs.br/estudioderadio



Produções premiadas de Radiojornalismo 2. Prêmio ARI, 2019.

Finalizo a história dessa disciplina citando autores que me (co)movem e me ajudam, em boa medida, a refletir sobre rádio e docência. A poética de Gaston Bachelard (2005), defendendo o direito de sonhar, propunha um rádio capaz de se fazer original, criativo a cada dia, que tocasse profundamente o ouvinte e provocasse sua imaginação. O ambiente acadêmico ainda é um espaço possível para se aproximar de um rádio lúdico e criativo, para testar o risco de novas possibilidades narrativas ao estimular o aluno para diferentes experiências de produção e de escuta. Hoje, quando estudo o legado de Bertold Brecht e Walter Benjamin no rádio dos anos 1930, penso que é fundamental o deslocamento da naturalização rotineira dos processos a fim de não perder de vista a dimensão crítica e revolucionária das criações.

Por fim, vejo com muita satisfação o interesse dos alunos pelos podcasts e suas distintas formas de narrar. Em alguma medida, esta nova forma de produção, que se popularizou na última década e que felizmente atravessou minha experiência docente na disciplina *Radiojornalismo 2*, faz parte de um processo histórico de singularização da escuta, rompe com a grade fixa de programação dentro de uma temporalidade flexível e personalizada. Ancorada na centralidade cotidiana do smartphone, tais programas têm a chance de exigir novas posturas do ouvinte como deixar-se levar, imergir e concentrar-se no alto grau sugestivo das imagens acústicas, de preferência com uma parede construída pelos fones de ouvido.



A companhia do técnico Batatinha no antigo e no novo estúdio de rádio.

Novamente, do rádio para a comunicação em museus

A troca curricular de 2009 nos cursos de Comunicação da FABICO, a transferência de uma vaga do recém-fundado curso de Museologia para o Jornalismo (e a consequente abertura de um novo concurso em Radiojornalismo) me possibilitou sistematizar a experiência empírica de uma década de trabalho no MARGS em forma de disciplina. Assim nasceu *Comunicação em Museus*, disciplina obrigatória anual do curso de Museologia, que ministro desde 2010.¹³

Entendo que esta disciplina é um dos raros encontros entre dois campos de saberes que fundam nossa faculdade: a Comunicação e a Informação. Muitos alunos de Jornalismo, por exemplo, sequer sabem que na sua faculdade existe um curso de Museologia ou mesmo do que exatamente trataria o curso profissionalizante da sala ao lado. Nesse sentido, a disciplina acaba, eventualmente, reunindo estudantes de distintas áreas que trocam suas experiências e ampliam horizontes de ação. Excluindo os museus mais ruidosos, que periodicamente ganham repercussão midiática por meio de grandes exposições (*blockbusters*), ou mesmo daqueles obrigatórios quando se trata de cumprir roteiros de viagens ao exterior, sabe-se que este tipo de instituição ainda é visto, no senso comum, como um espaço poderoso de guarda, que não fala com qualquer um. Visa-se, então, problematizar os processos comunicativos da instituição cultural, seus modos de olhar os visitantes e os não visitantes. Foi o professor Luís Carlos Lopes (2003) quem me chamou a atenção para

¹³ Desde 2010, foram 11 edições da disciplina, sempre no segundo semestre de cada ano. No início, a disciplina somava três créditos, mas pela quantidade de temas do programa logo passou para quatro créditos. [Registro no RAD, páginas de 1 a 3]

a possibilidade de entender o museu como *um meio de comunicação simbólico*, que comunica argumentos, silencia ou faz falar, respondendo a determinado projeto de cultura e às disputas pela distinção.

A disciplina busca, portanto, uma perspectiva panorâmica, *lato sensu*, sobre o que seria comunicação numa organização desta relevância. Em geral, discute-se a polissemia do conceito Comunicação, a dificuldade de seus limites e sua apropriação pelo campo da Museologia; percorrem-se dimensões da comunicação organizacional, da assessoria de imprensa e das relações com a mídia, a marca como um ativo imaterial potente no capitalismo tardio, as novas interfaces do museu por meio dos sites e do gerenciamento de redes. Esta disciplina acaba sendo um desafio para mim, pela obrigatoriedade de abarcar muitos conteúdos e processos hoje totalmente renovados. Como já comentado anteriormente, quando saí do MARGS, em 2005, ainda dependíamos muito do segmento jornalístico, sobretudo da imprensa hegemônica, para o prestígio e alcance público de nossas ações, algo que se transformou radicalmente na última década. O jornalismo, sem dúvida, participa da mediação do ciclo de existência das exposições, constrói narrativas pregnantes sobre elas, mas está bem longe de ser o único. O próprio museu, por meio de sua interface digital, também passa a ser um produtor de conteúdo e realiza sua própria curadoria com um público de nicho.

Além do percurso panorâmico, a disciplina implica em um trabalho prático. Durante um bom tempo, fizemos diagnósticos da comunicação de museus do nosso entorno; seguimos durante anos monitorando e analisando os sites de museus internacionais e nacionais, conseguimos observar a sua própria transformação técnica e de interface.

Porém, para além dos diagnósticos e das análises exaustivas de sites de museus, confesso que os trabalhos práticos que me deram prazer foram, justamente, as ações comunicativas e editoriais que dizem respeito à história cultural da cidade. A primeira delas ocorreu em 2011 e, nos moldes de iniciativas semelhantes realizadas em Montevideu e Buenos Aires, tratou-se de um guia cultural dos bares clássicos de Porto Alegre, lugares atravessados pelo sentido de pertencimento, às vezes até mais que as próprias casas, e que dão a ver determinadas sociabilidades e costumes de um lugar, suas alternâncias e resistências ao longo de um longo tempo. Após definir o que se entenderia por “bar clássico”, os alunos fizeram uma espécie de etnografia informal nos bares Mariu’s, Van Gogh, Lancheria do Parque, Odeon, Tutti Giorni, Lourival, Ratão e Walter em Porto Alegre. Foram buscar histórias e documentos de cada uma dessas casas, os proprietários, seus clientes e *habitués*, as receitas, histórias de garçons, os trabalhadores da cozinha. Cada bar ganhou algumas páginas sintéticas de um guia, guia esse que infelizmente não publicamos.

Outra iniciativa bastante exitosa, e inesquecível, foi realizada em 2019 dentro daquilo que chamo de ação comunicativa na cidade. Os alunos organizaram uma Caminhada Literária em três praças principais do Centro Histórico de Porto Alegre, tendo como guia as crônicas de Aquiles José Gomes de Porto Alegre (1848 -1926), referência da crônica memorialística de Porto Alegre. Como veremos mais adiante, na velhice, Aquiles fazia do passeio matinal pela cidade um trabalho de escrita ao captar flagrantes da rua e da memória, registrando pelo menos 60 anos de crescimento e modernização de Porto Alegre entre os séculos XIX e XX, vendo aquilo que já não poderia mais ser visto na paisagem. Conforme as palavras



COMUNICAÇÃO EM MUSEUS CONVIDA

Roteiro de caminhada por três importantes praças do centro histórico de Porto Alegre, pautado pelas crônicas de Aquiles Porto-Alegre e demais literatos que, nos séculos XIX e XX, dedicaram-se a escrever sobre estes espaços.

CAMINHADA LITERÁRIA

praça da matriz
praça da alfândega
praça XV

11/12 14H

bit.ly/caminhadanoface



Dezembro de 2019: nossa disciplina termina na praça

dos próprios alunos em relatório (Anexo 5), a ideia era fazer um passeio por um museu a céu aberto, procurando entender melhor os processos históricos da cidade, por meio dos registros e memórias de Aquiles e outros literatos. Cada grupo ficou responsável por montar o material de cada uma das praças e um quarto grupo encarregou-se do plano de comunicação do projeto, incluindo a identidade visual, os materiais gráficos, a divulgação e organização do evento final, a caminhada.

Encontramo-nos na tarde quente do dia 11 de dezembro de 2019, na Praça da Matriz, para iniciar o passeio que incluía também a Praça da Alfândega e a Praça XV. Em cada uma das praças, fizemos récitas de crônicas, contamos histórias do lugar, do seu contexto e da toponímia, além de provocar algum tipo de intervenção com as pessoas que ali passavam, mostrando nossa produção a partir da Universidade. Dessa forma, incluimos a entrega de folders e postais com fotos antigas das praças e frases do Aquiles sobre elas.

Em maio de 2021, no período correspondente ao calendário acadêmico de 2020-02, produzimos o livro *Um mapa afetivo sobre a cidade: nossos cronotopos em Porto Alegre*, produto editorial que traça um roteiro de experiências e de afetos, bons e ruins, em Porto Alegre. Por trás desta caminhada singular, mas que foi profundamente coletiva, estiveram as palavras de Eclea Bosi, Yu-Fu Tuan e Adriano Rodrigues, autores que os alunos foram convidados a ler para subsidiar suas escolhas temáticas e o enfrentamento da narrativa. Assumimos o gênero crônica, sem o compromisso com marcas jornalísticas ou literárias, porém com a consciência que iríamos privilegiar a primeira pessoa e a nossa impressão digital. Neste mapa de *cronotopos*, lugares onde o tempo se condensa na



Livro produzido durante
o ensino remoto em 2021

cidade, aparecem as casas de avós, avenidas, ruas, esquinas e bairros da infância, o sabor típico de um restaurante, uma linha de ônibus, trajetos cotidianos de ida e volta, emblemas citadinos como o estádio, o muro, o viaduto e a monumentalidade do Centro Histórico.

Jornalismo e cultura

Antes mesmo de *Jornalismo cultural* entrar na grade de disciplinas eletivas em 2011 e de *Jornalismo e cultura* alcançar a rubrica obrigatória a partir de 2018, fui selecionada na primeira edição do prêmio Rumos do Jornalismo Cultural – Professor de Graduação do Itaú Cultural em 2008. Naquele ano, um dos trabalhos realizados no âmbito do projeto foi o mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil. Era visível sua quase inexistência nos currículos de um universo de 57 instituições de ensino superior.¹⁴ Durante a análise, aferiu-se que de um total de 126 disciplinas que tratavam de jornalismo cultural e áreas afins, somente 16 (12,7%) abordavam o tema com exclusividade (FERREIRA *et al*, 2008, p. 11-13).

Releio o ensaio apresentado à época,¹⁵ sugerindo uma proposta formativa em jornalismo cultural, e vejo que alguns dos seus pontos se mantêm em vigor até hoje no meu trabalho. Confesso que, mesmo com a experiência de pelo menos 14 cursos ministrados desde

¹⁴ No corte temporal da pesquisa, é importante situar que esta amostra significou 16% do total de 356 cursos de jornalismo no Brasil, percentual que a pesquisa conseguiu atingir a partir do retorno de questionários.

¹⁵ [RAD 000722340] GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró, 2009. p. 23-38.



Além da sala: aulas
na rua, no centro
cultural, em cima
da torre da igreja



2011 na UFRGS,¹⁶ esta é uma disciplina com a dimensão do inacabamento e da inquietude para mim, sempre possível (e necessitando) de ser revista e refeita.

A criação e o desenvolvimento das ementas e dos programas refletem tanto fragmentos de minha experiência profissional como as pesquisas que implementamos no LEAD e no PPGCOM desde 2007. Pedagogicamente, ela inspirou-se no pensamento de Paulo Freire, buscando criar possibilidades para a produção de conhecimento a partir da pergunta, da dúvida e do diálogo. Se o espaço pedagógico é um *texto* para ser lido, interpretado e reescrito (FREIRE, 1996), é preciso considerar esta vivência como investigação, aberta ao risco das perguntas sem respostas.¹⁷

Considerando o limite circunstancial de cada encontro pedagógico, marcado pela gênese institucional e por relações nem sempre simétricas, vejo que um dos pontos positivos da disciplina foi justamente o vínculo que sempre manteve com um grupo de pesquisa. Sem dúvida, não se trata de nenhuma novidade dentro das expectativas do ambiente universitário, mas sabemos que esse pressuposto nem sempre se concretiza na prática. Em quase todas as edições, tive a parceria de um estagiário docente em formação, cujas pesquisas estavam sob o amplo guarda-chuva do jornalismo e cultura. Cada qual com sua singularidade, eles foram fundamentais para a montagem e reflexão de cada

¹⁶ [RAD, páginas de 1 a 3].

¹⁷ Segundo Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia* (1996), sem esta qualidade não se alcança o conhecimento cabal dos objetos. É importante situar que o pensamento de Freire, segundo seus comentadores, parte de atividades em processo, vinculadas a um tempo e local específicos, logo, sempre sujeito a revisões. Suas ideias podem parecer um tanto utópicas na rotina do exercício didático, mas dão pistas para elevar o diálogo como elemento central dos processos de comunicação e de aprendizagem. Interessa-nos aqui, sobretudo, a teoria do conhecimento que sustenta sua reflexão, em especial, a ideia de que ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que conhece.

um dos cursos, com seus impasses, acertos e possibilidades de transformação.

O conceito de cultura sempre foi um ponto de partida até hoje, quando a disciplina se assenta nos Estudos Culturais como repertório para demarcar a historicidade desta palavra-chave. Ao longo do tempo, os programas seguiram o desenvolvimento dos projetos de pesquisa. No início, circunscreviam os tópicos que configuram a realidade dos segundos cadernos, revistas especializadas e suplementos culturais, explorando sua tradição ao longo do século XX para aferir os valores e desenhar os mapas culturais de cada época.

Do ideal ilustrado de sua gênese à exacerbação do tempo do produto e do consumo, o jornalismo cultural sempre funcionou como um fator dinâmico para a visibilidade da produção cultural, condição essa que se alterou após o advento das redes sociais. No sentido de explorar o segmento, estudamos revistas, cadernos diários, fizemos uma espécie de Observatório de Suplementos, analisando os cadernos culturais de finais de semana quando eles ainda eram abundantes nos principais jornais do Brasil (*Ilustríssima*, *Sabático*, *Cultura*, *Prosa*, *Eu&Fim de semana*, somente para lembrar alguns).

Entre 2011 e 2015, trabalhamos dois gêneros textuais (a reportagem cultural e a resenha crítica) para



o blog *Praça*,¹⁸ recebemos palestrantes, assistimos a muitos filmes e saímos, eventualmente, da faculdade a fim de conhecer instituições e/ou ver exposições. Lembro particularmente de duas situações de encontro geracionais, quando os jovens receberam, na sala de aula, o crítico de cinema Hiron Goidanich, o Goida, aos 80 anos. Ou quando fomos conhecer o acervo de P.F. Gastal, o mentor da tradição cineclubista e da crítica de cinema em Porto Alegre, guardado então na Cinemateca Capitólio reaberta em 2015.

Aos poucos, a disciplina foi incorporando a temática da cidade, não apenas por ser um tema que reverberava as pesquisas em desenvolvimento, mas também por se constituir em uma chave para entender a transformação da cultura em mercadoria, tão bem interpretada por Walter Benjamin. Na medida em que o fluxo de informações seguiu o movimento do comércio e do capital, a instituição jornalística, ao ganhar impulso na Modernidade, foi uma espécie de bússola para o enfrentamento da experiência das grandes cidades, especialmente a partir do século XIX. Numa via de mão dupla, a produção jornalística e suas práticas textuais se adaptaram ao cotidiano urbano ao mesmo tempo em que influíram nele, ajustando tanto o senso abstrato do tempo como os lugares a serem iluminados ou, então, escondidos.

Na amplitude de tal temática e da liberdade que o contrato da ementa proporciona,¹⁹ imaginamos a disciplina para que ela fosse também uma espécie de linha de fuga, possibilidade de encontro com

¹⁸ O blog *Praça* foi desenvolvido em junho de 2011 para abrigar as produções em crítica e em reportagem dos alunos da disciplina de Jornalismo Cultural da Fabico. Ainda pode ser visto em <<https://jornalismoculturalufrgs.blogspot.com/>>

¹⁹ A súmula é bastante livre para a proposta docente: “Mediação jornalística da cultura. Aproximações entre jornalismo e literatura. Laboratório de produção de narrativas”.

outros campos de saberes, talvez uma inflexão no currículo em busca de novas formas de narrar e de desenvolver sensibilidades em relação ao entorno. Ao mesmo tempo, seguimos a dimensão da formação de repertório, incorporando, no programa, autores como Stuart Hall, Jonathan Culler, Antonio Candido, Pierre Bourdieu, Raquel Rolnik, Yu-Fu Tuan, além do estudo do legado do jornalista, diretor e documentarista Eduardo Coutinho.²⁰ Tal qual *flâneurs* que devaneiam com o pé na calçada, fizemos um passeio orientado pela Cidade Baixa, bairro que se revelou pela primeira vez à luz do dia (!) para alguns alunos, com suas histórias da toponímica e de sociedades carnavalescas, suas miragens de escravos fugidios, *infames* (FOUCAULT, 2003) e lavadeiras à margem de um arroio que ali chegava. Ou a andança pelo Centro Histórico atrás de vestígios das lendas urbanas, desde o Memorial da Santa Casa até à Igreja das Dores, passando pela rua do Arvoredo e seu bizarro fabricante de linguça supostamente feita com carne humana.

A imagem mais potente que guardo destes momentos talvez seja o sorriso de satisfação de alguns alunos quando, numa visita exclusiva à Irmandade das Dores, uma das sociedades fundantes da cidade, subimos até o último degrau da torre, sem imaginar quanto esforço físico seria necessário para contemplar a generosa vista que nos aguardava. Alguns semestres depois, Filipe Batista, um dos alunos da turma, defendeu seu TCC sobre a invenção da lenda do escravo Josino, que supostamente teria amaldiçoado a construção daquelas torres, e foi à força acusado de ter roubado tijolos da igreja.

²⁰ Citamos estes autores porque eles foram os que permaneceram entre vários que entraram e saíram dos programas semestrais, porém com o advento do Ensino Remoto Emergencial este formato está em vias de modificação. Para enfrentar o período, reduzimos o número de autores a serem lidos e deixamos a disciplina com uma visada mais laboratorial.

Entre tópicos problematizados – os muros visíveis e invisíveis da cidade, as representações do mesmo e do outro –, encontramos na narrativa e na crônica nosso *lugar* para experimentações e trânsitos criativos. Forma do tempo e da memória, registro da vida que escoou, o gênero da crônica nos legou uma escola de considerável tradição no Brasil, com independência estética e variações estilísticas.

Particularmente, tornou-se uma espécie de cúmplice da cidade, da conversa ao rés do chão e da oralidade.

Logo, a disciplina concretizou uma oportunidade de revisar cronistas históricos e contemporâneos e oportunizou um laboratório de produção de crônicas. Escrevemos sobre nossas ruas, nossos bairros, sobre lugares escolhidos da cidade (uma margem, uma avenida, uma linha imaginária, um bairro).

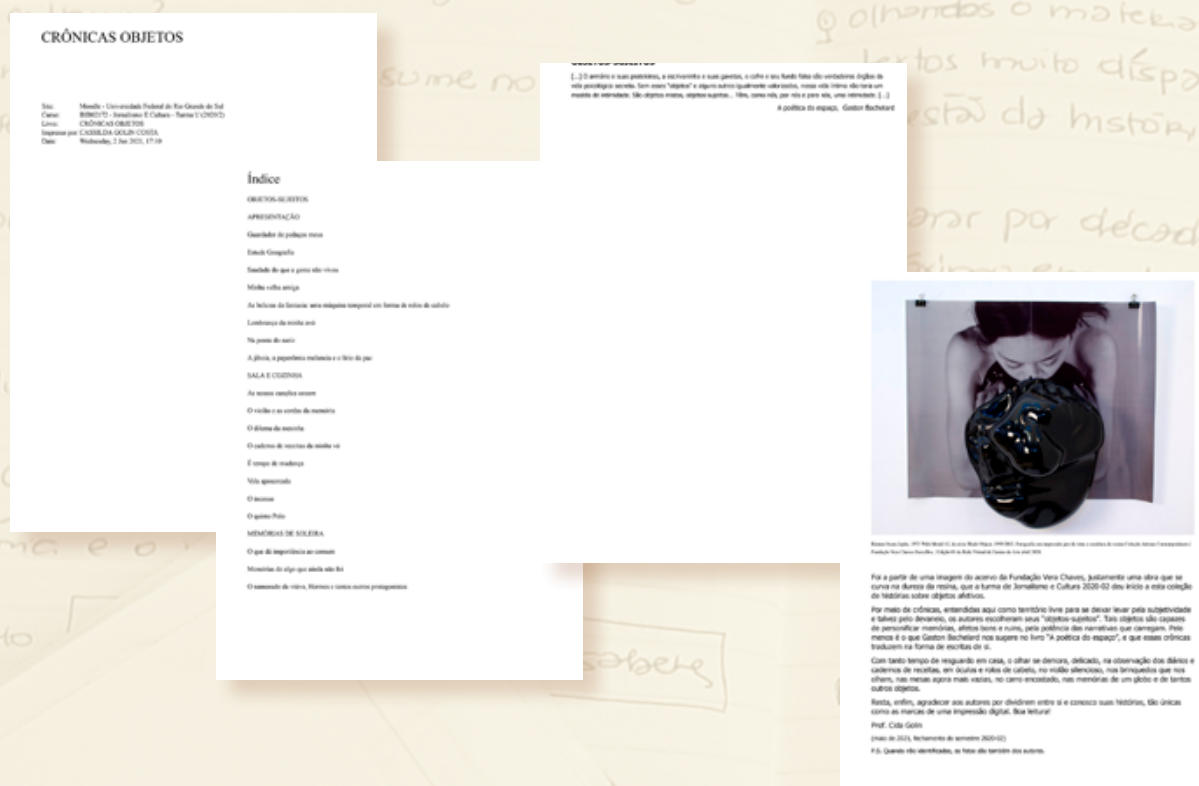
Os textos foram espécies de passagens à imersão nas escritas de si,²¹ traduzindo lugares pelas experiências e pelos afetos que neles habitam. Lembro que a leitura em voz alta de cada texto (desde que o aluno se sentisse à vontade para tanto), e a escuta da palavra ao vivo do colega, foram, às vezes, momentos difíceis de atravessar tamanha a intensidade emocional da ação de narrar e se descobrir.

A partir da experiência agônica da pandemia, quando a disciplina incorporou mais fortemente o texto literário e explorou possibilidades da ferramenta Moodle, produzimos dois livros de crônicas: *Jogos de memória: entre a casa e a rua* e *Quebra-cabeças na cidade*.²² No semestre acadêmico de 2020-02 (realizado em 2021), os livros foram

²¹ Estou me apropriando aqui do termo de Foucault (2004).

²² <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/01/28/alunos-produzem-serie-de-cronicas-interligadas/>
<https://www.ufrgs.br/humanista/2021/02/08/quebra-cabecas-na-cidade-fecha-serie-de-cronicas/>

Mapas da memória e Crônicas Objetos, esse último uma coleção de histórias sobre objetos afetivos. Por meio de crônicas, entendidas nessa experiência específica como território livre para se deixar levar pela subjetividade e talvez pelo devaneio, os autores escolheram seus “objetos-sujeitos”, objetos capazes de personificar memórias, afetos bons e ruins, pela potência das narrativas que carregam.



Livro produzido no Ensino Remoto Emergencial a partir do uso da ferramenta Moodle

Por fim, ao descrever o projeto de cada uma das três disciplinas que ministro, sinto-me, muitas vezes, envolta em um trabalho que escapa, que me exige muita energia e no qual não consigo mensurar resultados e/ou impacto, ainda que na maioria dos cursos tenha, conscientemente ou não, estimulado trabalhos práticos que sintetizem percursos de

aprendizado e que tenham sentido também fora do laboratório criativo da Universidade. Ao se enfrentar a timidez do corpo e da performance professoral, há que se enfrentar um vazio que encontra algum eco nas palavras do professor Pedro Meira Monteiro:

[...] o vazio a enfrentar quando nos vemos diante das expressões que conhecemos tão bem: curiosas, indiferentes, serenas, impacientes, respeitadas ou não, circunspectas, incrédulas, amistosas, desafiantes. Como ignorar que o vazio tem a ver com esse pequeno mar de emoções e predisposições cifradas na face dos alunos? Não sabemos o que esperar de uma primeira aula. Entre estudantes e professor, perfila-se o gigantesco ponto de interrogação de todo o curso que se inicia. Para onde vamos? Chegaremos lá? Mas onde é “lá”? O que nos aguarda? O que faremos juntos? O que deixaremos pelo caminho? E o que ao fim permanecerá? (MONTEIRO, 2014, p. 15-16)

Enquanto escrevia este memorial, fui surpreendida com o convite para ser paraninfa de uma pequena turma de Jornalismo (de 2020-02) que se formaria no segundo semestre de 2021 de forma remota. Retornarei a essa cerimônia ao final, por ora me detenho nas turmas em que fui professora homenageada. A cada vez que recebi essa moção honrosa,²³ me surpreendo não por falsa modéstia, mas por uma constante sensação de deslocamento do lugar do professor, do qual carrego, sim, a vontade infinita de aprender e desaprender, mas no qual preciso confrontar um constante “embaraço” no gesto e no movimento de se “pôr para fora”.

Por fim, retomo a epígrafe que abre a segunda parte deste memorial. Trata-se de um pequeno fragmento do texto *Aula* de Roland Barthes que, na dureza

²³ Isso ocorreu nove vezes, nas turmas de 2008-1, 2008-2, 2009-1, 2010-1, 2013-1, 2013-2, 2014-2, 2016-1, 2019-02.



| Ritos e festa na hora de partir



da rotina, me motiva a acreditar na função de um professor disposto a “desaprender”, a deslocar saberes, em que o jeito de dizer implica também em um jeito de ouvir:

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama **pesquisar**. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de **desaprender**, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: **Sapientia**: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (BARTHES, 1996, p. 47)

Os cursos na pós-graduação

Ingressei no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação em janeiro de 2007 e permaneci como professora permanente quase 15 anos, até o primeiro semestre de 2021. Minha primeira experiência docente foi um seminário intitulado *Comunicação, Cultura e Arte*. A seguir, o seminário se transformou em disciplina obrigatória da linha de pesquisa *Jornalismo e Processos Editoriais*, intitulada *Jornalismo, Cultura e Arte*, posteriormente, *Jornalismo e Cultura*.²⁴ Entre 2008 e 2019, foram sete cursos ministrados, cada qual com quatro créditos (com exceção do primeiro seminário de dois créditos).

Olhando em perspectiva, reconheço nos cursos um lastro de leituras pensadas para a formação do aluno, sobretudo de Mestrado, na área de Jornalismo e Processos Editoriais, linha vigente até 2018. Além de espelhar interesses de pesquisa, os programas diversificaram autores em torno de tópicos como mediação jornalística da cultura; perspectiva histórica do jornalismo cultural: cadernos, suplementos e revistas; aproximações entre literatura e jornalismo; campos jornalísticos e da produção cultural: disputa, prestígio e visibilidade; o jornalismo como mapa de interpretação e as temporalidades na representação jornalística da cultura. Por fim, entendendo a disciplina também como uma oportunidade para aprofundar leituras dos projetos em curso, a emergência da temática da narrativa e da cidade acrescentou novos problemas como a espacialidade da memória.

Na amplitude do programa, que exigia atualizações a cada edição, havia um grupo de autores principais

²⁴ Disciplinas registradas em [RAD, página 5].

que se repetiam e ancoravam as discussões. Nesse grupo, situo a escola dos Estudos Culturais, com Raymond Williams, Stuart Hall e Jesús Martín-Barbero; a presença obrigatória da teoria dos campos sociais e da sociologia da cultura de Pierre Bourdieu, um autor que me acompanhou sistematicamente desde 2005. Em linhas muito resumidas, Bourdieu me ensinou a entender mais reflexivamente a frase de Bertold Brecht de que “nada, absolutamente nada, é natural”, convidando à autoanálise constante e à vigilância epistemológica de perguntar sobre tudo o que perguntamos ou deixamos de perguntar numa investigação. Profundamente crítico da violência simbólica (e paradoxalmente inserido nos lugares hegemônicos do poder acadêmico), Bourdieu me provocou a desconfiar das ilusões, a tentar localizar as crenças que nos mantêm presos, como ímãs, ao tabuleiro dos campos sociais em que nos inserimos e que regem nossas escolhas.

Na medida em que a disciplina seguia, também, os rumos da pesquisa principal, trabalhamos com fragmentos do vasto campo de estudos da narrativa. Convocamos Paul Ricoeur, Jonathan Culler e Luiz Motta, entre outros, visando relacionar a narrativa ao jornalismo. Quando o tema da cidade ganhou relevo na dimensão narrativa da memória e do jornalismo, Walter Benjamin passou a ocupar, cada vez mais, nossa atenção. Ao contrário de Bourdieu, a biografia de Benjamin conta uma trajetória errante, avessa às normativas acadêmicas de seu tempo e historicamente situada entre acontecimentos agônicos do século XX como as Guerras e o fascismo. Sua leitura me estimula, até hoje, a pensar de forma crítica, alinhar sincronicamente a diacronia histórica, atentar para tudo aquilo que parece insignificante e avançar para um patamar mais sensível e criativo em relação ao labirinto da produção de conhecimento.



LEAD e seus
pesquisadores

O último curso que ministrei, em 2019, foi realizado em torno da grande e aconchegante mesa de reuniões de nosso laboratório, o LEAD. Ali esmiuçamos *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1939) e o encontro foi muito rico em apontamentos, associações e perguntas. Penso que esta imagem em volta da mesa traduz aquilo que um curso de pós-graduação nos propicia quando encontramos uma turma disposta a mergulhar nas leituras, a se engajar na aventura do conhecimento entre sujeitos “epistemologicamente curiosos”, de que fala Freire (1996). Pensando melhor, lembro que todos os meus cursos com turmas pequenas, ou nem tão pequenas, se realizaram em forma de círculo, essa disposição espacial menos hierárquica, que facilita melhor o ouvir e o falar, o fazer “circular” a palavra e a dúvida. Certa vez, Stuart Hall (2003, p. 406- 407) definiu a pós-graduação do Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham como uma espécie de “estufa”.²⁵ Sem dúvida, a experiência da docência em pós-graduação foi uma oportunidade rara de partilhar leituras com alunos em formação intelectual, alguns deles leitores incansáveis, pesquisadores em potencial, e que reconheciam o privilégio de estar numa Universidade pública que os fazia crescer e refletir criticamente.

Meus (ex) orientandos

Se retiver ainda a imagem da estufa emprestada de Stuart Hall, pensando nos cuidados dispensados a um pequeno jardim suspenso, talvez o que eu mais sinta saudades do período vivido na pós-graduação seja justamente o afeto e a companhia do grupo

²⁵ De onde ele saiu e retornou para a *Open University*, cujo público não tinha formação acadêmica.

de orientandos. No passo a passo de cada um, seguimos o nascimento, o crescimento e a floração de uma pesquisa, um investimento feito metade de gerenciamento racional do pensamento e das ações, outra metade de emoção, cumplicidade e pura relação de escuta e transferência, algo bem difícil de enfrentar em alguns momentos. Em geral, vivenciei a orientação como artesanato, feita aos pouquinhos, com muita disponibilidade de parceria e, portanto, sempre busquei manter um grupo pequeno de orientandos, apesar de as normativas da CAPES exigirem uma demanda maior de alunos. Entre 2007 e 2020, orientei 16 dissertações de Mestrado e três teses de Doutorado.²⁶

Neste quesito, parece-me oportuno enfatizar o quanto as reuniões de pesquisa, os laboratórios formativos de leitura, a experiência de colaboração nos estágios docentes²⁷ e a soma do conjunto de pesquisas constituem o mais substancial, ou seja, o resultado coletivo do trabalho. Ao longo dos anos, desenvolvemos várias investigações interligadas. Em linhas gerais, a força de nossa contribuição residiu especialmente nos estudos em perspectiva histórica sobre o jornalismo produzido no Rio Grande do Sul e, também, no país, com especial ênfase no segmento especializado em cultura. Historicamente, as empresas jornalísticas e seus produtos mantiveram relações articuladas com o sistema de cultura, ora como divulgadoras, ora como promotoras ou avalizadoras, atraindo para si o prestígio dos intelectuais e artistas e, numa via de mão dupla, concedendo a eles o capital disputado da visibilidade.

²⁶ [RAD, páginas 10 e 11].

²⁷ Registros em [RAD, páginas 11 e 12].

Parte dos temas de estudo se inseriu na experiência de dois jornais paradigmáticos do Rio Grande do Sul: o *Correio do Povo*, principal jornal sulino até os anos 1980 e expoente do jornalismo informativo empresarial; e *Zero Hora*, que, nas últimas décadas do século XX, emergiu como modelo hegemônico de organização jornalística. Também estudamos o *Diário do Sul* (1986-1988), periódico do Grupo Gazeta Mercantil, cuja breve existência pontuou a passagem da liderança do *Correio* para *ZH*, trazendo boa parte da expertise do *Coojournal*, outro periódico cuja coleção foi analisada. Logo, é possível observar, no conjunto, tanto a permanência de padrões como a transformação de índices valorativos sobre o sistema cultural a partir do jornalismo.

Em suma, as pesquisas esmiuçaram projetos editoriais, produtos jornalísticos diversos e a ação de agentes jornalísticos, com articulações ao redor de questões como a noção de cultura, os valores-notícia na dimensão tomada pelo jornalismo cultural e gêneros como crítica e crônica. Entram no escopo dessas pesquisas também as relações de poder entre os campos do jornalismo e da cultura, sobretudo a partir das redes de intelectuais que se agrupam em torno de determinados periódicos.

Seja em pontos como política editorial, temporalidade e personalização no jornalismo especializado em cultura, seja nas questões da narrativa ou da história do jornalismo cultural, todas as investigações se entrelaçam em pelo menos algum aspecto, dando organicidade ao grupo. As teses e dissertações de CARDOSO (2009; 2016), KELLER (2012), MÜLLER (2015), CAVALCANTI (2016; 2020), ROLOFF (2017) e COUSIN (2020) avançaram no jornalismo cultural de revistas e suplementos, nas especificidades

do segmento, além da sua intrincada rede de agentes, produção de memória e acontecimentos. Em relação à temática da representação da cidade e da construção de espacialidades por meio da narrativa jornalística, enfatizamos a contribuição de HORN (2017), DE PAULA (2019) e MOGENDORFF (2013). No aspecto da gestão narrativa da memória por meio do jornalismo e de gêneros como a biografia, cabe ressaltar as pesquisas de CAVALCANTI (2020), MARCILIO (2018) e de MUGNOL (2018). Por fim, destacamos os estudos sobre o *ethos* de jornalistas atuantes no segmento de artes visuais (ALFONSO, 2017), o legado de colunistas históricos como Barão de Itararé (JACOBUS, 2010), Herbert Caro (FREITAS, 2011) e Aldo Obino (SIRENA, 2014) e a problematização da primeira experiência de cooperativa jornalística no país a partir do emblemático *Coojournal* de Porto Alegre (GLORIA, 2019).²⁸

As pesquisas construíram quadros metodológicos próprios a partir do viés da História Cultural, História Oral, lançando mão dos princípios de leitura da Análise de Conteúdo, Análise de Discurso de linha francesa, Análise Narrativa e Hermenêutica Ricoeuriana, permitindo o levantamento de indícios e a formulação de interpretações a respeito dos objetos e seus recortes. A qualidade e a contribuição das pesquisas dos egressos da pós-graduação resultaram na publicação de 11 artigos em periódicos qualificados²⁹ e seis capítulos de livros,³⁰ assim como na distinção de Menção Honrosa à dissertação de Mariana Sirena, *O circuito artístico de Porto Alegre na década de 1950 a partir do jornalismo: análise da coluna Notas de Arte, de Aldo Obino, no Correio do Povo* (2014).



| Menção honrosa SBPJOR

²⁸ Registros das orientações em [RAD, páginas 20 a 22].

²⁹ Todos os artigos estão registrados em [RAD, páginas 35 a 37].

³⁰ Todos os capítulos registrados em [RAD, páginas 37 a 39].

Os primeiros passos do jornalista-pesquisador: as monografias

Ao longo dos 16 anos de atividades como professora na Fabico, orientei 53 trabalhos de conclusão de curso (TCC) de alunos do curso de Jornalismo.³¹ Quando verifico os títulos das monografias, percebo que os trabalhos se alinham às grandes temáticas que envolvem minha trajetória de pesquisa: o jornalismo de cultura, história cultural, cidade e narrativa, história do jornalismo, expressões da linguagem radiofônica e o encontro entre a literatura e o jornalismo.

Entendo a monografia como uma experiência muito importante na vida acadêmica, um investimento pessoal em alguma pergunta que movimenta intensamente o aluno durante uma fase de vida repleta de passagens e de dúvidas. Muitas vezes são os primeiros passos na vida científica, com as expectativas e regras específicas de escrita e leitura dos objetos. Daí a importância de se acompanhar com cuidado e paciência cada um dos percursos. Durante certo período nessa lida, contei com a participação e colaboração inestimável de minha orientanda de Doutorado Anna Cavalcanti.

Apesar de o aluno de jornalismo, pelo seu próprio perfil de formação, não ambicionar prioritariamente a pós-graduação, vejo que muitos dos orientandos seguiram, posteriormente, programas de Mestrado e Doutorado. Em geral, as monografias são oportunidades para produzir um material inédito

³¹ Destes, 51 monografias estão registradas em [RAD, páginas de 22 a 26], faltando ainda as duas últimas de 2021.

No currículo anterior ao de 2009, havia um trabalho prático de especialização que demandava a orientação específica de um professor. Acrescento em [Anexo 26] certificações dessa experiência.

de investigação. A realização de entrevistas em profundidade, portanto, é marcante em boa parte desses trabalhos. Da variada amplitude do catálogo, cito alguns exemplos como a monografia de Rafaela Redin,³² sobre o cinema Guarani na cidade de Sobradinho, interior do Rio Grande do Sul.

A autora partiu de entrevistas e da análise documental da caderneta, onde o exibidor local registrou à mão todos os filmes apresentados durante 50 anos, para sistematizar a história cultural do cine Guarani entre 1948 e 1988, quando a casa fechou as portas.

Outro trabalho é a pesquisa documental de Bruna Linhares³³ que, pacientemente, foi atrás dos textos e da biografia de João Bergmann, o Jotabê, cronista muito influente na segunda metade dos anos 1950 em Porto Alegre e, que até então, restava esquecido.

Mais próxima temporalmente do momento em que escrevo esse memorial, cito a densidade da monografia de Luiza Dorneles (2021), que problematizou a entrevista enquanto possibilidade de escuta e produção de memória ao encontrar-se com moradores do Quilombo Flores, hoje cercado pelos muros do colégio Marista Assunção, na zona sul de Porto Alegre.³⁴ Ou o trabalho de Luís Filipe Batista, que enfrentou documentos e jornais de meados do século XIX para entender, sob o manto narrativo da lenda, como se fixou no imaginário urbano a história do suposto escravo Josino que amaldiçoou a construção das torres da igreja das Dores após ser condenado à forca por um pequeno furto na paróquia.

³² <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/77221>

³³ <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/111781?locale-attribute=en>

³⁴ Durante a defesa online, os entrevistados fizeram questão de assistir ao evento, dando-se então um ainda raro encontro de saberes.

As bancas

Ao longo dos semestres, não apenas a orientação, mas também a presença em bancas é uma atividade recorrente. Desde 2005, seguindo os dados de meu Currículo Lattes, participei de 49 bancas de defesa de Dissertação de Mestrado, incluindo aqui as bancas de meus orientandos. Desse total, foram 40 na UFRGS e nove (9) externas. Participei também de 37 bancas de Qualificação de Mestrado, sendo 29 na UFRGS e oito (8) externas. Ainda segundo o Lattes, foram 17 atuações em bancas de defesa de Tese de Doutorado desde 2005, sete delas externas à UFRGS. Em relação às Qualificações de Doutorado, temos o registro de dez bancas no Currículo Lattes, sendo três delas externas à minha Universidade. Somando todas as menções, foram 113 bancas de pós-graduação desde 2005.³⁵

Detenho-me agora na minha presença em bancas de trabalho de conclusão de curso (TCC). Conforme o Currículo Lattes, desde 2005, integrei 78 bancas de monografias na UFRGS, participando da discussão do relato científico que geralmente encerra o percurso de graduação.³⁶

Desses eventos, destaco também minha participação anual nas bancas dos Salões de Iniciação Científica da UFRGS, uma atividade central para a formação dos jovens pesquisadores, semana especial de outubro quando a Universidade se volta inteiramente a visibilizar as atividades de pesquisa e extensão.³⁷

³⁵ No RAD da Universidade, tenho o registro de 46 bancas. Acrescento no [Anexo 6] 27 atestados de participação em bancas de pós-graduação externas desde 2005. No [Anexo 7], reúno atestados de bancas de pós-graduação realizadas na UFRGS e que não estão registradas no RAD.

³⁶ Dessas bancas, 59 estão registradas no RAD, sistema que passou a computar bancas de graduação a partir de 2009. No [Anexo 8], complemento o registro com atestados de participação em bancas de graduação entre 2005 e 2010.

³⁷ No [RAD, página 29], estão minhas participações anuais de 2010 a 2015. No [Anexo 9], incluo as participações anteriores.

gestos que tornam Ritos A RUPTURA
46 O Rito: ca mudança.
46 Rituais de semelhança história e da
48 Crises m RITO SEM M
49 não há p apontar p

CURSO S.O.S PROFESSOR 22
OUTROS MATERIAIS DISPONIB

foi. da população está com Internet
97% acesso pelo CELULAR.

Em geral
(Pensa p/ o desktop e vai p/ o m)

Unidades - 20 min - PRIMÁRIO
40 min - SECUNDÁRIO.

TRANSMITE

Ferramentas simples ≠
• SÍNCRONA

REPRODUÇÃO

TEMPO

Não pode ~~transferir~~ transferir
PREFERENCIAL P/
Tempos disti

temos

flexibilidade II

Preços.

— momentos si

gravado

Intermezzo: atividades técnicas, administrativas e de extensão

Quando trabalhamos numa Universidade cujo organograma se estrutura fortemente em torno de Conselhos, Unidades, Departamentos e Comissões, entre outros setores, nos inserimos em uma série de demandas técnicas e administrativas que fazem funcionar o cotidiano da instituição. Destaco, aqui, algumas das atividades que realizei no *intermezzo* entre o ensino e a pesquisa. Acentuo, particularmente, minha presença em conselhos e comissões editoriais dentro da UFRGS, a participação em distintas comissões da Unidade, assim como a produção técnica de pareceres e a participação em projetos e ações de extensão.

Conselhos e comissões editoriais na UFRGS

Quando entrei na UFRGS, fui designada em junho de 2005 para coordenar a Comissão Editorial da Revista *Em Questão* no biênio 2005-2006 e, posteriormente, no biênio 2007-2008. A comissão foi formada pelos professores Ana Maria Dalla Zen, Ana Gruszynski, Rafael Port Rocha, pela bibliotecária-chefe Miriam Moema Loss e pela jornalista Anajara Carbonel Closs, além de alunos-bolsistas do LEAD. Como veremos no capítulo seguinte, essa experiência de gestão editorial implicou em um desdobramento prático das reflexões e resultados do projeto sobre periódicos científicos. Penso que foi um período extremamente produtivo para a revista *Em Questão*,

hoje um título referencial na área da Informação. Na época, seu escopo abrangia a Comunicação, integrando os campos de origem da Fabico.

Ao longo de pouco mais de quatro anos, até setembro de 2009, a equipe editorial seguiu rigorosamente a orientação Qualis para periódicos científicos e buscou aperfeiçoar sua missão e política editorial a partir do volume 11 de 2005. Conseguimos, em dois anos, elevar a pontuação da revista no ranking de periódicos do Qualis/CAPES à época, passando de C Nacional para periódico B3. Em termos operacionais, graças ao comando técnico da professora Ana Gruszynski, implementamos o programa de editoração científica SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas), sendo uma das poucas revistas da UFRGS, naquele momento, a utilizar tal sistema de forma integral, da etapa de submissão à publicação. Paulatinamente, acompanhamos a migração do formato impresso para o digital e cuidamos de manter a pontualidade da revista. Ao todo, editamos nove números de cinco volumes (11 a 15), buscamos também consolidar edições temáticas, sem excluir artigos avulsos. Simultaneamente, a *Em Questão* passou a integrar portais de periódicos científicos e indexadores qualitativos, aumentando cada vez mais a sua visibilidade e impacto.³⁸

Praticamente no mesmo período, durante dois biênios, entre julho de 2005 e agosto de 2009, tive a oportunidade de integrar o Conselho Editorial da Editora da UFRGS, a maior parte do tempo na gestão da professora Jusamara Vieira Souza. Foi um período bem significativo da trajetória da editora, pois ela completaria 35 anos em 2006 e, marcando o aniversário, faria transição de espaço físico, passando

³⁸ Comprovante [Anexo 10].

a ocupar um prédio próprio no Campus Saúde, junto à gráfica. Além disso, foi notável a profissionalização da produção editorial, o incremento no número de títulos, além da abertura de novas coleções e a intensa presença da editora em feiras, particularmente na Feira do Livro de Porto Alegre.

Éramos dez membros no Conselho Editorial, representantes de diferentes áreas do conhecimento e nos reuníamos mensalmente. Além de sugerir projetos e ações, de ponderar e discutir sobre as demandas editoriais e administrativas da equipe coordenadora, nossa função era aprovar ou recusar originais, produzir pareceres e/ou sugerir nomes de pareceristas, pensando cada obra como um possível futuro livro. Por meio dessa experiência, pude acompanhar de perto a rotina de uma editora universitária no tempo entre a chegada dos originais e a publicação de um título, suas posteriores estratégias de visibilidade, circulação e estoque.³⁹

No mesmo ano de 2005, já me aproximando da entrada no programa de pós-graduação, participei das atividades da Comissão de Publicações do PPGCOM. Às vésperas de completar dez anos de atividades em 2006, um dos marcos comemorativos seria o lançamento da coleção temática a partir de suas áreas de concentração, Comunicação e Informação. Além da formação de um conselho editorial, buscar-se-ia articular e desenvolver a coleção junto à editora da UFRGS. Desse esforço, em 2007, resultou o livro *Mídia e Representações da Infância: narrativas contemporâneas*, organizado pelo professor Valdir Morigi e pelos alunos de Doutorado Rosane Rosa e Flávio Meurer, do PPGCOM. Em seguida, a Comissão foi descontinuada.⁴⁰

³⁹ Comprovante [Anexo 11].

⁴⁰ Comprovante [Anexo 12].

Quase uma década depois, eu faria parte de outra atividade editorial destinada a marcar o aniversário do programa, desta vez na Comissão do livro comemorativo aos 20 anos do PPGCOM entre junho de 2015 e 2016. A equipe editorial, formada pelos professores Valdir Morigi (coordenador), Nilda Jacks e por mim, teve como mote problematizar as articulações e tensões que constituíam, naquele período, a perspectiva e o desafio conceitual do curso: as interfaces entre os campos da Comunicação e da Informação.

Acreditando na possibilidade de diálogos interdisciplinares, nossa equipe convidou autores de reconhecida atuação nacional e internacional nos seus respectivos campos de pesquisa para juntar-se ao propósito do livro, tendo como suporte uma equipe de conselheiros e avaliadores dos textos. Organizamos, então, a coletânea *Epistemologias, comunicação e informação*, reunindo dez artigos de distintas perspectivas teóricas que ofereceram boas pistas para perceber o movimento das correntes de pensamento e de suas lutas simbólicas no campo acadêmico em um determinado período histórico.⁴¹

Um pouco antes, durante dois biênios entre 2013 e 2016, participei do Conselho Editorial do Jornal da UFRGS representando a FABICO. Sob a edição da jornalista Ânia Chala e, posteriormente, do jornalista Everton Cardoso, tivemos a missão de acompanhar a definição de pautas do periódico mensal impresso e ponderar sobre o resultado de sua cobertura. As reuniões eram mensais, tínhamos a tarefa de analisar o trabalho editorial, sugerir pautas e aprimoramentos. Considerando a importância deste periódico, sua longevidade e reconhecimento

⁴¹ [RAD 001004148, p. 39] MORIGI, Valdir Jose; JACKS, Nilda Aparecida; GOLIN, Cida. *Epistemologias, comunicação e informação*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2016. 223 p.

na vida universitária, integrar formalmente o Conselho foi um trabalho muito produtivo, ainda mais pelo vínculo estreito que o jornal mantém com o curso de Jornalismo, cujos alunos são estagiários de redação.⁴²

Por fim, desde junho de 2021, faço parte do Conselho Consultivo do selo editorial Arte e Cultura do Departamento de Difusão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS (DDC/PROEXT/UFRGS). Junto à Editora da UFRGS, esta comissão tem como missão definir a política editorial das coleções advindas da Difusão Cultural, apreciar o calendário de publicações e planejar o catálogo dos próximos anos.⁴³

Rotinas da estrutura administrativa da Unidade

De março de 2009 a dezembro de 2011, fiquei responsável pela coordenação da Comissão de Bolsas do PPGCOM, uma das Comissões administrativas presentes no regimento do programa, com funções deliberativas e executivas. Ao longo do período, a Comissão teve a atribuição de estabelecer critérios de concessão que priorizassem o mérito acadêmico, redigir e atualizar os critérios de manutenção das bolsas; avaliar os relatórios semestrais de atividades de bolsistas, além de produzir pareceres sobre qualquer demanda dos alunos. Paulatinamente, mesmo com o número ascendente de cotas recebidas pelo programa à época, o número

⁴² Comprovante [Anexo 13]

⁴³ Comprovante [Anexo 14]

de alunos foi crescendo e, com ele, a demanda pelas bolsas. Isto exigiu o estabelecimento dos primeiros editais de seleção com critérios públicos de pontuação.⁴⁴

Retornei à Comissão de Bolsas do PPGCOM em junho de 2015, onde permaneci durante três anos e meio, coordenando as suas atividades a partir de 2016 junto à professora Ana Gruszynski. Foi um período em que vimos estacionar as cotas disponíveis do programa, enquanto continuava a crescer o número de alunos interessados. Mais do que nunca, foi necessário realizar aperfeiçoamentos e atualizações no regimento específico dos bolsistas, nos critérios do edital de seleção anual, prezando pelo rigor na avaliação dos relatórios semestrais dos bolsistas.

No âmbito da Unidade e dos seus cursos da Graduação, fui suplente no Conselho da Unidade entre março de 2009 a maio de 2011, assim como suplente de representante do Curso de Jornalismo no Colegiado do DECOM no mesmo período.⁴⁵ Em novembro de 2011, assumi a função de Representante do Curso de Jornalismo no Colegiado do Departamento de Comunicação, onde fiquei durante quatro anos, até novembro de 2015. Até então, as diferentes habilitações do curso de Comunicação eram regidas por uma única COMGRAD. Nessa organização administrativa, cada área possuía um representante para as reuniões executivas do Departamento com a incumbência de atender às demandas específicas de cada setor.⁴⁶

⁴⁴ Comprovante [Anexo 15].

⁴⁵ Comprovantes [Anexo 16].

⁴⁶ Comprovante [Anexo 17].

A partir de 2016, o Jornalismo passou ao patamar de bacharelado autônomo, concretizando uma antiga aspiração, desde quando estava vinculado à Filosofia. Nessa nova fase, atendeu aos preceitos obrigatórios das Diretrizes Curriculares Nacionais, estabelecidas na Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013. O novo currículo foi precedido de uma longa temporada de debates e ponderações sobre a formatação do curso e do seu projeto pedagógico. Tendo na bagagem a experiência de uma mudança curricular ainda recente, ocorrida em 2009, a primeira Comissão de Graduação do curso de Jornalismo ficou responsável por fazer a passagem de um bacharelado a outro, ajustando a complexidade administrativa dos processos de transição de grade no cotidiano dos alunos. Participei como membro integrante da COMGRAD, sob a coordenação de Sean Hagen e Marcia Benetti, entre maio de 2016 a maio de 2018.⁴⁷

Por fim, seguindo meus registros no Currículo Lattes, participei também, entre agosto de 2009 e dezembro de 2011, da Coordenadoria das Comissões de Sindicância do Pessoal Docente.⁴⁸ Desde março de 2019, encontro-me responsável pela Coordenação do Estúdio de Rádio da FABICO,⁴⁹ que atende as disciplinas do Departamento de Comunicação, especialmente as disciplinas regulares do curso de Jornalismo. No mesmo período, passei a integrar, no DECOM, a Comissão de Avaliação de Progressões Docentes.⁵⁰ A partir de março deste ano, também participo do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Museologia.⁵¹

⁴⁷ Registro em [RAD, página 43].

⁴⁸ Comprovante em [Anexo 18].

⁴⁹ Comprovante em [Anexo 19].

⁵⁰ Comprovante em [Anexo 20].

⁵¹ Comprovante em [Anexo 21].

Trabalhos técnicos: produção de pareceres

A produção técnica de pareceres é uma atividade regular do professor-pesquisador, particularmente quando está inserido na pós-graduação. Ao rever os registros de trabalho técnico no Currículo Lattes, vejo a intensidade e o ritmo desse tipo de trabalho, além da diversidade de demandas.⁵² Dentre elas, destaco os pareceres *ad hocs* concedidos a periódicos científicos qualificados,⁵³ assim como a avaliação de trabalhos submetidos a congressos, especialmente o Intercom e SBPJor.

Como bolsista e integrante do quadro de Consultores Ad Hoc do CNPq, tive uma atividade sistemática de produção de pareceres a fim de assessorar a avaliação dos pedidos de bolsas, financiamentos e auxílios nos editais públicos da instituição. Cabia-nos emitir parecer circunstanciado sobre o mérito acadêmico e técnico de cada demanda. Ao longo de seis anos, entre março de 2013 e fevereiro de 2019, foram produzidos 55 pareceres circunstanciados sobre processos recebidos pelo CNPq. Finalizando, destaco também, neste período, a participação como consultora externa de avaliação de projetos de pesquisa na Pontifícia Universidade do Paraná, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Unisinos.⁵⁴

⁵² Desde 2005, participei de comissões para elaboração de pareceres de credenciamento e recredenciamento de professores no PPGCOM, indicação do prêmio Capes de Teses, comissões para reconhecimento e revalidação de diploma de Mestrado e Doutorado. No âmbito do Departamento, são comissões de avaliação de estágios probatórios, de ingresso de Diplomados no Curso de Jornalismo (2014), Comissão de Sindicância Discente e eventuais avaliações de trabalhos práticos discentes como o Expocom e o I Prêmio da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), esse último em 2020.

⁵³ A partir de 2005, na área de Trabalhos Técnicos do Currículo Lattes, estão pareceres *ad hoc* para *Revista Intercom*, *Revista Intexto*, *Revista Mídia e Cotidiano*, *Comunicação Midiática* (Unesp), *Revista Chasqui*, *Revista Radio Leituras* (hoje *Radiofonias*), *Revista Matrizes*, *Revista Rizoma*, *Brazilian Journalism Research* (SBPJor), *Revista Em Questão*, *Revista Eptic Online*, *Revista Rosa dos Ventos*, *Revista Conexão* (UCS), *Revista Fronteiras*, *Revista Transinformação*.

⁵⁴ Reúno no [Anexo 22] atestados dos mais diversos tipos de pareceres em ordem cronológica, desde 2005.

Projetos e ações de extensão

Minha participação em projetos e ações de extensão, que se encontra registrada no RAD, ocorreu, sobretudo, por acompanhar as atividades do grupo do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) entre 2005 e 2008, quando seu perfil privilegiava este tipo de iniciativa extramuros ao abrir cursos e oficinas ligadas à edição. Daquela época, saliento um projeto que coordenei em 2007, orientando a bolsista Ana Laura Freitas na elaboração de documentários radiofônicos, transmitidos pela Rádio da Universidade, a partir de temáticas desenvolvidas pelo projeto *Unimúsica* do Departamento de Difusão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão.⁵⁵ E, também, o projeto *Clube de Música*, responsável por discussões quinzenais sobre música e crítica com alunos e aberto à comunidade.⁵⁶ Um pouco antes, em 2006, participei da produção do programa *Dois Pontos*, sobre literatura, na rádio da Universidade, orientando alunos na edição de pequenas reportagens jornalísticas sobre o tema.⁵⁷

No RAD⁵⁸ está, também, minha participação em edições do projeto *Portas Abertas*, quando a Universidade recebe visitantes, numa ação de acolhimento em um sábado de cada mês de maio, para mostrar suas instalações, cursos e a potência de suas atividades e projetos. Em semestres recentes, como é possível observar no RAD, novamente o LEAD retoma sua vocação extensionista com oficinas sobre TCC, gestão de tempo, entre outros tópicos afins, programas esses coordenados pelas professoras Aline Strelow e Ana Gruszynski.

⁵⁵ [RAD página 34 e 35].

⁵⁶ [RAD, página 31].

⁵⁷ [Anexo 23].

⁵⁸ [RAD, página 32].

(VISO DO HUMOR)

TRANQUILIZA

A DISTINÇÃO → relação entre indivíduo e sociedade.
Toma como objeto o GOSTO — preferências ou
atos que ocorrem da posição do indivíduo
no grupo social, do seu HABITUS.
— leis tendenciosas

A distinção — posição do indivíduo no grupo
— grupo na estrutura social.

herança para uns e um
um AVALIAÇÃO para outros.

de excelência se faz por
relação de classe e
atribuição.

de sua própria

de jornalismo e
dos eventos.

A: SUPLEMENTOS.

grupo:

como, publicações
e, histórias.

e publicações culturais

gestão e
f. bibliográficos.

umann — legisladores e intérpretes.
seu, arte hoje

NOGRAMA TCC

— indicação da banca
— entrega p/ a banca
— defesa dos TCC
— versão p/ a versão f
do semestre
— versão dos
das cor

2020-2

2 = N95
outra.

Pesquisa e produção intelectual

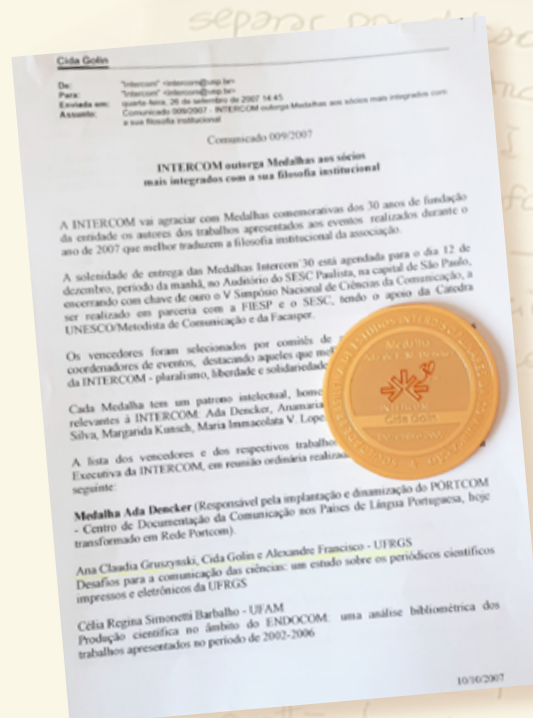
O LEAD e a comunicação nos periódicos científicos | 2005 – 2007

Quando entrei na UFRGS em 2005, fui acolhida no Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD), não apenas como professora integrante, mas também como pesquisadora dos projetos então em curso. Naquele período, como foi citado no capítulo anterior, o LEAD paulatinamente mudaria seu perfil de laboratório intenso de ações de extensão para um coletivo de pesquisa vinculado ao programa de pós-graduação e seria registrado oficialmente no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. A pesquisa *Os elementos comunicacionais dos periódicos científicos e a relação com os suportes impresso e on-line: estudo-piloto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, coordenada pela professora Ana Gruszynski, foi decisiva nesta passagem de perfil, não apenas pelo reconhecimento que a investigação recebeu na confluência entre os campos da Comunicação e Informação, como também pela visibilidade de sua contribuição e resultados na captação de recursos em editais e bolsas de iniciação científica.

Participei dessa investigação entre 2005 e 2009 e foi uma oportunidade fundamental para vivenciar a rotina das pesquisas na UFRGS, a orientação dos bolsistas e a importância da preparação de suas apresentações nos salões científicos, as reuniões semanais, os seminários teóricos e os estudos empíricos, a sistemática participação em congressos, além da burocracia da captação de recursos que, naquela quadra histórica, eram crescentes. Ao mesmo tempo em que participava do projeto, como vimos antes, assumia a edição da *Em questão*, revista que espelhou diretamente as evidências e achados da pesquisa em processo. A investigação captou o exato instante de transformação nas lógicas de

edição e divulgação dos periódicos científicos, sua passagem do suporte impresso para o digital, hoje totalmente naturalizada e que, na época, incidiu na explosão da revista fechada e linear para a experiência em fragmentos do contínuo informativo on-line. Acompanhamos os primeiros passos e os impasses de implantação do Sistema SEER (Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas) na Universidade, padronizando processos e designs editoriais que, até então, eram bem singulares.

A pesquisa logrou êxito em sistematizar um quadro de referência para orientar a produção de periódicos levando em consideração tanto os critérios reconhecidos como próprios ao campo científico como também problematizou sua eficácia comunicacional. A partir da perspectiva da produção editorial, propôs dois roteiros para orientação das comissões editoriais na edição, consolidação e qualificação de periódicos científicos impressos e eletrônicos. Ao todo, publicamos quatro artigos e um capítulo no livro *Tendências atuais da pesquisa em Comunicação* publicado em 2008 pela Intercom.⁵⁹ No ano anterior, a pesquisa recebeu a Medalha Ada Dencker comemorativa aos 30 anos da Intercom.



| Medalha Ada Dencker 2007

⁵⁹ [RAD 000683231] GRUSZYNSKI, Ana Claudia; GOLIN, Cida; CASTEDO, Raquel da Silva. Produção editorial e comunicação científica: uma proposta para edição de revistas científicas. In: **E-Compós**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, [Porto Alegre] v. 11, n. 2, (maio/ago. 2008), p. 1-17. [RAD 000599142] GRUSZYNSKI, Ana Claudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos eletrônicos e a visibilidade da ciência na web: estudo de caso na UFRGS. In: **DataGramaZero**: revista de Ciência da Informação, [Brasil] v. 8, n. 3 (jun. 2007), 15 f., il. [RAD 000536273] GRUSZYNSKI, Ana Claudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos nos suportes impresso e eletrônico: apontamentos para um estudo-piloto na UFRGS. In: **Eptic**: Jornal Eletrônico Internacional de Economia Política de Tecnologias de Informação e Comunicação, [Brasil] v. 8, n. 2 (maio/ago. 2006), 15 f., il. [RAD 000599135] GRUSZYNSKI, Ana Claudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos: transição dos suportes impresso para o eletrônico e eficácia comunicacional. In: **Razón y Palabra**: primera revista electronica en America Latina especializada en Comunicación, Mexico n. 52 (ago./sept. 2006), 15 f., il. [RAD 000684185] GRUSZYNSKI, Ana Claudia; GOLIN, Cida; FRANCISCO, Alexandre. Desafios para a comunicação das ciências: um estudo sobre os periódicos científicos impressos e eletrônicos da UFRGS. In: **Tendências atuais da pesquisa em comunicação no Brasil**. São Paulo: Intercom, 2008. p. 233-251, il.

A cultura pelo viés do jornalismo no Diário do Sul | 2007 – 2011

O primeiro projeto que assumi como coordenadora teve como pano de fundo a área que, até então, havia congregado a minha trajetória profissional – o segmento do jornalismo cultural –, tendo, como objeto protagonista, o projeto editorial do *Diário do Sul* do qual participei. Começava então uma das pontas do percurso autorreflexivo que citei na abertura do memorial, ainda sem noção clara de que estivesse fazendo tal escolha a fim de compreender uma experiência fundante na minha vida, que solidificou a base de valores e um modo de enxergar a partir dos meus “óculos” de jornalista. Lembro o estranhamento de folhear aquelas páginas de jornal tantos anos depois. Era o horizonte de outra paisagem, muito diferente daquele vivido no calor da hora da produção e da ânsia em checar a matéria recém-publicada. A passagem do tempo, então, faria o trabalho de refração e distanciamento, uma perspectiva do passado seria construída por meio das representações e das perguntas lançadas ao jornal a partir do presente.

Além de formar um banco de dados significativo sobre o último jornal de formato *standard* no Rio Grande do Sul, a pesquisa *Jornalismo e representação do sistema artístico-cultural nos anos 1980: um estudo do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986 – 1988)* discutiu a relação entre a prática jornalística e a representação do sistema artístico e cultural a partir da análise dos elementos discursivos e gráficos da editoria de cultura do extinto periódico do grupo Gazeta Mercantil. Buscou-se compreender como o jornalismo – e particularmente este jornal – documentou e avalizou o sistema cultural em meados dos anos 1980, época em que o chamado jornalismo cultural aderiu ao modelo dos cadernos e imprimia novas estratégias de

cobertura. A pesquisa qualitativa e exploratória, de viés histórico-crítico, localizou a coleção de jornais em arquivos e catalogou 1.469 matérias jornalísticas com os procedimentos da análise de conteúdo, além de usar técnicas da História Oral para produzir entrevistas com jornalistas da equipe editorial.⁶⁰ Percorreu-se uma fortuna crítica extensa sobre teorias do jornalismo, história do jornalismo, jornalismo especializado em cultura, design gráfico e o referencial teórico sobre o campo de produção cultural, particularmente a obra de Pierre Bourdieu.

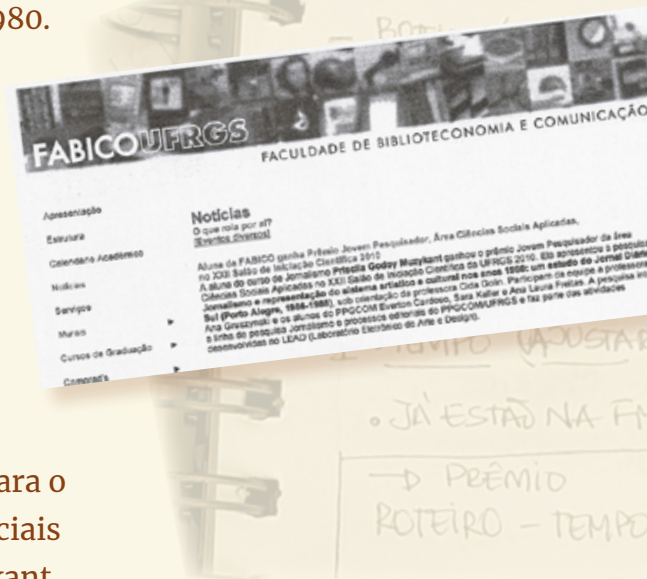
Na sua condição de intermediário, vimos que o jornal percorreu as diversas instâncias do sistema cultural, registrando os movimentos das áreas de criação, difusão, preservação, análise e consumo. A editoria de cultura do *DS* não fugiu do cânone consensual, enfatizou os expoentes do campo, a agenda de eventos, a temporalidade do produto, mas foi bastante sensível aos processos culturais, aos bastidores da criação, opção rara dentro do jornalismo cultural. Verificou-se que o jornal se pautava pela busca do contexto e pela recorrência ao passado, legando subsídios para a história da produção cultural. Ou seja, visava firmar-se como referência, cumprindo uma função formativa no horizonte de percepção do público.

⁶⁰ A fim de explorar as lembranças sobre as rotinas de produção da editoria de cultura, critérios de pauta, tratamento jornalístico dos textos, entre outros aspectos, foram entrevistados, entre agosto de 2008 e julho de 2009, o repórter e editor de Cultura, Luiz Carlos Barbosa; o principal mentor do projeto e diretor do *Diário do Sul*, jornalista Hélio Gama Filho; o repórter e crítico de cinema, Glênio Povoas; a editora de imagem, Jaqueline Joner; os editores de cultura, Renato Lemos Dalto e Ana Barros Pinto; o autor do projeto gráfico, designer Jorge Gallina; o crítico de teatro, Antônio Hohlfeldt; a organizadora do Centro de Pesquisa do *DS*, bibliotecária e professora Helen Rosados; o jornalista de cultura, José Weiss; o primeiro editor da área de cultura do *DS*, Carlos Urbim, e o crítico de cinema e editor, Luiz Carlos Merten. O conjunto de entrevistas forneceu subsídios importantes para as etapas analíticas da pesquisa, configurando também um banco de dados para estudos futuros sobre este periódico. As entrevistas foram gravadas em arquivos digitais de áudio e transcritas para leitura.

Os dados obtidos demonstraram a ênfase na economia da cultura, ilustrando-a com informações que permitem avaliar o quanto uma conjuntura recessiva – marcada pela alternância das intervenções econômicas daquele período como os Plano Cruzado, Plano Cruzado II e Plano Bresser – interferiu ora na expansão, ora na retração das atividades e da infraestrutura do setor cultural em Porto Alegre entre 1986 e 1988. Destacaram-se, também, os registros minuciosos sobre a institucionalização da cultura no Estado, permitindo encontrar a gênese e a estruturação de diferentes polos gerenciadores que permanecem em vigor até o momento. Enfim, ao sondar a economia do setor, assim como a articulação política do segmento, o jornalismo produzido na experiência do *Diário do Sul* ofereceu possibilidades alternativas de abordar o movimento, a memória e a transformação do sistema cultural de Porto Alegre em meados da década de 1980.

Além da professora Ana Gruszynski, a pesquisa reuniu três orientandos de Mestrado e nove bolsistas de iniciação científica e obteve recursos de edital CNPq para compras de bens de custeio e capital,⁶¹ além de bolsas de IC da FAPERGS e UFRGS. Entre 2007 e 2010, a pesquisa foi apresentada por cinco bolsistas em três salões de iniciação científica, recebendo quatro vezes o prêmio Destaque da sessão, com uma indicação para o prêmio Jovem Pesquisador na área de Ciências Sociais Aplicadas. Em 2010, a aluna Priscila Godoy Muzykant (PROBIC-CNPq) recebeu o Prêmio Jovem Pesquisador da área de Ciências Sociais Aplicadas no XXII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, sem dúvida, um ponto alto do reconhecimento da pesquisa e do seu investimento na formação dos bolsistas.

⁶¹ Universal 2007 Faixa A. Currículo Lattes: Relatório Auxílio à pesquisa Universal 2007 Faixa A Processo 472125/2007-9. 2010. (Relatório de pesquisa). [Anexo 24]



Notícia do Prêmio Jovem Pesquisador no site da Fabico

Em termos de divulgação científica, entre 2008 e 2011, participamos de sete congressos nacionais e publicamos nossos resultados parciais em cinco artigos em periódicos qualificados.⁶² O período dessa pesquisa foi decisivo para estabelecer um núcleo de estudos concentrado na reflexão sobre o jornalismo no campo da produção cultural. Nesse sentido, conforme referido anteriormente, foi enriquecedora a participação no projeto *Rumos Jornalismo Cultural* promovido pelo Instituto Itaú Cultural, entre 2007 e 2008, que reuniu nove professores brasileiros em seminários em São Paulo com produtores culturais, jornalistas e críticos. Deste projeto, resultaram os livros *Mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008* (Itaú Cultural, 2008) e *Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências* (Miró Editorial, 2009).

A parceria com o Observatório Itaú Cultural derivou em outra iniciativa significativa concretizada em 2010 com a organização do livro *Economia da arte e da cultura*, reunindo pesquisadores de diversas regiões do

⁶² Foi um período bastante produtivo em termos de produção de resultados e de divulgação da investigação, já que conseguimos visibilizar os resultados parciais e finais nos seguintes periódicos:

[RAD 000774731] GOLIN, Cida; GRUSZYNSKI, Ana. Parâmetros do sistema artístico e cultural no jornal Diário do Sul (1986-1988): a centralidade da economia na cobertura de cultura. *Revista FAMECOS*, v. 40, p. 36-43, 2009.

[RAD 000752510] GOLIN, Cida; GRUSZYNSKI, Ana. Cultura e processos editoriais: a representação do sistema artístico e cultural no Diário do Sul (1986-1988). *Libero* (FACASPER), v. 13, p. 87-98, 2010.

[RAD 000766318] GOLIN, Cida *et al.* Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). *Comunicação & Sociedade*, v. 54, p. 127-147, 2010.

[RAD 000819297] GRUSZYNSKI, Ana; GOLIN, Cida. O projeto gráfico e a visibilidade da cultura no jornal Diário do Sul (1986-1988). *Revista Fronteira* (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-8226 *Revista Fronteiras* (On-line)), v. 13, p. 71-85, 2011.

[RAD 000867395] GOLIN, Cida; Keller, Sara; CARDOSO, Everton. A cidade no jornalismo cultural: uma perspectiva de Porto Alegre na cobertura do Diário do Sul (1986-1988). *Brazilian Journalism Research* (Impresso), v. 8, p. 182-198, 2012.

Por fim, os congressos que participamos estão registrados no RAD nas páginas 42 e 43.

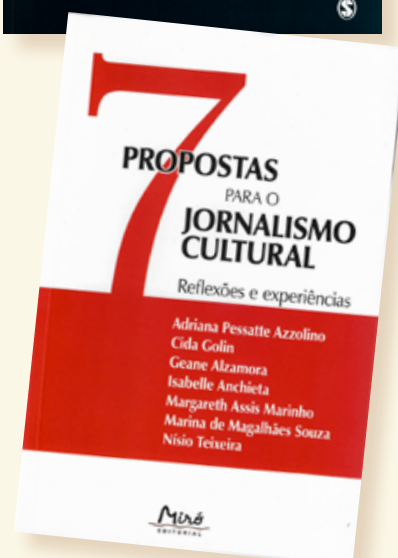
país em um projeto articulado pelo PPGCOM/UFRGS, Observatório Itaú Cultural, Grupo CEPOS da Unisinos e Observatório da Comunicação da Universidade Federal do Sergipe. Por fim, a publicação do artigo “Cultural journalism in Brazil: academic research, visibility, mediation and new values” no periódico inglês *Journalism* foi de extrema relevância para divulgar, internacionalmente, a pesquisa sobre o jornalismo cultural no Brasil e o trabalho realizado pelo grupo do LEAD. Junto com os capítulos produzidos para as coletâneas citadas acima, sintetizam o principal de nossa contribuição para o entendimento do jornalismo cultural a partir das teorias do jornalismo, da sociologia da cultura de Pierre Bourdieu, entre outras referências.⁶³

Em relação ao estudo específico sobre o jornal *Diário do Sul*, o último artigo “A cidade no jornalismo cultural: uma perspectiva de Porto Alegre na cobertura

⁶³ Em ordem de produção, destaco os seguintes textos que compilam as principais ideias, gestadas naquele período, sobre a relação do jornalismo com o sistema de produção cultural da época:
 [RAD 000722340] GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: Adriana Azzolino et al. (Org.) **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, 2009, p. 23-38. (Texto selecionado no edital 2008 Rumos Jornalismo Cultural do Itaú Cultural);
 [RAD 000685134] SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. O que é jornalismo cultural. In: Adriana Azzolino et al. (Org.) **Mapeamento do ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008** (Carteira professor de graduação). São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 70-80;
 [RAD 000695156] GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton Terres. Cultural journalism in Brazil: academic research, visibility, mediation and new values. *Journalism* (London), v. 10, p. 69-89, 2009;
 [RAD 000740767] BOLAÑO, C; GOLIN, C; BRITTOS, Valério. **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010 (Coleção Observatório Cultural);
 [RAD 000750015] GOLIN, Cida; Cardoso, Everton Terres. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. p. 184-203.



Atividades
e produções
vinculadas à
pesquisa



do Diário do Sul (1986–1988)” apontaria caminhos para os próximos interesses de pesquisa, ou seja, a reflexão sobre a cidade a partir do jornalismo de cultura. Sob intensa competição econômica, as grandes cidades contemporâneas projetaram-se como espaços notórios a partir de valores como criatividade, turismo e patrimônio. O jornalismo cultural, historicamente, potencializou tal discurso e investiu na representação do lugar efervescente, ponto de convergência entre circuitos de produção artística e cultural, na cidade como centro de consumo. Ainda hoje, percebe-se essa tendência especialmente no traçado editorial semelhante ao dos guias turísticos, que presumem que o sentido de cada espaço urbano pode ser encontrado no ritmo dos museus, centros culturais e prédios históricos.

Porém, antes de descrever as investigações dedicadas a pensar a cidade no jornalismo cultural, vamos nos deter na participação na pesquisa *Porto Alegre imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade* desenvolvida, entre 2007 e 2009, na Fabico.

Porto Alegre imaginada: representações da cidade no rádio | 2007 – 2009

Culturas urbanas na América Latina e na Espanha a partir de seus imaginários sociais foi um extenso projeto dirigido pelo pesquisador colombiano Armando Silva (2004),⁶⁴ com uma proposta teórico-

⁶⁴ Até 2009 havia envolvido equipes de estudo em cidades como Assunção, Barcelona, Bogotá, Buenos Aires, Caracas, Cidade do México, Cidade do Panamá, La Paz, Lima, Montevideu, Quito, Santiago do Chile, São Paulo e Sevilha. Em 2021, uma nova temporada da pesquisa está sendo desenvolvida, desta vez a partir das interfaces digitais, e Porto Alegre está incluída a partir de uma equipe coordenada pelo professor Valdir Morigi.

metodológica destinada a cruzar representações sobre cada cidade produzidas tanto pelos meios de comunicação como pelo ponto de vista dos cidadãos, dos estrangeiros e dos dados oficiais e padronizados das urbes. Porto Alegre entrou no circuito das cidades contempladas, já que reverberava, ainda, a repercussão internacional de ter sediado as quatro primeiras edições do Fórum Social Mundial entre 2000 e 2004. Obviamente, esta oportunidade se deveu também à articulação da professora e pesquisadora Nilda Jacks que, a partir de 2007, coordenou uma equipe multidisciplinar de professores, pesquisadores e alunos da Fabico. Desse percurso, resultaram seminários de estudo, orientações de monografias, séries radiofônicas, um audiovisual, publicação de artigos científicos e o livro *Porto Alegre imaginada*, volume da coleção *Imaginários urbanos* (JACKS; MORIGI, OLIVEIRA, 2012).⁶⁵

De minha parte, fiquei responsável por coordenar o subgrupo dedicado ao rádio, analisando uma amostra de seis programas de emissoras locais selecionados pela sua representatividade e dados de audiência. Os resultados obtidos acabaram confirmando achados das pesquisas anteriores realizadas por mim, ainda na Universidade de Caxias do Sul. Espaço por excelência do olhar, em que a audição ocupa um patamar periférico, a cidade encontra no rádio um sincronizador (MENEZES, 2007) do seu movimento e circulação. Cada emissora enquadra o ouvinte em um estilo próprio de pontuação e ritmo. Funciona, na perspectiva de Schafer (2001), como uma espécie de parede, massa sonora comprimida, ininterrupta, feita de repetições, envolvendo o sujeito na ausência do silêncio.

⁶⁵ [RAD 000866294] JACKS, Nilda Aparecida *et al.* *Porto Alegre imaginada*. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012. 278 p., il.



| *Imaginários urbanos*

Nas grandes cidades, as emissoras atuam como guias da mobilidade física do sujeito, e não foi diferente com os dados resultantes da amostra analisada. Por meio dela, confirmou-se a percepção de Di Felice (2009) de que cada mídia produz uma espécie de meta-arquitetura informativa. Na sua condição ubíqua de serviço e companhia, o rádio cria intimidade com o território, interage com os ouvintes como se eles fossem pessoas singulares e únicas, da mesma forma que retrata a cidade da multidão e do tráfego. Ancorado no presente, este contínuo de múltiplas temporalidades (a da memória, a do tempo do trabalho e do lazer), encontra também os tempos-espacos simultâneos da cidade, funcionando como uma espécie de cronômetro e de termômetro de uma cidade descentrada. “Por meio dele, ouvimos um organismo vivo, onde supostamente os indivíduos estão em perpétuo trânsito em vias expressas, mas também sabemos que é preciso consertar uma luminária no bairro Rubem Berta ou instalar uma sinaleira numa pequena travessa do bairro Cristal” (GOLIN, 2010, p. 77).⁶⁶

A cidade no suplemento Cultura de Zero Hora |2012 – 2016

Após a realização do estudo sobre a cultura no *Diário do Sul*, e interessada no quanto essa cobertura promovia a cidade como mercadoria e ambiência cultural (tal como Benjamin já havia demarcado em seus estudos sobre Baudelaire na Paris no século XIX), implementei a primeira fase da pesquisa sobre o caderno *Cultura de Zero Hora*, um dos primeiros títulos a consolidar o formato do encarte cultural no Rio Grande do Sul. Em

⁶⁶ [RAD 000760737] GOLIN, Cida. O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade. In: **Em Questão**: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS v. 16, n. esp. (out. 2010), p. 67-78.

2013, o projeto daria continuidade ao estudo iniciado por Keller (2012),⁶⁷ mantendo uma relação direta com o projeto de Everton Cardoso, que visava mapear redes de colaboradores e intelectuais do suplemento *Caderno de Sábado* – suplemento este que antecedeu em prestígio o *Cultura de Zero Hora* –, assim como dialogava com o estudo de Mariana Sirena sobre a formação do sistema das artes plásticas em Porto Alegre a partir da crônica do jornalista Aldo Obino no *Correio do Povo*.

É importante situar que, no Brasil, a profusão de suplementos literários e afins, encartados em importantes diários brasileiros, ocorreu justamente nas décadas de 1950 e 1960, quando o país viveu um processo acelerado de urbanização e consolidou sua indústria de bens culturais, justificando a convivência de suplementos especializados com a publicação diária da editoria de artes e cultura. Nesse contexto, surgiu o *Caderno de Cultura de Zero Hora* em 13 de abril de 1967, dando a largada de uma trajetória editorial

⁶⁷ A pesquisa privilegiou os 208 cadernos editados entre 2006 e 2009, totalizando quatro anos de circulação do suplemento *Cultura de Zero Hora*. Ainda que sob uma perspectiva diferenciada, deu continuidade à indexação realizada por Keller (2012) nas edições do *Cultura* de 2010. Somando o resultado das duas pesquisas, tivemos um panorama de cinco anos do suplemento, sendo possível apreender sua tendência e perfil editorial, as transformações provocadas pela alternância de editores e pelas mudanças no projeto gráfico, assim como inferir sobre a representação da cidade em um período temporal significativo. Essa visada panorâmica foi complementada na pesquisa posterior quando analisamos o período de 2011 até a extinção do caderno em 2014.

longeva, ainda que fragmentada.⁶⁸ Somente na sua periodicidade semanal, foram 22 anos de circulação ininterrupta entre 1992 e 2014, período em que foi o único, no jornalismo diário do Rio Grande do Sul, a aglutinar intelectuais e acadêmicos, mediando saberes especializados para um público mais amplo.

A investigação buscou, portanto, problematizar a construção jornalística da cidade, entendida como agente central do sistema de cultura, a partir dos índices disponíveis no suplemento. Contemplada com fomento do CNPq por meio de Bolsa Produtividade PQ2, além de edital de recursos de custeio e compra de bens de capital também pelo CNPq,⁶⁹ iniciamos um levantamento da bibliografia internacional na área de inserção (jornalismo cultural). A depuração dos resultados, concentrando-se nas principais tendências a partir de artigos lançados nas bases de dados Scopus, Web of Science, Scielo e Dialnet no período de 20 anos (1992-2012), resultou no levantamento,

⁶⁸ A partir da conferência em arquivos de jornais e em banco de dados (KELLER, 2012; GOLIN, KELLER, ROCHA, 2015), apurou-se que a primeira versão, de periodicidade quinzenal, do *Caderno de Cultura* de ZH circulou até a edição de número 60, de 11 de abril de 1970. Haveria um hiato de onze anos até que outra publicação com as mesmas características voltasse ao jornal. Em 03 de outubro de 1981 foi lançado o primeiro *ZH Cultura*, um suplemento mensal cujo texto de apresentação destacava o perfil reflexivo, reunindo textos sobre artes, literatura e ciências humanas, com a promessa de não ser “fechado e elitista”. O *ZH Cultura* circulou até 1991. No ano seguinte, em 1992, quando *Zero Hora* buscava visibilidade e abrangência nacional, surgiu o *Cultura* como parte integrante do *Segundo Caderno* (caderno cultural diário de ZH, que nomeia a editoria de cultura) e com periodicidade semanal. Seis anos depois, em 1998, o cenário já era outro e o jornal apostaria no hiperlocalismo como norte para a hierarquia das pautas. Em 1998 e 2010, reformas gráficas redesenharam o suplemento que encerrou seu ciclo em 2014, quando ZH, marcando as transformações editoriais do seu cinquentenário, lançou o caderno dominical *ProA*, projeto editorial de curta duração que encerrou em 2016.

⁶⁹ Currículo Lattes: Relatório Ch 182012 MCTI/CAPES Auxílio à pesquisa Processo 406200/2012-2. 2015. (Relatório de pesquisa). Comprovantes de recebimento de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Pq2) em dois períodos consecutivos envolvendo projetos sobre a cidade no suplemento *Cultura* em [Anexo 24].

até então inédito, publicado sob o título “Tendências da pesquisa internacional em jornalismo cultural” (GOLIN *et al*, 2014). Ao longo dos quatro anos, a equipe teve a presença de um doutorando, quatro mestrandos e três bolsistas de IC. O grupo de pesquisa cresceu, formou jornalistas e Mestres em Comunicação, consistindo em uma oportunidade relevante para o aperfeiçoamento de seus pesquisadores e bolsistas de Iniciação Científica dentro do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD).

Seguimos o percurso com o mapeamento da consolidação do formato suplemento cultural em 1967 na imprensa do RS e com o registro cronológico das várias fases editoriais do caderno *Cultura* até 2014, ano do seu fechamento, além da sistematização de procedimentos metodológicos de análise de conteúdo para pesquisas que problematizam a relação do jornalismo com o sistema cultural. Para lidar com uma amostra longitudinal de grande envergadura numérica presente nas 208 edições publicadas entre 2006 e 2009, criamos uma ferramenta digital específica e um banco de dados de indexação. Foi possível, portanto, analisar e cadastrar 1.462 textos no total. Empreendemos, a partir daí, uma análise panorâmica do perfil editorial do caderno, o estabelecimento de categorias para análise da representação da cidade, seguindo, posteriormente, com o estudo qualitativo de uma amostra reduzida de textos.

Em linhas gerais, inferimos que o espaço disputado do suplemento evidenciou a função orientadora do jornalismo cultural ao demarcar conteúdos proeminentes e selecionar o elenco de especialistas convocados a escrever uma narrativa em fragmentos sobre a cultura. O caderno analisado movimentou-se, principalmente, pelo ritmo do evento e pelo tempo cerimonioso e cíclico da efeméride. A notoriedade,

valor central do jornalismo, conduziu obviamente a maioria das pautas e, no leque eclético de temáticas, teve no mercado editorial o principal mote para os relatos do caderno. O olhar sobre a cultura, desde o sul do país, residiu especialmente na preferência por colaboradores vinculados às relações de sociabilidade da redação e às instituições regionais.

Na etapa de estudo qualitativo, escolhemos as efemérides enquanto um elemento norteador das projeções da cidade. Entendemos que a mediação temporal realizada pelo caderno *Cultura* produziu um feixe de sentidos sobre a cidade, tendo duas espacialidades predominantes e superpostas: a cidade-palco – local de circulação de mercadorias e agentes, fronteira de atualização e de circulação de notórios –, e a cidade-lembrança, tecida no gesto editorial que agenda e presentifica a memória, hierarquizando aquilo que deve ser lembrado. A condição tanto geográfica como simbólica de fronteira foi demarcada na possibilidade de troca e intercâmbio, no movimento de entrada e saída tão recorrente nas narrativas jornalísticas sobre a cultura. Reiterou-se, ainda, o valor da internacionalização como condição desse lugar notório de passagem.

Aproximamos, ao final, a publicação do poder de condensação temporal exercido pela experiência cotidiana das cidades (JEUDY, 2005; CERTEAU, 2012) em que o passado (efeméride – patrimônio, cidade antiga) e o presente (evento – cidade nova) se justapõem, desafiando uma ordenação semântica prévia. É como se a publicação jornalística ajudasse a escrever e ordenar a *memorabilia* da cidade. O suplemento cultural operou, com seus movimentos jornalísticos e pela lógica da montagem, determinados arranjos cronológicos e legitimações históricas, construindo, assim, uma possível superfície da cidade.

...dor deletivo
...ento indiciano e fre
...indícios e pistas
...de menor importância
...s
... cruzamento das pra
...as representações.
...CIDADES DA LEITURA
...RIZES DE PRÁTICAS SOCIAIS
...os seus habitantes,
...cidade
...a outra cidade onde de
...que incomodam a cidade
...ocesso de urbanização pel
...de poder
...da sua crônica: estende
...cidade se olhe, ao invés
...na FOTO RETOCADA.
...fazer que o indesejado
...o
...reto – movia-se da zona
...trem dos subúrbios
...ao Leme nos ind
...on, completando o caminh

Considerando o valioso investimento recebido, empenhamo-nos na visibilização dos resultados ainda que parciais, participando de cinco congressos nacionais e um congresso internacional. Por fim, a equipe publicou cinco artigos em periódicos qualificados e um capítulo de livro.⁷⁰ Os bolsistas de IC apresentaram seus estudos em três Salões de Iniciação Científica da UFRGS, recebendo dois destaques, um deles com indicação ao Prêmio Jovem Pesquisador.

⁷⁰ Ainda em 2013, ano de início da pesquisa, publicamos os resultados da dissertação de Sara Keller sobre o caderno *Cultura*, estudo que acabou gerando o interesse pela continuidade da investigação por meio de um projeto maior:

[RAD 000933598] KELLER, Sara. GOLIN, Cassilda. O suplemento como mapa da vida cultural: análise do caderno *Cultura* (2010) de Zero Hora. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (UFSC), v. 10, p. 239-255, 2013.

A partir do novo projeto, passamos a publicar seus resultados parciais sistematicamente:

[RAD 000965185] GOLIN, Cida *et al.* O arquivo no espaço do efêmero: a consolidação do formato suplemento cultural na imprensa do RS em 1967.

Revista Eco-Pós (On-line), v. 16, p. 108-124, 2013;

[RAD 000964994] GOLIN, Cida *et al.* Jornalismo cultural: pesquisa internacional sobre artigos registrados em base de dados. **Lumina** (Juiz de Fora. On-line), v. 8, p. 1-20, 2014;

[RAD 000982112] GOLIN, Cida; CAVALCANTI, Anna; ROCHA, Julia Correa.

A projeção da cidade nas efemérides jornalísticas: estudo do suplemento *Cultura* de Zero Hora (2006-2009). In **Texto** (UFRGS. Online), v. 34, p. 623-639, 2015;

[RAD 001000982] GOLIN, Cida *et al.* Índice jornalístico da cultura em suplementos: panorâmica editorial do caderno *Cultura* de Zero Hora (2006-2009). **Logos** (UERJ. Impresso), v. 22, p. 121-138, 2015.

Durante o percurso, fomos também selecionados para uma coletânea sobre o uso sistemático da Análise de Conteúdo em estudos de jornalismo no Brasil com o seguinte capítulo:

[RAD 000980532] GOLIN, Cida; Cardoso, Everton; SIRENA, Mariana.

Pesquisas sobre jornalismo e sistema de cultura: metodologia para construção de panorâmicas, índices e padrões comparativos entre periódicos. In: Thaís de Mendonça Jorge. (Org.). **Notícia em fragmentos**.

O desafio de aplicar a Análise de Conteúdo ao jornalismo digital. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2014.

Esse último foi um texto importante sob o ponto de vista metodológico, pois problematizou os achados e os impasses do conjunto de estratégias de leitura e interpretação empreendidas pelo grupo de jornalismo cultural (NEJPC) do LEAD.

A produção científica em Anais de congressos, dessa etapa da pesquisa, está disponível nas páginas 40 e 41 do RAD.

Gestos memorativos sobre a cidade a partir do caderno Cultura de ZH |2016 – 2020

A nova fase da pesquisa, *Jornalismo, memória e cidade: estudo do suplemento Cultura de Zero Hora (2011-2014)*, contemplada com uma segunda bolsa de Produtividade PQ2 do CNPq, pretendeu avançar na reflexão sobre os gestos memorativos do caderno ao propor uma representação jornalística da cidade. Dessa vez, a equipe foi constituída por uma doutoranda, dois mestrandos e três bolsistas de IC.

Devido à extensão do corpus, novamente articulamos procedimentos organizatórios de análise de conteúdo com o aporte da análise narrativa, que significou um liame teórico decisivo. Sob o parâmetro amplo de texto – tecido que envolve a cidade e o jornalismo, assim como a lógica do fragmento, da montagem e da superposição que caracteriza a estrutura de ambos –, partimos da perspectiva da narrativa como lugar de mediação da memória, da cidade e do jornalismo (RICOEUR, 1994).⁷¹ Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram tema de uma reflexão à parte: “O relevo da cidade construído nos gestos memorativos do jornalismo de suplementos: o caso de *Cultura de Zero Hora*”,⁷² capítulo que abriu o livro *Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas*, segundo volume publicado pela Rede de Pesquisas Narrativas Midiáticas Contemporâneas, a RENAMI, integrante da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

⁷¹ Nessa pesquisa, nos valem e aprofundamos as leituras sobre narrativa, entre elas, a chamada tríplice mimese do filósofo francês de tradição hermenêutica Paul Ricoeur.

⁷² [RAD 001083280] GOLIN, Cida; RIZZATTI, Luísa Osório. O relevo da cidade construído nos gestos memorativos do jornalismo de suplementos: o caso de *Cultura de Zero Hora*. In: *Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas*. Santa Cruz do Sul, RS: Catarse, 2018. p. 18–38.

No início, fizemos a leitura panorâmica da coleção de 173 edições da última fase de circulação do caderno, entre janeiro de 2011 e maio de 2014, concretizando, na soma com as pesquisas anteriores, um arco de leitura de nove anos consecutivos do *Cultura*. Catalogamos os textos que acionavam a construção da memória sobre a cidade em torno de valores jornalísticos de seleção (morte, notoriedade, notabilidade, entre outros) e os regimes de temporalidade (eventos, eventos-efemérides). Buscou-se, também, sistematizar quais temas, espaços e personagens foram destinados a serem lembrados.

A partir da panorâmica, separamos amostras reduzidas a fim de refinar a construção de espacialidades projetadas pelo universo do suplemento cultural. Como exemplo, citamos o estudo de 55 textos versando sobre 32 notáveis que foram rememorados pelo anúncio da morte e da efeméride de nascimento ou morte. Ao indagar quem foram esses sujeitos escolhidos e o motivo de terem sido lembrados, percorremos sincronicamente suas trajetórias, palmilhamos espacialidades que se repetiram e se sincronizaram, apontando para lugares biográficos, físicos e simbólicos. A leitura interpretativa foi conduzida tanto pelas pistas encontradas no próprio objeto quanto na armadura teórica que iluminou a pesquisa.⁷³ Neste sentido, nos foi bastante cara a dimensão conceitual

⁷³ Esta pesquisa foi um período de intensa imersão em uma bibliografia multifacetada. Sob o ponto de vista da memória, percorremos autores referenciais da área como Paul Ricoeur, Walter Benjamin, Andreas Huyssen, Henri Pierre-Jeudy, Jacques Le Goff, Michel Pollack, Maurice Halbwachs, além de estudos que envolvessem a relação com o jornalismo e memória. A fim de refinar conceitos polissêmicos e complexos, tais como espaço, lugar e espacialidades, aprofundamos leituras e releituras de autores referenciais na área da Geografia, particularmente da Geografia Cultural e Geografia Crítica, entre outros campos próximos. Destacamos Henri Lefebvre, David Harvey, Milton Santos, Ana Carlos, Yu-Fi Tuan, Edward Soja, Barthes, Foucault e, novamente, Walter Benjamin. Este último, particularmente, nos foi especialmente instigante pela sua abordagem da gênese do jornalismo vinculado à figura histórica e heurística do *flâneur*, aos processos de transformação da cultura em mercadoria e sua exposição nas vitrinas da cidade moderna em construção. Foi nas páginas de Walter Benjamin que desenhamos o futuro projeto, que será exposto mais adiante, tendo como referência o ponto de vista do cronista cultural.

do lugar⁷⁴ como um construto simbólico, tecido pelas relações sociais, pelos sentidos impressos pelo uso e pelo vivido, aquilo que se vincula ao conhecido e reconhecido e que diz respeito às formas de habitar a cidade.

Ao estudar a fase final do *Cultura*, percebemos que, mais do que fazer conhecer, o jornalismo cultural, uma das principais formas de registro e rememoração de uma determinada sociedade, estabelece-se como atividade para fazer re-conhecer. Ele convoca o leitor a uma relação de reconhecimento da dimensão espaço-tempo: uma herança, uma biografia, uma cidade. Nesta moldura, não é à toa que um suplemento estruturado editorialmente na expertise e na reunião de intelectuais faça do prestígio de saber a sua principal mirada. Conforme nossos estudos, vimos que o caderno projetou uma topografia feita dos rituais e lugares de distinção – especialmente aqueles acadêmicos e/ou que outorgam prestígio no sistema de cultura. Da mesma forma, apresentou biografias singulares e inseriu a notabilidade de suas ações na história cultural de um lugar, tema problematizado no artigo “A construção jornalística da cidade nos gestos memorativos de um suplemento cultural” (COSTA, 2018).⁷⁵

Ao longo do percurso, encontramos-nos sintonizados também com a tese de Doutorado de Cavalcanti (2020), que se desenvolvia paralelamente à pesquisa no grupo do LEAD. Ao estudar a temporalidade do jornalismo cultural, a partir das revistas *Cult* e *Nexo*,

⁷⁴ O conceito de lugar abarca uma profusão de sentidos conforme a bibliografia acionada. Entendemos que a produção espacial se realiza no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de determinado lugar.

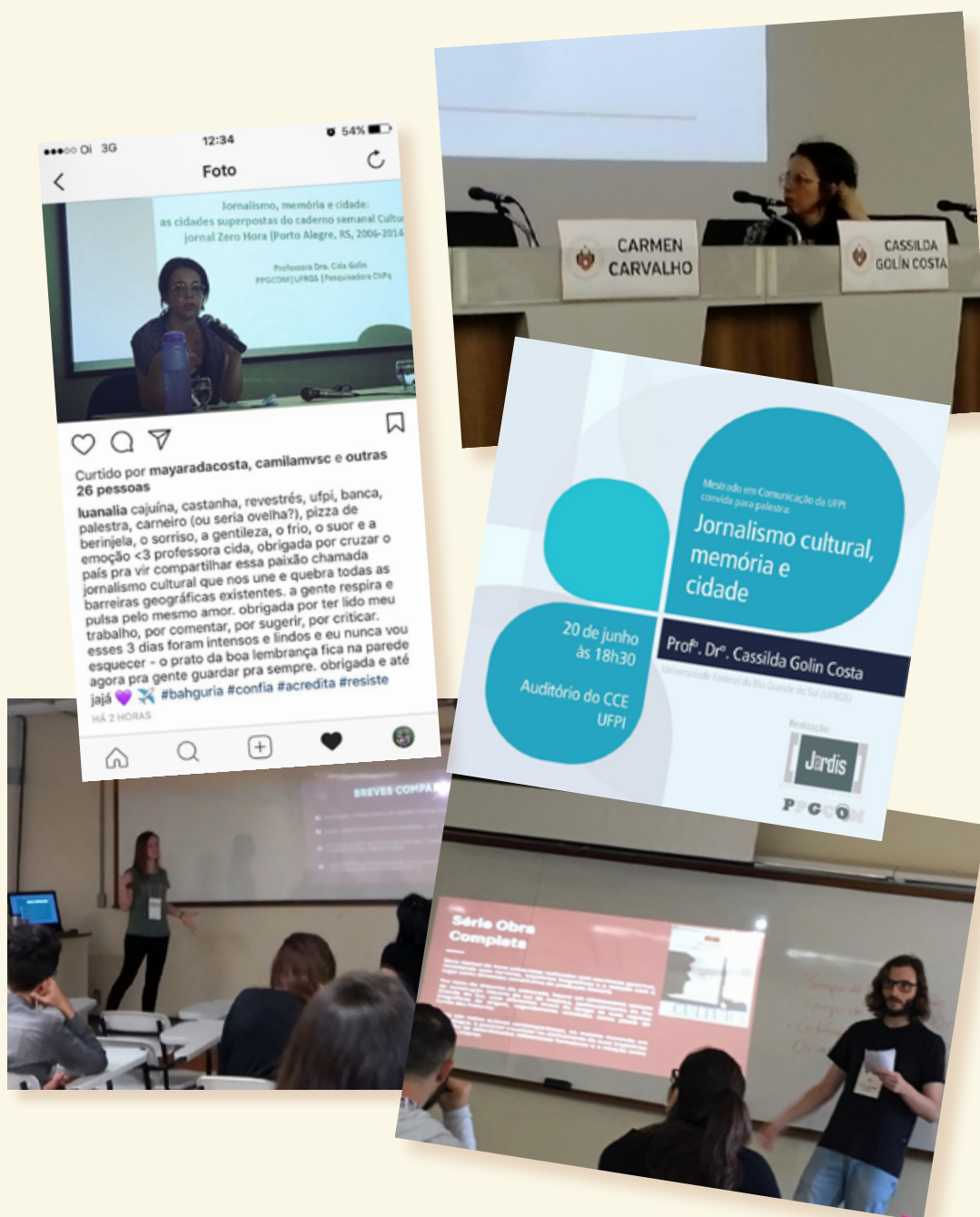
⁷⁵ [RAD 001087997] COSTA, Cassilda Golin. A construção jornalística da cidade nos gestos memorativos de um suplemento cultural. In: *Contratexto*, Lima: Universidade de Lima n. 30 (2018), p. 205–225.

a autora elencou as categorias de *efeméride*, *crítica* e *diacronia* a fim de apontar para um *ethos* do jornalismo cultural nas suas práticas de atribuir valor e mediar o sistema de cultura. Cavalcanti defende que esse segmento editorial atua no sentido de enfatizar uma produção de memória que trabalha contra a tendência simplesmente informacional, em favor da crítica e da contextualização. Ao não depender da vinculação temporal cronológica para ser dotado de relevância, o jornalismo cultural produz uma temporalidade que, por meio de um universo prefigurado latente, dá margem à emergência do passado enquanto lugar profícuo de reconhecimento e entendimento do presente.

Entre 2016 e 2019, buscamos nos alinhar ao esforço de internacionalização e divulgamos resultados da pesquisa em pelo menos quatro congressos internacionais.⁷⁶ Nesse sentido, a seleção da pesquisa para a *7ma Reunião Mundial de Cátedras UNESCO em Comunicação (ORBICOM)* em 2018, na Universidad de Lima, Peru, nos oportunizou também conhecer um leque amplo de pesquisadores que têm a cidade como objeto de problematização.

Dando curso à atualização da bibliografia internacional sobre jornalismo cultural contemporâneo, participamos do evento

⁷⁶ Foram eles: XIII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, ALAIC, na UAM, Cidade do México em 2016; XV Congresso Ibero-Americano de Comunicação (IBERCOM) em Lisboa no ano de 2017; 7ª Reunión Mundial de Cátedras UNESCO en Comunicación em Lima, Peru, no ano de 2018 com o tema “Comunicación, Ciudad y Espacios Públicos”; e também na conferência Internacional Conference Rethinking Cultural Journalism and Cultural Critique in Digital Media Culture em Copenhagen, Dinamarca em 2018. Os Anais dos dois primeiros congressos foram registrados na página 40 do RAD e a certificação dos demais eventos está no [Anexo 25].



From Ivory Tower to Twitter: rethinking cultural journalism and cultural critique in digital media culture, conferência internacional realizada na Universidade de Copenhague em 2018. Articulador de uma rede internacional de pesquisa em jornalismo cultural, o evento reuniu pelo menos 35 pesquisadores e conferencistas em torno do tema. Assim como os demais congressos, esse foi um ponto alto tanto do aprofundamento do estado da arte das pesquisas contemporâneas como da visibilidade da presente

Legenda: Visibilidade da pesquisa em distintos eventos

investigação. Em 2020, o grupo voltou a participar do grupo de pesquisadores nórdicos em outro evento que aglutinou pesquisadores internacionais.⁷⁷

Junto a isso, partilhamos da formação da Rede RENANI, citada anteriormente. Nos três primeiros livros coletivos (2017; 2018 e 2019), colaboramos com três capítulos, todos eles versando sobre narrativa, jornalismo e a produção de espacialidades.⁷⁸ Em termos de visibilidade da pesquisa, além dos quatro congressos, publicamos um artigo e dois capítulos, enquanto dois textos ainda se encontram inéditos e/ou em avaliação.⁷⁹ Também fizemos uma palestra sobre a pesquisa em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí,

⁷⁷ O simpósio internacional *The worlds of Cultural Journalism | Politics and culture under globalization and digitalization* ocorreu nos dias 13 e 14 de fevereiro na Stockholm University, em Estocolmo, Suécia, e teve a presença de pesquisadores de nosso grupo que apresentaram a contribuição do LEAD para a reflexão sobre jornalismo cultural, incluindo os resultados da presente pesquisa. O programa pode ser visto em <https://wcj.ims.su.se/symposium>

⁷⁸ Além do capítulo metodológico citado, os outros dois foram:
[RAD 001060258] GOLIN, Cida; HORN, M. R. Jornalismo e o texto da cidade: a narrativa da rua na seção *Brasileira* de *Carta Capital*. In: Demétrio Soster; Fabiana Piccinin. (Org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. 1 ed. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017, v. 1, p. 123-137.
[RAD 001107595] PAULA, G.; GOLIN, Cida. Narrar o outro migrante: a apreensão das relações espaciais na narrativa jornalística. In: Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Piccinin. (Org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas: sujeitos, corpos e lugares**. 1 ed. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019, v. 1, p. 22-39.

⁷⁹ Além dos dois textos citados anteriormente, publicamos o seguinte capítulo:
[RAD 001022625] GOLIN, Cida. Percursos em torno da construção jornalística da cidade no suplemento *Cultura de Zero Hora*. In: ROSÁRIO, Nísia Martins; SILVA, Alexandre Rocha da. (Org.) **Pesquisa. Comunicação. Informação**. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 111-123.
Encontra-se inédito o *paper*: GOLIN, Cida; CAVALCANTI, Anna & COUSIN, Calvin. The spatiality of memory in cultural journalism. 2018. (Apresentação de trabalho|Comunicação). *Internacional Conference Rethinking Cultural Journalism and Cultural Critique in Digital Media Culture*, Copenhagen, Dinamarca, 2018. (Apresentação por Anna Cavalcanti e Calvin Cousin).
Por fim, o último texto da pesquisa, produzido em 2020, encontra-se ainda em avaliação em periódico.

aproveitando o deslocamento para participar de uma banca sobre jornalismo cultural. E, como de costume, os bolsistas apresentaram suas atividades em três salões de Iniciação Científica da UFRGS (2017 a 2019).

Ao término da vigência da bolsa PQ2 de três anos, ainda não havíamos concluído de forma satisfatória a investigação, que se mostrou bem mais complexa e demorada, mesmo tendo cumprido boa parte das etapas previstas no cronograma. A profusão de caminhos abertos pela coleção dos jornais exigiu muito mais tempo que o previsto para a costura de todos os resultados obtidos na análise narrativa de seis amostras temáticas, processo esse que foi desenvolvido entre 2019 e 2020. Nesse sentido, não concorremos à nova cota de bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq e prorrogamos o término do trabalho até o final de 2020, quando produzimos o último estudo intitulado “A cidade nos gestos memorativos do caderno Cultura de *Zero Hora*: o cronotopo da crônica e dos colunistas”, abrindo caminho para o projeto futuro.

Nesse recorte final, analisamos os cronistas que tiveram colunas fixas no caderno, considerando que são pontos de vista singulares sobre a cidade, regidos pelas experiências do vivido e do pertencimento que fundam um *lugar*. Concentramo-nos nas representações da cidade, pelos modos como os cronistas se movimentam nela, o mapa que habitam afetivamente, quais lugares recebem visibilidade e valor. Eles lançam sobre a urbe uma topografia, um campo onde se procura inscrever, discursiva ou graficamente, a materialidade de memórias, representações, forças que atravessam e moldam o espaço, tal como nos ensina Vecchi (2015, p. 36). Encontramos no suplemento cultural, portanto, um ambiente propício para a fusão de sinais que caracterizam a figura do cronotopo, ou seja, índices de tempo que

transparecem no espaço e, vice-versa, o espaço que se reveste de sentido por ser medido pelo tempo.

Finalmente, acreditamos que uma das maiores contribuições da pesquisa foi a problematização da dimensão tempo-espaço do segmento jornalismo cultural, sua ancoragem narrativa no passado presentificado, seu poder de leitura da cidade, de regulação das narrativas sobre pertencimento e lugar, e da construção tanto do prestígio, do cerimonioso dever de lembrar, como também de enterrar e esquecer.

Por outro lado, sua realização teve uma relação orgânica com a formação discente em nível de pós-graduação e graduação, aglutinando nas temáticas específicas e correlatas as orientações em nível de Mestrado e Doutorado, monografias de final de curso e IC. Ela trouxe subsídios para o aprofundamento da relação entre jornalismo, cultura e cidade, particularmente na remodelação da disciplina *Jornalismo e Cultura* que, como vimos anteriormente, passou a ser requisito obrigatório do novo currículo do Curso de Jornalismo da UFRGS, fundamentando-se, pelo menos em primeira versão, na articulação central da pesquisa.

As pesquisas do Grupo de História da Comunicação | 2012 – 2021

Redescoberta da revista *Oitenta* | 2012 – 2014

Junto às pesquisas coordenadas por mim, tive a oportunidade de participar, desde 2012, da formação e dos projetos do Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da FABICO. Liderada pela colega do DECOM e do LEAD, Aline Strelow, a iniciativa teve o mérito de reunir vários professores de diferentes

competências e subáreas do Curso de Comunicação numa articulação rara, até então, em termos de realização coletiva dentro da faculdade. Os resultados das três pesquisas finalizadas, e que serão brevemente descritas a seguir, foram publicados na coleção de livros da editora Insular entre 2014 e 2021. Em todos eles, tive um grande prazer em me dedicar ao estudo de periódicos e jornalistas que me interessavam muito e que, na proposta coletiva, ganhariam um novo sentido.

A primeira pesquisa se chamou *Processos comunicacionais e a redemocratização no Rio Grande do Sul* (2012–2014) e teve como foco os agentes, veículos e movimentos do sistema comunicacional, no Rio Grande do Sul, durante o turbulento contexto da redemocratização, vivido entre o final da década de 1970 e a primeira metade dos anos 1980, pano de fundo referido diversas vezes nesse memorial. O tratamento da abertura política pela mídia, cujo acontecimento emblemático foi o comício pelas *Diretas Já* realizado no centro de Porto Alegre em abril de 1984, reunindo 200 mil pessoas durante seis horas (STRELOW, GRUSZYNSKI, 2014), foi um dos temas analisados e abriu nosso livro desde a fotografia de capa.

Nesse projeto que se encerraria em 2014, cinquentenário do início da ditadura civil-militar, desenvolvi, junto à orientanda Mariana Müller, uma análise de conteúdo de 196 textos dos nove volumes da *Oitenta*, uma revista em formato de livro que a jovem editora porto-alegrense L&PM, à época já com *best-sellers* no catálogo, fez circular entre 1979 e 1984. Fundada em 1974, a L&PM se inseriu num nicho de novas empresas editoriais afinadas com aquilo que Maués (2013) conceituou como editoras de oposição, ou seja, perfil nitidamente político e ideológico de oposição ao governo civil-militar com reflexos diretos na linha editorial e nos títulos publicados. A revista

Oitenta, portanto, nos apontou pistas interessantes sobre o período de redemocratização no Brasil, sobre os anseios e valores culturais e políticos daquela época e sobre os caminhos que o negócio editorial tomava em uma década de economia penosa, mas de esperanças coletivas que animavam o país. Para a pesquisa, também entrevistamos os editores e idealizadores do periódico, os irmãos Ivan e José Antônio Pinheiro Machado.

Portanto, no capítulo “Jovens editores no período da redemocratização: panorâmica da revista *Oitenta* (1979-1984) da editora L&PM”,⁸⁰ mostramos que a revista se constituiu em um texto coletivo marcado pelo espírito de transição e pelas heterogenias que movimentavam a cultura de seu tempo. Assim como levantava questões emergentes, como o sindicalismo, havia o imperativo de revisar temas do passado recente, tocando em feridas abertas como a tortura ou a censura ao pensamento e ação na esfera pública. Famosa pela sua seção de entrevistas ao estilo do jornal *Pasquim*, o periódico acompanhou tanto a aparição de novos autores de ficção como legitimou o protagonismo de conhecidos críticos do regime militar. *Oitenta* prenuncia uma marca típica daquela década: a perspectiva editorial eclética, os processos culturais e econômicos de internacionalização, assim como a dificuldade material de levar adiante projetos do gênero sob uma inflação devastadora. Segundo seus editores, a revista *Oitenta* foi um fenômeno de geração e, também, um paradoxo: apesar de provocar muita repercussão, nunca foi motivo de expressiva vendagem, ou seja, “A gente nunca sabia se iria fazer o próximo número” (GOLIN, MÜLLER, 2014, p. 123).

⁸⁰ [RAD 000955228] GOLIN, Cida; MÜLLER, Mariana Scalabrin. Jovens editores no período da redemocratização: panorâmica da Revista *Oitenta* (1979-1984) da editora L&PM. In: **Comunicação e redemocratização no Rio Grande do Sul: uma abordagem histórica**. Florianópolis: Insular, 2014 p. 103-124, il.

A jornalista Maria de Lourdes Sá Brito e o *Correio Infantil* | 2015 – 2018

O segundo projeto do grupo chamou-se *Histórias de vida na Comunicação – trajetórias profissionais no Rio Grande do Sul* e investiu em uma série de relatos biográficos, atravessados por distintas abordagens, especialmente a História Oral, sobre personalidades da área da Comunicação que foram protagonistas na segunda metade do século XX no Rio Grande do Sul. Foi nessa oportunidade, junto com o doutorando Luciano Alfonso, que me ocupei em sistematizar e analisar o acervo da jornalista Maria de Lourdes Sá Brito (1925-2008), a editora do *Correio Infantil*, página dominical do *Correio do Povo*, que abriu afetivamente este memorial.

Como dito antes, recebemos o acervo da família da jornalista, representada pela professora Claudia Lago e, durante dois semestres entre 2015 e 2016, organizamos o material com alunos das disciplinas eletivas de Laboratório de Pesquisa. Catalogamos recortes de jornal e excertos do *Correio Infantil*, cartas de leitores da página e de alunos de Maria de Lourdes, documentos pessoais, entre outros materiais diversos. Realizamos, também, cinco entrevistas, seguindo preceitos da História Oral temática (ALBERTI, 2013), com familiares da jornalista e colegas de redação;⁸¹ e, por fim, fizemos uma análise de uma amostra composta das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, obtida a partir de pesquisas no arquivo do jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre, a fim de detectar

⁸¹ Em 2016, os alunos pesquisaram nomes possíveis para realizar entrevistas procurando esboçar um perfil de Maria de Lourdes Sá Brito e, ao mesmo tempo, registrar memórias de leitura da página infantil. Vários contatos foram feitos e, desse esforço, conseguimos entrevistar em 2016 os colegas de redação e contemporâneos de Maria de Lourdes, os jornalistas Antonio Hohlfeldt, Carla Irigarai e Ney Gastal. Para traçar um perfil da editora a partir do depoimento da família, convidamos as sobrinhas Mara Lago e Mônica Sá Britto Gonzales Fonseca.

as principais alternâncias temáticas da página e suas especificidades narrativas que foram analisadas em diálogo com estudos sobre leitura e literatura infantil.

Desse trabalho, potencialmente rico para um maior aprofundamento reflexivo, resultaram dois capítulos. O primeiro deles “Era uma vez um *Correio Infantil*: o protagonismo do leitor na página das crianças do *Correio do Povo* (Porto Alegre, RS, 1958 – 1984)”, publicado no livro *Edição: agentes e objetos*, do grupo de Produção Editorial da Intercom,⁸² apresentou uma panorâmica do *Correio Infantil*, buscando encontrar o desenho do leitor para quem ele se dirigia. Inserido em uma influente tradição de publicações impressas dirigidas às crianças desde o século XIX, e que teve ascensão nos diários brasileiros a partir dos anos 1930, o *Correio Infantil* fazia de si personagem e se articulava em torno de elementos bastante valorizados: a promoção do gosto pela leitura, do livro e da escrita de cartas, não apenas dos leitores residentes na Capital, mas de um expressivo contingente de filhos de assinantes do interior do Estado – comprovando a força regional do jornal –, além de assinantes de Santa Catarina e do Paraná.

O recurso narrativo de construir um vínculo de afeto e proximidade foi gestado pela página do *Correio Infantil* desde o início. Boa parte das suas características está alinhada às matrizes típicas das publicações para crianças. Percebe-se o matiz pedagógico na escolha dos temas, nos conselhos e orientações sobre comportamento ou nas sistemáticas reportagens de serviço. Mesmo no dever-ser da educação, constrói a figura da criança participativa, que tem a escola como

⁸² [RAD 001082990] GOLIN, Cida. Era uma vez um *Correio Infantil*: o protagonismo do leitor na página das crianças do *Correio do Povo* (Porto Alegre, RS, 1958-1984). In: GRUSZYNSKI, A.; MARTINS, B. GONÇALVES, M. *Edição: agentes e objetos* [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018. p. 72-99.

referência e sonha com o futuro. Se o treinamento da leitura e da escrita é uma constante, nota-se também o crescimento do protagonismo dos pequenos leitores assumindo o lugar de autores de histórias e cartas, de personagens a fontes entrevistadas pela equipe de redação. Nos múltiplos registros, a página oferece um mosaico de percepções infantis, compondo em fragmentos representações do que era ser criança em determinado período histórico.

O segundo capítulo, “Uma professora no jornal: a trajetória de Maria de Lourdes Sá Britto no *Correio Infantil*”,⁸³ integrou o livro do Grupo de História da Comunicação e enfatizou fragmentos da trajetória biográfica da jornalista que, em 26 anos à frente da equipe editorial, levou o enredo do *Correio Infantil* da primeira à última página. Filha de pai jornalista e criada numa família de docentes, Maria de Lourdes Sá Brito foi professora, especialista em crianças com necessidades especiais e encontrou guarida no *Correio do Povo* por sua sensibilidade em lidar e interagir com os pequenos. Selecionamos excertos narrativos nas páginas do *Correio Infantil* e fragmentos de textos e documentos encontrados no arquivo da jornalista Maria de Lourdes, arquivo organizado por ela própria provavelmente durante seu processo de aposentadoria e que, como conjunto, constituiu uma espécie de autobiografia profissional. Juntou-se a eles outra camada de memória produzida pelos depoimentos de colegas de profissão e familiares, contextualizados por referências do circuito editorial que emoldurou essa experiência.

Interessou-nos, particularmente, as narrativas em que a redatora falou em primeira pessoa, ora sobre

⁸³ [RAD 001077623] GOLIN, Cida; ALFONSO, Luciano. Uma professora no jornal: a trajetória de Maria de Lourdes Sá Britto no *Correio Infantil*. In: STRELOW, Aline *et al.* *Perfis da Comunicação: trajetórias profissionais* no Rio Grande do Sul. Florianópolis: Insular, 2018. 298 p. p. 21-45.

sua página, ora sobre si, posicionando o narrador em distintas perspectivas na interação com seu interlocutor infantojuvenil. As vivências da infância na cidade de Passo Fundo, as lembranças de família – essas memórias são acionadas em boa parte nas narrativas em primeira pessoa assinadas pela jornalista ao longo das mais de duas décadas.

Após percorrer todo o material, encontramos pistas de uma história recente – e ainda a ser contada – da chegada de mulheres, com registro na carteira de trabalho, nos periódicos sulinos. Dentro de uma redação majoritariamente masculina, Maria de Lourdes fez parte de uma geração de jornalistas precursoras mobilizadas em torno de conteúdos que, até então, eram naturalizados e propensos às mulheres: a cultura, a música, a arte, a sociabilidade, a lida com as crianças, a educação. Restou conosco, sobretudo, vestígios do protagonismo social do professor primário e o seu necessário reconhecimento público em boa parte do século XX. Uma dimensão que alcança a esfera do jornalismo, particularmente o jornal impresso como instituição orientadora na compreensão do mundo pelos leitores.

Caminhar para escrever: Aquiles e Porto Alegre |2018 – 2021

O terceiro projeto do grupo, finalizado no livro *Primórdios da comunicação midiática no Rio Grande do Sul* (STRELOW *et al.* 2021),⁸⁴ trouxe à tona a dimensão dos agentes, veículos e processos culturais e tecnológicos que demarcaram novas formas de criação e desenvolvimento da Comunicação no Rio Grande do Sul.

⁸⁴ Em agosto de 2021, encontra-se no prelo.

Mesmo sabendo do arbítrio que significa estabelecer marcos inaugurais, e dos apagamentos ou equívocos que podem estar submersos na tentativa de encontrar o início de uma trama, o certo é que o grupo trilhou quase duzentos anos entre a publicação do *Diário de Porto Alegre* (1827) e a informatização das redações jornalísticas em Porto Alegre, como bem nota o prefácio de Marialva Barbosa, singularizando determinados temas no emaranhado coletivo da história.

Junto ao professor Claudio Cruz, professor titular de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvemos o capítulo “Jornalismo e *flânerie* na cidade mutante: o viés da nostalgia na crônica de Aquiles Porto Alegre (1848-1926)” em torno de um dos autores do núcleo fundante da chamada crônica memorialística de Porto Alegre.⁸⁵ Herdeiro dos românticos, mas em sintonia com a influência simbolista na constituição do sistema literário e intelectual da capital sulina, Aquiles chegou à cidade ainda menino, aos 11 anos, em 1859. Vinha de Rio Grande, importante polo econômico da província. Sua biografia traduz o típico perfil do intelectual do século XIX que não pôde cursar o ensino superior fora da província: ele foi jornalista, escritor, professor e funcionário público. A família de quatro irmãos, Apolinário, Aquiles, Lúcio e Apeles, se dedicou à formação da elite letrada da Capital, abrindo estabelecimentos de ensino de referência. Ou seja, os

⁸⁵ Nesta empreitada pouco explorada por estudos acadêmicos, reconhecemos o protagonismo de um grupo de intelectuais que consolidaram este horizonte de olhar e pertencer à cidade, agindo como historiadores ao rés do chão. Foram eles: Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), Felicíssimo Manuel de Azevedo (1823-1905), Aquiles José Gomes Porto Alegre (1848-1926), Paulino Azurenha (1860-1909) e Sebastião Leão (1866-1903). Todos nasceram no século XIX, tiveram uma militância notável na imprensa e deixaram crônicas em jornais, revistas e livros. Seus textos trataram da vida da Capital na primeira e segunda metades do século XIX e na passagem e primeiros anos do XX, discorrendo sobre as características e as transformações da pequena cidade, conhecida como burgo açoriano.



irmãos Porto Alegre não apenas agem na preparação das gerações de letrados, como estão presentes na gênese de instituições e agremiações que consolidam o sistema intelectual e literário da Capital, entre elas o Partenon Literário.⁸⁶

Embora integrante da elite cultural, e dirigindo a ela a força de seu trabalho, boa parte de sua crônica dá vida aos tipos populares, aos subalternos, às sonoridades, cheiros e gostos de uma pequena comunidade. O interesse pelo cotidiano popular – e não é à toa que seu mais conhecido título, póstumo, chama-se *História popular de Porto Alegre*⁸⁷ – abre janelas tanto para vultos ilustres como para anônimos e para singularidades tantas vezes invisibilizadas. Aquiles foi

Coleção de livros
do grupo da Fabico

⁸⁶ Aquiles Porto Alegre também está entre os patronos da Academia Rio-Grandense de Letras (1902) e do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul (1920).

⁸⁷ Esta edição póstuma foi uma coletânea de crônicas publicada no âmbito do bicentenário da cidade em 1940.

um dos autores mais profícuos de seu tempo, publicou cerca de 20 livros, além de poemas, novelas e crônicas.

Nas crônicas que analisamos – a maioria produzida nas primeiras décadas do século XX – verificamos a contraposição entre um tempo anterior, carregado de valores positivos, e o tempo da escrita, em que esses valores estariam sendo destruídos, dissipados, entrando em franca desapareição. Nesse sentido, o viés da nostalgia (CASSIN, 2014; FELIPE, 2017) nos ajudou a compreender a dimensão do nosso cronista *flâneur*. A partir da finitude e da velhice, Aquiles contrapôs-se à naturalização de olhar o futuro apenas pelo viés da exaltação do progresso, tão comum na época. Mesmo animado pela rua, pelo passeio diário, pelos tipos e pela cidade mutante, olhou para o futuro tendo o passado como premissa. Leitor e contemporâneo do carioca João do Rio, ele não apenas reflete a conquista da rua, como se insere numa tradição ocidental milenar que concede à caminhada alto grau de significação cultural (COVERLEY, 2014). A partir do horizonte de sua província, atualizou a prática cultural de caminhar para escrever (GOLIN, CRUZ, 2021).⁸⁸

Passeantes do lugar: cronistas culturais em Porto Alegre | 2021

O ensaio produzido sobre Aquiles Porto Alegre e o último artigo sobre os cronistas do caderno *Cultura de Zero Hora* acabaram me levando ao projeto atual que se inicia em agosto de 2021. Este projeto busca articular uma história do jornalismo cultural por meio da contribuição de cronistas culturais que habitaram e lançaram luzes sobre Porto Alegre no

⁸⁸ No prelo.

final do século XIX até as primeiras décadas do século XXI. Defendemos que os cronistas são intérpretes da cidade, agentes inseridos nas redes de sociabilidades e nas instâncias de consagração do sistema cultural, entre elas o jornalismo cultural.

Escolhemos para ancorar nossa proposta, que alcança um arco temporal de mais de cem anos, os cronistas Aquiles Porto Alegre (1848-1926), Gilda Marinho (1906-1984), Claudia Laitano (1966) e José Falero (1987), indivíduos cujas trajetórias biográficas são bastante distintas em termos cronológicos e sociais, mas que têm em comum o estabelecimento de uma profunda sintonia com a cultura da cidade de Porto Alegre por meio de suas colunas jornalísticas. Considerando, portanto, que a cidade é uma escrita fragmentada e sempre em movimento; o conceito de lugar como o espaço atravessado pela experiência vivida e pelos distintos afetos e vínculos de pertencimento; o jornalismo como uma potente instância narrativa produtora de representações que constroem o lugar; a crônica como um modo polissêmico de expressar a relação singular de um sujeito com sua cidade e seus cronotopos; e o cronista cultural como um dos agentes do sistema de produção cultural da cidade, que usufrui do poder de narrativizá-la por meio do jornalismo, a pesquisa articula-se em torno da seguinte pergunta problematizadora: – Tendo como parâmetro a mesma cidade de Porto Alegre e um determinado gênero de escritura socialmente legitimado – a crônica jornalística –, como os quatro cronistas constroem seus vínculos com o lugar em quatro momentos históricos distintos?

Para responder tal questão, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) sistematizar elementos que apontam para a trajetória de vida de

cada um dos cronistas em Porto Alegre e sua inserção na rede cultural da cidade; b) verificar a partir de quais características textuais os cronistas constroem suas vozes narrativas tendo o jornalismo como tribuna; c) demarcar cronotopos representativos de cada um dos cronistas, apontando paralelismos, simetrias e elementos antagônicos entre eles; d) apontar zonas conflitivas na relação do cronista com a cidade; e) alinhar, ao modo constelacional,⁸⁹ fragmentos dos textos, iluminando distintas miradas sobre uma mesma cidade por meio da crônica jornalística. Qualitativa e exploratória, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental amparada em referencial teórico de distintos campos como a História Cultural, Geografia Cultural, Estudos Culturais, História do Jornalismo, Jornalismo e Narrativa, Sociologia da Cultura, com ênfase no diálogo crítico com o legado do filósofo alemão Walter Benjamin. Nesse último caso, Benjamin nos apresenta uma poética em forma de peças de construção: recursos reflexivos como a montagem e desmontagem de fragmentos, assim como a sobreposição espacial, os choques. Acreditamos que sua proposta de “arrancar” citações e, com elas, produzir novos sentidos em diferentes contextos, por meio do desvio e da releitura, oferece sugestões potentes para o trabalho que se pretende realizar.

⁸⁹ O sistema constelar de aproximação de fragmentos consiste em categorias abertas articuladas em procedimentos crítico-criativos de leitura. A própria montagem dos excertos, algo que se vivifica na simultaneidade metropolitana (CANNEVACCI, 1997), já supõe uma interpretação pelo analista. No sistema conceitual da espacialidade, aproximam-se vetores de oposição, mescla, fusão e contraste. O método constelacional benjaminiano requer a investigação de aspectos contraditórios, e não exatamente dos aspectos normativos de um período, assim como um especial faro aos elementos insignificantes ou aos gestos triviais.

Estudos recentes em rádio e outros projetos | 2019 – 2021

Ainda que não esteja registrado em forma de projeto de pesquisa, gostaria ainda de relatar minhas últimas produções acadêmicas sobre rádio que considero bastante significativas dentro de uma constante formação como professora-pesquisadora. A primeira dela diz respeito a dois capítulos que versam sobre a história da Rádio da Universidade aproveitando a riqueza das fontes primárias que estão disponíveis no arquivo da emissora. Junto à jornalista da UFRGS e pesquisadora do LEAD, Ana Laura Freitas, respondemos a uma chamada da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), vinculada ao grupo de Rádio e Mídia e Sonora da Intercom, e publicamos o capítulo “A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da Rádio da Universidade (UFRGS)” no primeiro livro sobre a história e a experiência das rádios universitárias no Brasil.⁹⁰

Considerando que a Rádio da Universidade é “a pioneira das emissoras universitárias do país”, como lembra seu eterno slogan, buscamos entender o contexto da inauguração oficial entre 1957 e 1958, quando ela encerrou a primeira fase de transmissões experimentais e ganhou seu canal de difusão. Foi um período de profunda efervescência cultural na cidade de Porto Alegre, momento em que a Universidade, federalizada em 1950, se abriu para um diálogo criativo com a comunidade. Junta-se a isso o ambicioso cenário nacional, a conjuntura de viver 50

⁹⁰ [RAD 001109952] GOLIN, Cida; FREITAS, Ana Laura Colombo de. A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da Universidade (UFRGS). In: Eliane Albuquerque; Norma Meirelles. (Org.) **Rádios Universitárias: experiências e perspectivas**. 1 ed. João Pessoa: Editora do CCTA (Universidade Federal da Paraíba), 2019, p. 146-164.

anos em cinco de Juscelino *Kubitschek*, a sonoridade da bossa-nova e as experimentações do rádio como veículo para educação. Interessou-nos, portanto, refletir sobre o espírito de época do qual essa emissora emergiu e o quanto ela estava inserida profundamente no sistema artístico-cultural da cidade. Recorremos à pesquisa bibliográfica e à releitura de depoimentos de profissionais que acompanharam os primeiros anos. As gravações foram concedidas à rádio durante as efemérides de 30 (1987) e 50 anos (2007).

O processo de produção do artigo foi tão surpreendente, descortinou tantas possibilidades de seguir na sistematização do material disponível, que publicamos, a seguir, o capítulo “A Rádio da Universidade entre as décadas de 1960 e 1970: a consolidação do perfil cultural e da programação” em outra obra coletiva, desta vez destinada a demarcar o centenário do rádio no Brasil.⁹¹ Neste capítulo, percorremos os dados sobre os anos 1960 e início dos 1970, período em que a emissora consolida sua linha editorial. Novamente recorremos à pesquisa bibliográfica e contextual, ao arquivo de vozes da emissora, iluminando, sobretudo, a perspectiva de profissionais que acompanharam os primeiros anos. Ao longo dos artigos, fomos entendendo o vínculo da rádio com os primórdios do Jornalismo na UFRGS, à época vinculado à faculdade de Filosofia, que era, sem dúvida, a instituição centralizadora e protagonista da vida universitária, assim como o impacto das transformações sofridas com a Reforma Universitária de 1970 e que estão na base do que fazemos hoje.

⁹¹ [RAD 001116582] GOLIN, Cida; FREITAS, Ana Laura Colombo de. A rádio da Universidade entre as décadas de 60 e 70: a consolidação do perfil cultural e de programação. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil *et al.* (Org.) **Rádio no Brasil 100 Anos de História em (Re) Construção**. 1 ed. Ijuí, Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2020, v. 1, p. 170-187.

Por ora, a continuidade deste trabalho encontra-se, infelizmente, em suspenso.

Por fim, junto ao professor Claudio Celso Alano Cruz, aprofundamos os estudos sobre a experiência radiofônica de Walter Benjamin na Alemanha, entre 1929 e 1933, em pleno contexto cultural da República de Weimar, junto ao amigo Bertold Brecht. Trata-se de um estudo muito instigante se pensarmos que esses intelectuais estavam descobrindo, na prática, e refletindo teoricamente sobre as possibilidades poéticas e políticas da nova mídia às vésperas do período nazista. Em um primeiro ensaio, debruçamos sobre a série radiofônica berlinense produzida por Benjamin, na Rádio Berlim, em 1930. A série de 12 crônicas sonoras faz parte de 86 textos, no total, que o filósofo escreveu para o rádio, assumindo o microfone como cronista. Também deixou apontamentos sobre o rádio,⁹² tema bastante caro aos seus contemporâneos interessados na potencialidade social e crítica da nova mídia e da descoberta de sua economia estética. Benjamin acreditaria no rádio como recurso de enfrentamento político, visando despertar a consciência crítica e apurar a sensibilidade sonora de seu ouvinte. Produção pouco explorada até recentemente na fortuna crítica sobre o autor, a série berlinense se insere na redescoberta da representação da cidade moderna que ocorre na década de 1920 em várias manifestações artísticas e culturais.

Em um momento de extrema deterioração política e civilizacional, como foram aqueles anos da República de Weimar, Walter Benjamin nos ensinou a construir pequenas lanternas sobre o cotidiano. Com sua “pedagogia da escuta” (BAUDOUIN, 2010, p.137),

⁹² “Reflexões sobre o rádio” (cerca de 1931), “Teatro e rádio” (1932), “No minuto” (1934) e “Dois tipos de popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça” (1932).

buscou interlocutores criativos e a força de resistência aos tempos sombrios que lhe coubera viver. Este trabalho (CRUZ, GOLIN, 2021)⁹³ deverá prosseguir com o estudo da teoria radiofônica em fragmentos que Benjamin, junto a Bertold Brecht, deixou como legado para o futuro.

Acrescento ainda minha participação, a partir de 2021, em um projeto sobre jornalismo cultural coordenado por Everton Cardoso a partir da Reitoria da UFRGS, e vinculado ao grupo de Jornalismo e Publicações Culturais do LEAD. A equipe visa mapear o jornalismo cultural contemporâneo em Porto Alegre a partir da diversidade de suas manifestações e problematizar esse ecossistema em relação ao papel cultural da Universidade. O projeto reúne vários egressos do PPGCOM, que continuam vinculados ao nosso laboratório e grupo de pesquisa.

⁹³ CRUZ, Claudio Celso Alano da; GOLIN, Cida. Guia para jovens ouvintes: a cidade radiofônica de Walter Benjamin (artigo em avaliação).

tal poder
com ele em sua
preferências e todos os seus

59 Tempo longo e tempo curto: diferenças entre os
empreendimentos comerciais e culturais.

60 ciclo curto de produção - retorno rápido
ciclo longo de produção - aceitação do risco

- incertezas e vicissitudes que caracterizam a
produção de bens culturais.

- ciclo longo: o único lucro esperado concedido pelo
campo, pelo menos, a curto prazo: renome e a
autoridade intelectual correspondente.

65 lucro prometido aos investidores mais desin-
teressados: o contradição > reconhecimento.

TURMA B - 38 Feilo

Juliana GRUPO 2

teresa

Greice

0h30min

Abra Al

9h30min

na

Guilherme Dantas

12h00

GRUPO 3

7h30

10h30min

11h15min

o Lucas

USADORES BRASILEIROS

RO
SO
mondo Azevedo
ulo freire.

Escola prussiana
ou tradicional

MODELO ÂNCORA.

sofistas são pessoas

UM PROFESSOR TRANSMITE
O QUE É.

unidade de APRENDIZAGEM, | SAIR DA REPRODUÇÃO
INDUSTA

que senhor estamos a servir quando estamos
sala de aula?

| 131 |

DA PONTE
A FRA

no Ponto

2015-

Última página

A academia não é o paraíso.
Mas o aprendizado é um lugar
onde o paraíso pode ser criado.
A sala de aula, com todas as suas
limitações, continua sendo um
ambiente de possibilidades. Nesse
campo de possibilidades temos
a oportunidade de trabalhar pela
liberdade, de exigir de nós e dos
nossos camaradas uma abertura da
mente e do coração que nos permita
encarar a realidade ao mesmo tempo
em que, coletivamente, imaginamos
esquemas para cruzar fronteiras,
para transgredir. Isso é a educação
como prática da liberdade.

bell hooks

Chega um momento em que, finalmente, é preciso suspender este processo de escritura, os prazos de entrega do memorial estão mais nítidos e me cabe encerrá-lo. Volto, então, ao início do texto e sinto profundamente o quanto narrar é, sim, um ato poderoso de dar sentido e interpretar o tempo para si e para os outros. Tanto tempo de trabalho se concentra aqui, o tempo aceleradíssimo da agenda, a ansiedade em não dar conta das demandas simultâneas, a falta de outros tempos, dias, semestres e anos que passam correndo no nosso corpo, aquilo que fizemos, deixamos de fazer ou que ficou somente nos sonhos... o que nos coube escolher para dar ênfase a uma versão do percurso profissional.

O memorial, sem dúvida, é apenas a ponta do iceberg, um texto conduzido tanto pelas formalidades do rito acadêmico em que é investido – a demonstração de experiência – mas também pelas largas ondas de emoção que, como explica Didi-Huberman (2016) a partir da etimologia, se traduz nesse movimento nada fácil de nos pôr para fora, de *e-moção*. Tal como no início, em que escolhi uma imagem para começar, das tantas que emergem entre camadas, frestas e desvios da memória, volto à mesma sensação de criança, do prazer de se sentar à mesa e, na vibração de aluno, abrir um caderno novo.

Como disse antes, enquanto escrevia este memorial, recebi o convite para ser paraninfa da turma de Jornalismo que se formaria em 25 de junho de 2021. Foi a primeira vez, na UFRGS, que assumi o lugar do professor que profere simbolicamente as últimas palavras na cerimônia de colação de grau, não apenas representando um coletivo de mestres, mas dando a esse pequeno discurso a singularidade de quem foi escolhido. Será com este pequeno texto de pouco mais de três minutos, escrito em plena ebulição e em sintonia fina com as páginas anteriores, que finalizo meu memorial. Afinal, ele concentra boa parte dos valores que acredito vislumbrar no Jornalismo, especialmente quando vivemos tempos tão sombrios e duros como foram os últimos anos, os votos lançados aos meus alunos e a importância de termos compartilhado o privilégio de nos encontrar em uma instituição tão fundamental como uma Universidade Pública, lugar esse que me deu a chance de tramar as linhas de grande parte do caderno que aqui se encerra.



Foto de Anna Cavalcanti, 2020

*Prezadas autoridades acadêmicas, aqui presentes,
Caros familiares e amigos que nos acompanham,
Queridos alunos afilhados,*

É um enorme orgulho estar aqui com vocês, minha pequena e tão especial turma, junto com a Thais, que foi minha colega de turma na Fabico e hoje, comigo, representa um conjunto de professores que acompanharam vocês nos últimos anos.

Mergulho agora nesta tela, pego as mãos de vocês e vamos, juntos, de mãos dadas, fazer esse rito de passagem tão simbólico: o encerramento de um ciclo de estudo formal, uma das tantas passagens para a vida adulta.

Vocês vieram de famílias muito diferentes, de escolas distintas, tão diferentes vocês aqui se encontraram. Agora que se despedem, pelo menos dessa etapa, levam consigo, e para sempre, a Universidade pública, este lugar que os reuniu, esse lugar republicano de conflito de ideias e experiências, um lugar em que as ideias transformam, em que as ideias nos transformam, nos deixam com esse jeito crítico, com esse jeito sempre inventivo de não se dobrar a qualquer normativa de ocasião

Olho pra vocês e me vejo também. Me vejo saindo da Fabico nos anos 80, com macacão de brim, era uma época em que o país vibrava com os raiozinhos da democracia, com a possibilidade de ter uma nova Constituição, de eleger presidentes. Tínhamos muita esperança, sabem aquele frágil inseto da crônica da Lispector (que vocês tiveram que ler?...), pois é, tínhamos ela pousada no braço.

Nesses 35 anos que separam essas duas experiências, a minha e a de vocês, o jornalismo e o ensino de jornalismo mudaram radicalmente.

Mas nos coube, juntos, atravessar uma mesma experiência histórica, quase inenarrável, e que talvez só possa ser mesmo entendida no futuro, quando vocês forem mais velhos: essa distância física, máscaras que escondem o rosto,



mais de 500 mil mortos, uma dor profunda e, pior, vimos também indiferença a essa dor.

Mas se madrinha tem o poder das boas fadas, eu quero que sopra em vocês um vento luminoso da saúde e da delicadeza. Que vocês encontrem no jornalismo um lugar de satisfação, um lugar de prazer em contribuir na nossa breve passagem pelo mundo. Que vocês honrem nossa profissão, hoje tão aviltada pela guerra de narrativas e, infelizmente, por outra praga, a do consumo coletivo da desinformação.

Criem no jornalismo uma possibilidade de escuta, da escuta sensível e profunda, da escuta crítica, que põe o mundo e a palavra em crise, que tem a consciência de que nada, na cultura, é natural. Que vocês não desanimem, que possam escutar a si mesmos, ao que os identifica, mas que possam escutar aos outros, aquilo que nos é estranho ou diferente.

Vou me apropriar de expressão bem conhecida de Walter Benjamin, “história a contrapelo”. Eu desejo que vocês também possam fazer jornalismo a contrapelo. Que vocês também se interessem pelo pequeno, por aquilo que não é contado, pelo que não é notável, pelas beiras e pelas margens.

No início dos anos 30, quando a guerra despontava no horizonte da Alemanha, Benjamin não descuidou um segundo dos programas que fazia para crianças no rádio. Ele queria mostrar pra elas a Berlim dos que brincavam, mas também a Berlim dos que trabalhavam, e o porquê daquela cidade ter tantos muros. Quando o programa começava à noitinha, ele acendia pequenas lanternas na escuridão.

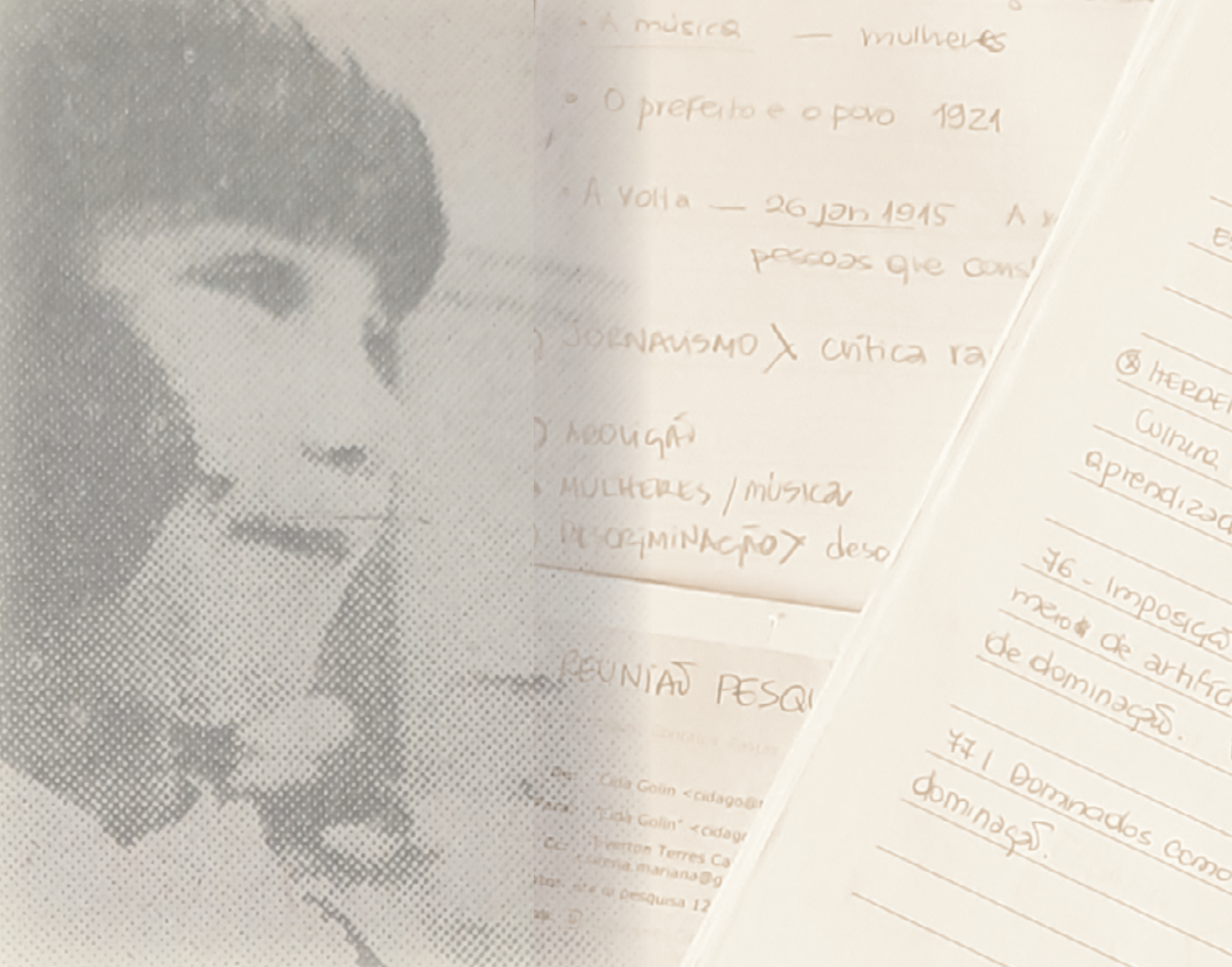
Com o jornalismo, é possível acender lanternas na escuridão!

Meus queridos, toda a sorte do mundo pra vocês!

Muito obrigada!

Porto Alegre, 25 de junho de 2021





relação entre indivíduo e sociedade.
 como objeto o Gosto — pre-
 julgamentos decorrem da posição do
 no seu espaço social, no seu HABITUS.
 2. leis tendenciosas
 — posição do indivíduo
 — grupo na estrutura so-
 cial
 escolar é uma herança para uns e um
 pecado, ou melhor, um ACULPAÇÃO para outros.
 dos conteúdos de excelência se faz por
 ou que ocultam relações de classe e
 violência simbólica.
 cúmplices de





Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.

AZZOLINO, Adriana *et al.* **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

BACHELARD, Gaston. Devaneio e rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Volume 1. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BAUDOUIN, Philippe. Féeries radiophoniques. Walter Benjamin au microphone. **Les Cahiers Philosophiques de Strasbourg**, v I, p. 113 – 137, 2010.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. NOVAES, Adauto. (Org.) **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CASSIN, Barbara. **La nostalgia**. Ulises, Eneas, Arendt. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2014.

CAVALCANTI, Anna. **A experiência do tempo no jornalismo cultural**. 2020. 231 f. Tese. (Doutorado em Comunicação e Informação) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar**. O escritor como caminante. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

FELIPPE, Eduardo Ferraz. Renovar votos com o futuro: nostalgia e escrita da história. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 10, n. 25, p. 117– 134, dezembro 2017.

FERREIRA, Claudiney. **Mapeamento: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008**: carteira professor de graduação. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **Ética, sexualidade, política**. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLIN, Cida. A identidade da Alice de Lewis Carroll. In: Maria Zaira Turchi; Vera Maria Tietzmann Silva. (Org.) **Literatura infanto-juvenil**: leituras críticas. 1 ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2002, p. 47-60.

GOLIN, Cida; GRUSZYNSKI, Ana. Parâmetros do sistema artístico e cultural no jornal Diário do Sul (1986-1988): a centralidade da economia na cobertura de cultura. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 40, p. 36-46, dezembro de 2009.

GOLIN, Cida. O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. especial, p. 67-78, out. 2010.

GOLIN, Cida; MULLER, Mariana. Jovens editores no período da redemocratização: panorâmica da revista Oitenta (1979-1984) da editora L&PM. In: STRELOW, A. *et al.* Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da FABICO|UFRGS. (Org.) **Comunicação e redemocratização no Rio Grande do Sul**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2014.

GOLIN, Cida *et al.* Jornalismo cultural: pesquisa internacional sobre artigos registrados em base de dados. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 8, p. 1-20, 2014.

GOLIN, Cida; KELLER, Sara; ROCHA, Julia. As diversas fases da cultura em formato de suplemento no jornal Zero Hora: panorama histórico. **10º Encontro Nacional de História da Mídia**, Rede Alcar, Porto Alegre, 2015.

GOLIN, Cida. Era uma vez um Correio Infantil: o protagonismo do leitor na página das crianças do Correio do Povo (Porto Alegre, RS, 1958-1984). In: **Edição**: agentes e objetos [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018a.

GOLIN, Cida; ALFONSO, Luciano. Uma professora no jornal: a trajetória de Maria de Lourdes Sá Britto no Correio Infantil. In: STRELOW, Aline *et al.* **Perfis da Comunicação: trajetórias profissionais no Rio Grande do Sul**. Florianópolis: Insular, 2018b. 298

GRUSZYNSKI, Ana; MARTINS, Bruno, GONÇALVES, Márcio. **Edição: agentes e objetos** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JACKS, Nilda; MORIGI, Valdir; OLIVEIRA, Lizete. (Orgs.) **Porto Alegre imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LOPEZ, Luiz Carlos. Comunicação e museus: o material e o simbólico. **Conexão**, Universidade de Caxias do Sul, v. 2, n. 4, p. 201-209, 2003.

KELLER, Sara. **Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno Cultura (2010), de Zero Hora**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KRONBAUER, Janaíne. Lacunas na formação de professores de jornalismo. In: MEDITSCH, Eduardo. (Org.) **Pedagogias do jornalismo: desafios, experiências e inovações**. Florianópolis: Insular, 2020.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**. Editoras de oposição no Brasil, 1971-1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função da universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

MENEZES, José Eugênio O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007. 155 p.

MONTEIRO, Pedro Meira. A primeira aula: o vazio e a literatura. In: MONTEIRO, Pedro Meira (Org.) *et al.*

A primeira aula: trânsitos da literatura brasileira no estrangeiro. São Paulo: Itaú Cultural / Hedra, 2014.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **História popular de Porto Alegre.** Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Campinas: Papirus, 1994. 327 p.

SILVA, Armando. **Imaginarios Urbanos:** hacia la construcción de un urbanismo ciudadano: metodología. Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de la Colombia, 2004.

STRELOW, Aline; GRUSZYNSKI, Ana. Comício pelas Diretas Já em Porto Alegre: a cobertura do jornal Zero Hora. In: STRELOW, A. *et al.* Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da FABICO|UFRGS. (Org.) **Comunicação e redemocratização no Rio Grande do Sul.** 1 ed. Florianópolis: Insular, 2014.

VECCHI, Roberto. Microfísica dos poderes: as topografias fragmentárias da literatura brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene. **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea.** Porto Alegre: Zouk, 2015.



WEST VILLAGE



WEST VILLAGE



NOTEBOOK

Be free

LEGAMI MILANO

O sonho é sua vida e vida é trabalho

Gonzaquinha

Agradecimentos

*Minha gratidão a tantas pessoas
que estão nas linhas
e entrelinhas deste relato.*

*Meu agradecimento simbólico,
de coração, a Claudio Alano e à
Ana Gruszynski que, por terem feito
memoriais tão sensíveis e potentes,
me estimularam e encorajaram
a fazer o meu.*

Porto Alegre, agosto de 2021


Composto em
Merriweather
no inverno
de 2021